UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS DE
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

IRACI JUDITE LACERDA

Personagens engajadas em sociedade de classes: uma leitura comparativa entre O Tempo e o Vento, de Érico Veríssimo, e Levantado do Chão, de José Saramago.

São Paulo
2007

IRACI JUDITE LACERDA

Personagens engajadas em sociedade de classes: uma leitura comparativa entre O Tempo e o Vento, de Érico Veríssimo, e Levantado do Chão, de José Saramago.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Professor Dr. Benjamin Abdala Junior.

São Paulo

2007

Dedico:

À minha mãe,

por me ensinar a valor da poesia sem saber que ela existia.

Ào meu pai,

por indicar, ainda na minha infância, os caminhos da transformação.

Agradecimentos:

○ meu profundo reconhecimento e carinho se estendem às pessoas que acompanharam essa caminhada tornando menos trabalhoso a retirada dos obstáculos:

À Ivete e ao Francisco, irmãos, na alegria, na tristeza e no silêncio;

Ao Marcelo, "camarada e amante", sempre disposto à troca de idéias e comentários;

À sobrinha Priscila, à tia Mariquinha, às amigas Alessandra, Emília, Silene, Maria de Moura, Valéria, aos amigos Jorge e Robson por sentirem e reclamarem tão profundamente a minha ausência;

Ao Espaço Socialista pelo empenho constante em transformar o engajamento de esquerda em engajamento revolucionário;

Às professoras e professores da E.E. Antonio Adib Chammas, que na labuta diária, aprendem a perder o medo de ousar;

À amiga Francisca, por apresentar-me a área de Estudos Comparados, e ao amigo Eduardo pelo acompanhamento. Ambos por caminharmos juntos desde a graduação na Fundação Santo André;

Aos camaradas Zé Alemão e Bender (Gaúcho) por deixarem espontaneamente a biblioteca pessoal em outras mãos;

À Flávia Maria e Regina Possebon pelas leituras;

Às professoras Maria de Lourdes, da Fundação Santo André; Elza Miné, Benilde, Vima e Fabiana, da Universidade de São Paulo, por extraírem da literatura um sublime sentimento de troca;

À Susanna Ventura, Débora Leite, Vera Maquêa, Alzira e Luzia pelas valiosas e recentes relações de amizade;

À CAPES pela bolsa de estudo concedida;

À Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, em especial às funcionárias do Centro de Estudos Portugueses, aos funcionários do Departamento de Estudos Comparados e do Serviço de Pós-Graduação;

Para finalizar gostaria de expressar o meu contentamento por encontrar pessoalmente, na disciplina de Literatura, história e política, em 2003, aquele que até então representava para mim uma importante referência bibliográfica, o professor Benjamin Abdala Jr. Observá-lo em sala de aula ou em movimento na universidade permite-nos compreender a importância da permanente busca em trocar as rígidas fronteiras geográficas por fronteiras de solidariedade que superem os limites da universidade e uma pensamento e ação numa dinâmica transformadora de valorização das relações humanas.

*Minha lua, navega serena
Vai de Ipanema ao céu do Irã
Para ela, a moda não é tudo
A guerra não duvida o dia de amanhã*

*Minha lua, corre apaixonada
E a passarada, segue seu corcel
Ó lua, ó nua rainha
Ó a lua é minha, é de quem quiser*

*Oh a lua, a lua é das princesas
E com mais certeza será dos garis
Dos cantores, dos trabalhadores
Será dos atores, quando a noite cair
E será também dos prisioneiros
Será dos canteiros, e do chafariz*

*Oh lua, lua é da cidade
Da humanidade, e de quem quiser*

"Canto Lunar" - Tarancón

Resumo

O presente estudo comparativo aproxima o discurso literário de *O Tempo e o Vento*, do escritor brasileiro Érico Veríssimo, e *Levantado do Chão*, do escritor português José Saramago.

Observamos em *O Tempo e o Vento* que as relações humanas são focalizadas e desenvolvidas a partir do modo de vida e das preocupações das personagens proprietárias. Os conflitos existentes expressam o auge e a decadência moral de um estrato da sociedade brasileira e dão lugar a disputas políticas e ideológicas para a manutenção da ordem social vigente. Em *Levantado do Chão* o modo de vida e as preocupações das personagens são apresentadas ligadas diretamente aos interesses das personagens trabalhadoras do campo. O conflito social constitui o sistema opressor português e a resistência decorrente desafia a ordem.

As ações políticas das personagens, no sentido de manter ou resistir à ordem social vigente, podem ser apreciadas a partir de uma longa época histórica integrante do tempo nas narrativas, que salienta a queda da monarquia, os grandes acontecimentos locais, a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial e aborda o início e o fim do Estado Novo em ambos os países. Assim, visualizamos os aspectos semelhantes entre as personagens em atividade política e ressaltamos aspectos diferenciadores como classe social, ideal socialista e intensidade de atuação, a fim de acompanharmos a trajetória do engajamento durante o século XX.

Palavras-chave: literatura engajada, Érico Veríssimo, José Saramago, classes sociais, engajamento.

Abstract

The following comparative study approaches the literary speech of the books “O Tempo e o Vento”, of the Brazilian writer Érico Veríssimo, and “Levantado do Chão”, of the Portuguese writer José Saramago.

We observe in “O Tempo e o Vento” that the human relations are focused and developed from the way of life and concerns of the proprietors personages. The existing conflicts express the height and the moral decay of a segment of the Brazilian society and yields to political and ideological disputes for the maintenance of the established social order. In “Levantado do Chão” the personages way of life and their concerns are presented directly connected to the interests of the field-working personages. The social conflict brings to the present time the constitutive deadlock of the Portuguese oppressing system and the resistance that comes from it defies the establishment.

The political actions of the personages, in order to keep or to resist to establishment, can be taken into account from a long historical time which integrates the time in the narratives that brings out the fall of the monarchy, the great local events like the World War I, the Russian Revolution, the Spanish Civil War, World War II and approaches the beginning and the end of the New State in both countries. Thus, we visualize the similar aspects between the personages into political activity and stand out aspects which differentiate them like social class, socialist ideals and intensity of performance. This classification is to follow the trajectory of the political engagement during century XX.

Key words: engaged literature, Érico Veríssimo, José Saramago, social class, engagement.

Sumário

Introdução: O encontro em diferentes caminhos.....	10
1. Entre se posicionar e posicionar-se.....	19
2. Contar para recontar.....	25
3. Uma reapropriação do termo <i>engajamento</i>	27
3.1. Considerações históricas do <i>engajamento</i> político.....	28
3.2. O escritor no ambiente do <i>engajamento</i>	38
3.3. O <i>engajamento</i> no romance.....	43
4. <i>O Tempo e o Vento</i> e <i>Levantado do chão</i> : A longa trajetória de <i>engajamento</i> das personagens.....	54
4.1. Da Monarquia à República: Mulheres lutam por sobrevivência.....	57
4.2. <i>O Tempo e o Vento</i> no caminho do <i>engajamento</i>	60
4.3. <i>Levantado do Chão</i> , o <i>engajamento</i> no caminho.....	77
4.4. O encontro e o confronto no <i>engajamento</i>	87
5. O chão das transformações: A ocupação e a posse de terras na divisão social do trabalho.....	89
6. O Tempo das transformações: Do início ao fim do século XX.....	121
6.1. Encontro e desencontro na trajetória do <i>engajamento</i>	151
Conclusão: A impossibilidade do fim.....	152
Referências Bibliográficas.....	159
Apêndices.....	167

Introdução: o encontro em diferentes caminhos

Quem vai
evitar que os ventos
batam portas
mal fechadas
revirem terras
mal socadas
e espalhem
nossos lamentos

(Pablo Milanés e Chico Buarque)

O presente estudo comparativo visa aproximar o discurso literário de *O Tempo e o Vento*,¹ do escritor brasileiro Érico Veríssimo, e *Levantado do Chão*,² do escritor português José Saramago.

A compreensão de que literatura envolve um sistema nacional de obras ligadas por denominadores comuns e inter-relaciona escritores, obras e públicos³ possibilita-nos pensar no macrossistema, proposto por Benjamin Abdala Jr.,⁴ que visualiza a articulação e a inter-relação entre os sistemas estruturados dos países de língua portuguesa⁵ e as questões que as envolvem.

Comparar duas obras pertencentes a sistemas literários nacionais diferentes pode se dar de diversas formas e levar a diversos caminhos. Optamos por seguir a trajetória já iniciada pela área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua

¹ VERISSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984. A trilogia – *O Continente*; *O Retrato* e *O Arquipélago* – começou a ser escrita em 1947 e foi publicada em 1962.

² SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. São Paulo: Record, 1996. Publicado em 1980.

³ Segundo Antonio Candido o sistema literário é formado de “obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase”. Este sistema literário pressupõe uma articulação entre autor-obra-público. In: *Formação da Literatura Brasileira*. 8ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997. Vol 1.

⁴ ABDALA JR., Benjamin. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1989, p. 12

⁵ América Latina: Brasil; África: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe; Ásia: Macau, Goa, Timor Leste; Europa: Portugal.

Portuguesa,⁶ que reage a imposição de modelos definidos por países hegemônicos e importados acriticamente e rompe com o isolacionismo ao propor articulações político-culturais com os países da América Latina e os de língua portuguesa com valorização das relações humanas.⁷ Para tanto buscamos destacar duas importantes aproximações da teoria da literatura comparada a esse comparatismo: A primeira diz respeito ao princípio internacionalista da produção intelectual abordado por René Etiemble⁸ a partir da contribuição de uma elaboração de Karl Marx:

As obras de uma nação tornam-se propriedade comum de todas as demais. A estreiteza de espírito e o exclusivismo nacionais não podem mais ser admitidos; a partir de numerosas literaturas nacionais e mesmo regionais forma-se, de agora em diante, uma literatura universal

Etiemble retoma esta contribuição para reconhecer a necessidade das trocas entre a civilização humana e a potencialidade da literatura comparada neste feito, sem que seja ordenado o privilégio de um ou outro país.

A segunda importante contribuição diz respeito ao estudo das relações da literatura com diferentes áreas do conhecimento ou da expressão humana conforme apresentado por Henry H. H. Remak:

A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música), a filosofia, a história, as ciências sociais (por exemplo, a política, a economia, a sociologia), as ciências, a religião, etc.⁹

⁶ A área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, formada na década de 1970, é pioneira no Brasil. Tem sistematicamente contribuído para a formação de professores que buscam, através da literatura, uma forma alternativa de aproximação e contato e tem fornecido subsídios para efetivação da Lei 10.639 que institui a obrigatoriedade do ensino sobre História e Literatura da África e Cultura Afro-Brasileira no currículo das escolas brasileiras. Ver entrevista de Maria Aparecida Santilli e Benjamin Abdala Júnior à Revista Crioula. Disponível em www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula

⁷ ABDALA, JR., Benjamin. *Fronteiras Múltiplas, Identidades Plurais*. São Paulo: SENAC, 2002. p. 27.

⁸ “Crise da Literatura Comparada?”. COUTINHO, Eduardo. e CARVALHAL, Tânia Franco. (orgs.) *Literatura Comparada. Textos Fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 191-198.

⁹ “Literatura Comparada: Definição e Função”. Ibid., p. 175-190.

Aproximamos a “escola francesa” e a “escola americana” para antropofagiá-las sem descaracterizar a comunidade de língua portuguesa e sem sucumbir à estandardização dos produtos culturais, da qual trata Benjamin Abdala Jr.¹⁰

Desta forma, adotamos como objeto de análise estas duas importantes obras publicadas durante o século XX, fundamentais no percurso de cada escritor integrante do “imaginário político das tendências literárias engajadas”. A fim de visualizarmos alguns aspectos do engajamento político de personagens, instituímos uma via de diálogo com a história e as ciências sociais para o entendimento de ambas as obras e das realidades sociais a que estão inseridas.

A escolha pela aproximação destas obras se justifica por dois principais motivos: Primeiro, por apresentarem um longo tempo histórico capaz de nos fornecer uma ampla visão, por meio do discurso literário, de uma sucessão de eventos que dinamizou o caminhar destas personagens. Segundo, por identificarmos uma dicotomia importante na trajetória da *personagem engajada*.

Da leitura de *O Tempo e o Vento* depreendemos que as relações humanas são focalizadas e desenvolvidas a partir do modo de vida e das preocupações das personagens proprietárias. As transformações ocorridas em seu seio representam o auge e a decadência moral de um estrato da sociedade brasileira e dão lugar a disputas políticas e ideológicas para a manutenção da ordem social vigente.

Em *Levantado do Chão* o modo de vida e as preocupações das personagens são apresentadas ligadas diretamente aos interesses do trabalhador camponês. O conflito social constitui o sistema opressor português e a resistência decorrente desafia a ordem.

¹⁰ Fronteiras múltiplas, identidades plurais. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

À medida que observamos comparativamente as duas obras, notamos no posicionamento político das personagens engajadas esta dicotomia entre a manutenção e a resistência à ordem.

A partir da resistência, – segundo Alfredo Bosi, esta deve ser concebida como um momento no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente os esquemas das interações, dá um salto para uma posição de distância e, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições¹¹ – conceito que pode ser apropriado pela ficção, os caminhos da transformação social são traçados em *O Tempo e o Vento* e *Levantado do Chão*, mas expõem a complexidade das relações sociais e políticas.

Os caminhos trilhados por Érico Veríssimo e José Saramago para enfatizarem essas relações particularizam o *status* dessas personagens e dão visibilidade ao drama da divisão existente na sociedade. Ambos elaboram esteticamente, como um processo inerente à escrita, a tensão entre ordem e resistência. No entanto, o modo como ficcionalizam esta tensão expõe em cada obra perspectivas antagônicas sobre as possibilidades de transformação da realidade social de seus países.

Assim, o diálogo proposto objetiva comparar as diversas formas de posicionamento político existentes nas obras e a reapropriação do termo engajamento, com a finalidade de verificar sua atualidade e diversas formas de manifestação.

Para tanto supomos que o posicionamento político seja diferente de engajamento. É coerente atribuímos o engajamento somente a uma parcela das personagens que se posicionam? Há diferenças existentes no engajamento? O engajamento atingiu seu apogeu e queda durante o século que se encerrou?

¹¹ *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 134.

Este estudo comparado concentra sua atenção, inicialmente, no entendimento do conceito de engajamento político e tem como base o estudo de Benoît Denis.¹²

Relacionamos esta discussão a acontecimentos históricos e ao conceito de ideologia, de acordo com o pensamento marxista disposto por István Mészáros e apresentamos um recorte, a nosso ver necessário, entre engajamento do escritor e literatura engajada.

Aliam-se a este, Benjamin Abdala Jr. – ao apontar as tendências literárias engajadas para situar as produções literárias de língua portuguesa no contexto internacional; Mikhail Bakhtin – ao estabelecer uma ligação entre o código ideológico e a enunciação no romance e ao afirmar que o homem no romance pode agir, mas tem sua ação sempre iluminada ideologicamente e sempre associada ao discurso, que possui um motivo ideológico e ocupa uma posição ideológica definida¹³ e Irving Howe – ao propor a distinção de romance político para as obras em que são dominantes as idéias políticas ou no qual o meio político é cenário dominante e apresentam diretamente personagens com consciência de classe.

A literatura engajada que faz voltarmos-nos para as gradações dentro da sociedade e nos faz refletir sobre o destino da sociedade em si, também nos faz pensar o engajamento pressupondo que há uma lógica de funcionamento da sociedade, que leva a este tipo de manifestação.

Assim, para melhor compreendermos este funcionamento e as relações sociais existentes nas obras adotamos alguns conceitos marxistas como classes sociais, meios produção e força de trabalho elucidados por Marta Harnecker, István Mészáros e Paul Singer.

¹² DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: Edusc, 2002. Tradução de Luiz Dagobert de Aguirra Roncari.

¹³ *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 136.

Notamos que para atingirmos os objetivos propostos, necessitávamos ainda aludir os demais elementos internos estabelecendo uma linha de análise colada ou em relação direta com os aspectos históricos e políticos, essenciais para elucidar o tema do engajamento, a fim de observá-lo em funcionamento na constituição da estrutura das narrativas, como bem abordada por Antonio Candido.¹⁴

Inicialmente observamos que a longa época histórica integrante do tempo nas narrativas, através da técnica de retrocesso, salienta a queda da monarquia, os grandes acontecimentos locais, a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial chegando ao início e ao fim do Estado Novo em ambos os países.

Focamos particularmente o tempo cronológico e a projeção do tempo histórico nas narrativas auxiliados pelas contribuições de Benedito Nunes, Donald Schuler, Roland Bourneuf e Real Ouellet relacionadas às idéias em circulação e ao tempo real. Para isto revisitamos especialmente Eric Hobsbawm; A. H. de Oliveira Marques, José Hermano Saraiva e Lincoln Secco, sobre a história de Portugal; Leôncio Basbaum e Francisco M. P. Teixeira, sobre a história do Brasil.

Posteriormente observamos o espaço físico nos romances que, de forma ampla, identificamos como localizado em duas pequenas cidades interioranas uma situada ao Sul do Brasil e a outra ao Sul de Portugal.

Relacionamos o fato de não haver muitas mudanças de lugares nas obras com a importância de se desenvolver, em Santa Fé, relações políticas locais e, em Monte Lavre, com a necessidade de estabelecer laços de solidariedade entre as personagens.

¹⁴ *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 6

A partir desta identificação poderíamos abordar somente a ocupação e a diferenciação destes espaços físicos e o distanciamento, ou a divisão entre campo e cidade. No entanto, procuramos observar estes espaços focando o lugar ocupado pelas classes sociais representadas nas narrativas. Assim, tivemos a necessidade de girarmos nosso olhar sobre todo o ambiente onde se desenvolvem as ações dessas classes e focarmos especificamente as ações políticas de uma parcela das personagens.

Como as ações das personagens ativas politicamente não se desenvolvem, do início ao final das narrativas, unicamente ligadas aos aspectos políticos propomos uma denominação específica de *ambiente do engajamento*, para englobar diretamente os espaços ocupados por estas personagens no momento da atividade política e os partidos políticos dos quais participam propondo e encaminhando ações.

Pensamos na distinção entre espaço e ambientação discutida por Antonio Dimas e aproximamos este ambiente à ambientação dissimulada, que exige da personagem ativa a harmonização entre o espaço e a ação. Entendemos esta personagem como ativa politicamente, capaz de entrar em ação para manter ou transformar o meio em que vive.

Seguindo um caminho indicado por Érico Veríssimo atribuímos maior importância à personagem do que tudo mais¹⁵ e chegamos assim nas funções assumidas pelas personagens em cada narrativa.

Inicialmente percebemos a necessidade de destacar as personagens ativas politicamente das demais. Em seguida notamos que estas se diferenciavam entre si.

¹⁵ “A liberdade de escrever”. Entrevista a Heloneida Studart, 1975. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *A liberdade de escrever*. São Paulo: Globo, 1999, p. 207.

Buscamos aproximar esta diferenciação às funções propostas por Etienne Souriau¹⁶ e identificamos a ausência de um diferenciador político.

Dessa forma, optamos por propor uma “classificação” diferenciada para as personagens em atividade política, de acordo com o nível de intensidade na atuação, a saber: engajada, atuante, participante e tarefeira.

O percurso transcorrido a partir do diálogo estabelecido entre as narrativas, naturalmente, nos fez refletir sobre o contexto em que foram escritas, logo após o fim do Estado Novo em ambos os países, e as perspectivas políticas dos escritores. Assim, desenvolvemos no capítulo *Por uma reapropriação do termo engajamento* uma visão de engajamento político, que questiona a partir de alguns acontecimentos históricos, o uso do termo apenas associado aos ideais “*de esquerda*” e diferencia posicionamento político do escritor de literatura engajada.

No capítulo subsequente *O Tempo e o Vento e Levantado do Chão: A longa trajetória de engajamento das personagens*, apresentamos as personagens ativas politicamente e identificamos os aspectos que diferenciam as personagens engajadas. Recorremos a algumas canções que seus fragmentos nos auxiliaram em complementar as imagens apreendidas com a leitura.

Em *O chão das transformações: a ocupação e a posse de terras na divisão social do trabalho* observamos a divisão entre as classes sociais existente nas obras, o lugar de onde fala cada *personagem engajada* relacionado à classe social e ao seu partido político e o que motiva suas ações.

Por fim em *O tempo das transformações: Do início ao fim do século XX* procuramos estabelecer uma relação entre as idéias que motivam as ações das

¹⁶ Apud BOURNNEF, Roland e QUELLET, Real. *O Universo do Romance*. Coimbra: Almedina, 1976, p. 201-279.

personagens e de suas organizações políticas e as idéias predominantes em cada tempo.¹⁷

Pensamos com este encontro, contribuir com o engajamento que além de unir os sonhos coletivos da transformação social busca a unidade daqueles que solitários produzem riquezas e conscientes assumem as respectivas responsabilidades políticas, mesmo com o fato de chegarmos no início do século XXI ouvindo sobre o seu fim.

¹⁷ Foi importante para darmos vazão a esta estrutura de capítulos contarmos com várias citações de falas das personagens, para isto adotamos algumas siglas necessárias para dinamizar o trabalho. Em *o Tempo e o Vento*, dividida em quatro partes, temos: C., para *O Continente*; R., para *O Retrato*; A.I para *O Arquipélago I*; A.II para *O Arquipélago II*. Em *Levantado do Chão* adotamos LC.

1. Entre se *posicionar* e *posicionar-se*

*Vamos andar
com todas as bandeiras
trançadas de maneira
que não haja solidão...
vamos andar
para chegar a vida.*

(Silvio Rodriguez)

O diálogo estabelecido entre *O Tempo e o Vento* e *Levantado do Chão* a fim de repensarmos o engajamento nos faz girar o olhar às trajetórias pessoais de Érico Veríssimo e José Saramago e estabelecer um vínculo entre o tempo vivido por ocasião da escrita das obras e as sociedades a que pertencem. Ao trazerem os traços da realidade para suas obras combinam a reprodução com a invenção e estabelecem a relação entre obra e sociedade, o que nos obriga a compreender estas produções tendo como referência o contexto brasileiro e o português.

Nascido em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, em 1905, Érico Veríssimo iniciou sua trajetória profissional como bancário e sócio de uma farmácia. Sua carreira literária desenvolve-se em Porto Alegre na *Revista do Globo* onde se torna, a partir de 1930, redator, secretário e posteriormente conselheiro editorial. Em 1943 leciona na Universidade de Berkeley nos Estados Unidos e dez anos depois é diretor da secretaria de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos.

Embora publique livros de contos, de histórias infantis e de memórias atemo-nos à publicação dos romances: *Clarissa*, *Música ao longe*, *Caminhos cruzados*, *Um lugar ao sol* e *Olhai os lírios do campo*, na década de 1930. *Saga*, *O Resto é Silêncio* e *O Tempo e o Vento*, iniciado em 1947 sendo o último volume publicado em 1962. Ainda na década de 1960 *O senhor embaixador* e *O prisioneiro*. E *Incidente em Antares* em 1971.

Durante parte desse período, a cena política brasileira contava com o Estado Novo getulista, a polícia política controlava toda a atividade cultural e combatia os inimigos do regime. Segundo Maria da Glória Bordini,¹⁸ com o fim da Segunda Guerra Mundial os movimentos pró-Eixo se proliferam e o Partido Comunista se consolida com o apoio cego do socialismo brasileiro ao stalinismo; no entanto, Érico Veríssimo, “intelectual liberal” se sente cercado por todos os lados e sem saída se dispõe a redigir *O Continente* como forma de voltar ao passado, em busca de entender o presente.

O retorno ao passado – que faz com que Érico Veríssimo concorde com “a idéia de Marx de que ‘a história nada faz... é o homem, o homem vivo e real quem faz tudo. A história é apenas a atividade do homem na busca de seus objetivos’”¹⁹ – não o faz posicionar-se a favor de uma sociedade em que a atividade do homem esteja a serviço do próprio homem, mas transfere para algumas de suas personagens a respectiva decisão.

Em 1967, em uma entrevista a Adolfo Braga, esclarece: “Não participo da política por falta de talento e de gosto. O partido é uma imposição, uma prisão, e eu prefiro pensar, não em termos de expansão econômica e territorial, mas em termos de vidas humanas”.²⁰ Ou seja, a volta ao passado que o possibilitou recontar a história do Rio Grande e, de certa forma, do Brasil ainda o mantém preso, em plena década de 1960, à falsa idéia de que a política não trata de vidas humanas, portanto apresenta apenas posições políticas.

¹⁸ BORDINI, Maria da Glória. ZILBERMAN, Regina. *O Tempo e o Vento. História, Invenção e Metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 77

¹⁹ “A agulha da bússola”. Entrevista a Rosa Freire D’Aguiar, 1973. BORDINI, Maria da Glória (Org.). *A liberdade de escrever*. São Paulo: Globo, 1999, p. 177-198.

²⁰ “Prisioneiros”. Ibid., p. 35-42.

Mas, o passado como explicação do presente o fez compreender melhor a própria realidade brasileira e desmascarar com a escrita de *O Tempo e o Vento* os sustentáculos do regime ditatorial.

José Saramago, nascido em 1922, em Azinhaga, pequena aldeia da província de Ribatejo, teve sua trajetória profissional iniciada como mecânico em hospitais públicos de Lisboa passando posteriormente a funcionário público. Em 1955, depois de abandonar o serviço público, trabalha na editora Estúdios Cor. Durante 1974 foi nomeado diretor-adjunto do jornal *Diário de Notícias*, abandonando o trabalho em 1975 para dedicar-se a escrever.

Entre contos, poesias, peças de teatro, contos infantis e diário produz renomados romances. Em 1977 publica sua primeira obra ficcional *Manual de pintura e caligrafia*. Na década seguinte publica *Levantado do Chão*, *Memorial do Convento*, *O ano da morte de Ricardo Reis*, *A jangada de pedra* e *História do cerco de Lisboa*. Na década de 1990 lança *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, *In nomine Dei*, *Ensaio sobre a cegueira*, *Todos os nomes*. Em 2000 publica *A caverna*. Em 2002 *O homem duplicado*. Dois anos depois *Ensaio sobre a lucidez*. Em 2005 *As intermitências da morte*. E no último ano *As pequenas memórias*.

A produção literária de José Saramago, embora tenha sido intensa após o regime ditatorial salazarista, derrotado em abril de 1974, traz em si as marcas desse longo período na vida portuguesa. Período que inquieta o escritor pela impossibilidade de correção, mas que o faz voltar ao passado para “substituir o *que foi* pelo o *que poderia ter sido*”. O argumento para tamanha pretensão revela em si uma das formas de posicionar-se, através da escrita:

se a leitura histórica operada pelo romance for uma leitura crítica, essa operação poderá provocar uma instabilidade, uma vibração temporal, uma perturbação, causadas pelo confronto entre o que sucedeu e o que poderia

ter sucedido, como se, saudavelmente, os fatos começassem a duvidar de si próprios [...] ²¹

Com a convicção de que “somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos”, José Saramago desde muito jovem se liga às questões políticas e ao Partido Comunista. Em 1994, vinte anos após os acontecimentos de Abril, insiste que a única forma de restituir o sentido humano de dignidade e de solidariedade é regressar ao pensamento socialista. A compreensão do passado, para José Saramago, representa reafirmar uma posição crítica no presente para que o futuro seja garantido:

Não devemos aceitar que a justa acusação e a justa denúncia dos inúmeros erros e crimes cometidos em nome do socialismo nos intimidem: a nossa escolha não tem por que ser feita entre socialismos que foram pervertidos e capitalismo perversos de origem, mas entre a humanidade que o socialismo pode ser e a inumanidade que o capitalismo sempre foi.²²

A relação de Érico Veríssimo e José Saramago com a história e a política nos leva a pensar na abordagem da realidade apresentadas nas obras. E se por um lado Érico Veríssimo ajuda a carregar o triunfo “*do social*” contraposto às tendências espiritualistas e religiosas”,²³ por outro, José Saramago permite a junção dos problemas sociais, religiosos, políticos e econômicos do seu tempo ao seu posicionamento político para desmistificar as contradições existentes.

Assim, podemos considerar que a obra *O Tempo e o Vento* se aproxima da abordagem neo-realista e *Levantado do Chão* apresenta as respectivas características.

De uma forma ou de outra entendemos que os escritores próximos do neo-realismo ou os reconhecidamente neo-realistas se apresentam sensíveis a três fenômenos de naturezas distintas, embora interligados: crise econômica do final dos

²¹ SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 623.

²² SARAMAGO, 1998, p. 421.

²³ CANDIDO, Antonio. “Érico Veríssimo de 30 a 70”. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 64-88.

anos 20, sobretudo pelas seqüelas sociais que se seguiram nos anos 30; acontecimentos político-ideológicos, como a difusão e implantação de regimes totalitários e a deflagração da Segunda Guerra Mundial.²⁴

Este tempo movimenta os escritores que com sensibilidade criam e alimentam essa tendência literária. O Neo-Realismo assume a atitude do posicionamento, ou seja, ao estar sintonizado com os problemas políticos, sociais e econômicos do seu tempo o escritor capta em cada situação narrativa o desenvolvimento da própria realidade e como forma de intervenção social e política retorna para a sociedade a sua produção.²⁵

O modo de pensar a realidade associa o movimento neo-realismo à resistência aos regimes totalitários e evidencia os conflitos sociais, a opressão de classe, a alienação e a decadência de estratos dominantes a fim de “contribuir para a conscientização do público-leitor e para caracterizar os problemas da estrutura política, econômica e social” do país, em face às transformações ocorridas no mundo.²⁶ Dessa forma, a escrita passa a caracterizar-se por ser quase uma transcrição do discurso político, decorrência da necessidade do escritor de posicionar-se.

Embora Érico Veríssimo e José Saramago compartilhem uma profunda reflexão sobre as realidades nacionais e expressem indignação diante de situações opressivas, José Saramago alimenta um ideal político, ausente no horizonte de Érico Veríssimo.

²⁴ REIS, Carlos. *Textos Teóricos do Neo-realismo português*. Lisboa: Seara Nova, 1981, p. 25.

²⁵ ABDALA JR, Benjamin. *A escrita Neo-realista*. São Paulo: Ática, 1981, p. 50-67.

²⁶ ABDALA JR, Benjamin e PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História Social da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982, p. 157.

Esse posicionamento propagado nas diversas esferas do conhecimento humano, que esteve em debate durante o século XX, levou-nos a repensá-lo a partir do nosso objeto de análise.

2. Contar para recontar

*Se se cala o cantor cala a vida
Porque a vida mesma é toda um canto.
Se se cala o cantor morre de espanto
A esperança a luz e a alegria.*

(Mercedes Sosa)

Embora constitua um outro elemento importante na análise dessas obras não atemo-nos, no corpo deste trabalho, no ponto de vista de quem narra estas histórias. Entendemos que os discursos transmitidos, como afirma José Luiz Fiorin, contêm em si, como parte da visão de mundo que veicula um sistema de valores e procuramos entendê-lo a partir das várias vozes presentes no discurso da personagem politicamente ativa.

Com isto encontramos uma dificuldade específica para observarmos o narrador em *O Tempo e o Vento*. A personagem Floriano Cambará que desempenha esta função não se apresenta envolvida em questões políticas ou atuante na organização familiar, é o intelectual que a tudo observa. E a sua atuação somente se concretizará com a publicação da história que está sendo contada sobre a decadência moral da família, que simboliza uma determinada classe social.

Sabemos da polêmica teórica que envolve a possível ou desejosa confusão entre narrador e autor, no entanto, não deixamos de considerar o reconhecimento de Érico Veríssimo em assumir Floriano como seu “sósia espiritual”²⁷ e a afirmação da necessidade de contar o que vê como uma câmara de cinema.

Estes posicionamentos podem remetermo-nos ao narrador tipo Câmera apresentado por Norman Friedman e comentado por Ligia Chiappini,²⁸ que embora tente apresentar uma certa neutralidade indica que existe alguém por trás da câmera

²⁷ “Não sou profundo”. Entrevista a Clarice Lispector, 1967. BORDINI, 1999, p. 25-32.

²⁸ *O Foco Narrativo*. São Paulo: Ática: 2005, p. 62-66.

selecionando e combinando as imagens a mostrar, neste caso, esta câmera estaria nas mãos de Floriano.

Em *Levantado do Chão* quem narra a história ora participa, ora observa, ora é uma personagem, ora são várias. É a verdadeira concretização da dinâmica esboçada por José Saramago sobre a questão: “este narrador estável poderá mesmo ser o instrumento ou o sopro de uma voz coletiva. Será igualmente uma voz singular que não se sabe donde vem e se recusa a dizer quem é”.²⁹ E conclui que conta a memória que tem oniscientemente.

Esta onisciência leva-nos a aproximá-lo do tipo onisciência seletiva múltipla, em que a história apresenta-se através da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas, sendo que a tradução de seus sentimentos, percepções e pensamentos regressam ao autor. Este regresso ao autor fortalece a afirmação de José Saramago de que somente o autor exerce a função narrativa na obra de ficção.

Diante do exposto, interessa-nos extrair de quem conta estas histórias a intencionalidade essencial de cada um em recontar a história, através de narradores-personagens, juntando os aspectos sociais e políticos para mostrar de um lado o “diagnóstico na decadência da burguesia” brasileira e de outro as forças que impulsionaram os trabalhadores portugueses.

²⁹ SARAMAGO, 1998, p. 624.

3. Uma reapropriação do termo *engajamento*

*A vida não vale nada
se eu fico sentado
depois que vi e sonhei
que em todas partes me chamam.
A vida não vale nada
se no fim o que me rodeia
não posso mudar
fora o que tenho e me ampara.*

(Pablo Milanés)

As questões que envolvem o posicionamento ou engajamento político³⁰ têm sido pensadas há muito tempo. Discussões sobre sua importância e necessidade são constantemente relacionadas à possível superação da alienação.³¹ Em contrapartida a possibilidade e a negação são submetidas ao caminho percorrido por engajados no último século.

Estas questões no universo artístico fazem-nos refletir sobre a presença do engajamento na literatura, particularmente a possibilidade e negação no romance, o que envolve o próprio escritor.

³⁰ Recorremos inicialmente às acepções do termo engajamento segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: ato ou efeito de engajar(-se); 1) contrato para prestação de serviços; 2) angariação de indivíduos para fim de emigração; derivação: sentido figurado – 3) aliciamento de adeptos para uma causa; 4) participação ativa em assuntos e circunstâncias de relevância política e social, passível de ocorrer por meio de manifestação intelectual pública, de natureza teórica, artística ou jornalística, ou em atividade prática no interior de grupos organizados, movimentos, partidos, etc.; derivação: por extensão de sentido – 5) no existencialismo, esp. o sartriano, o empenho ético e político na realização das escolhas absolutamente livres e impreteríveis, por meio das quais o ser humano inventa a si mesmo e o seu mundo; 6) termo militar: recrutamento para serviço militar, alistamento. Etimologia: engajar + *-mento*, por influxo do fr. *engagement* (sXIII) 'id.'. Provém do verbo engajar: fr. *engager* (1150) 'dar documento ou dinheiro como garantia ou caução', der. do fr. *en-* + *gage* 'caução', do lat.medv. *wadium* 'id.', latinização do b.-frânc. ant. **waddi* 'id'.

³¹ Optamos pelo conceito de alienação apresentado por Karl Marx que tem quatro aspectos principais, segundo István Mészáros, a) o homem alienado da natureza; b) alienado de si mesmo (de sua própria atividade); c) de seu ser como membro da espécie humana, como homem genérico; d) o homem alienado dos outros homens. *A Teoria da Alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 20. Neste momento pensamos estes aspectos relacionados às questões de poder e decisão. Ao serem alienados os homens em relação ao produto e a distribuição do trabalho estabelece-se o alheamento da política para uma maioria. Quem detém o produto do trabalho e decide sobre sua distribuição é a mesma parcela que decide sobre os rumos do poder. Assim o engajamento político é a iniciativa conseqüente do questionamento, desenvolvimento ou manutenção das relações de poder que mantêm o homem ativo politicamente.

Em contato com acepções de *literatura engajada* destacamos duas definições importantes que, apresentadas contrapostas, reúnem parte dos debates ocorridos no último período. A primeira identifica a *literatura engajada* como “passionalmente ocupada com questões políticas e sociais e desejosa de participar da edificação do mundo novo anunciado, desde 1917”. A segunda, mais do que uma definição, “propõe do engajamento uma leitura mais ampla e flexível e acolhe sob a bandeira uma série de escritores que [...] fizeram-se os defensores de valores universais, tais como justiça e a liberdade”.

Estas definições apresentadas como opostas entre si, como veremos a seguir, confundem, a nosso ver, escritor e obra, engajamento e atuação. Sendo que a primeira parece-nos estar na origem da afirmação de que o engajamento na literatura “parece ter perdido a pertinência”, o que sugere a guetização dos ideais comunistas.

Assim, passamos a pensar as questões do engajamento político especialmente em três aspectos: durante o surgimento e a expansão das idéias comunistas, o possível engajamento dos escritores pesquisados nesse trabalho, e diretamente no romance.

3.1. *Considerações históricas do engajamento artístico*

Com a possibilidade de a ficção transcender, no sentido de ir além, os seus próprios limites, interando os discursos da história e da política através da ação das personagens, nos é permitido observar uma forma específica do engajar: a ação direta do escritor, através da palavra artística, disposto a participar do discurso histórico.

Para tanto, se torna necessário encontrar uma definição de *engajamento* construída ao longo do tempo, pois “os empregos comuns do termo escondem uma gama de sentidos” e têm sido, geralmente, empregados com desaprovação.³²

Iniciar esse caminho com uma definição atual e que considere o local de origem da palavra, parece-nos imprescindível:

No sentido amplo e literal, significa colocar ou dar em penhor, engajar-se é portanto dar a sua pessoa ou a sua palavra em penhor, servir de caução e, por conseguinte, ligar-se por uma promessa ou juramento constrangedor. No sentido próprio, engajar-se significa também tomar uma direção. Há assim no engajamento a idéia central de uma escolha que é preciso fazer. No sentido figurado, engajar-se é desde então tomar uma certa direção, fazer a escolha de se integrar numa empreitada, de se colocar numa situação determinada, e de aceitar os constrangimentos e as responsabilidades contidas na escolha. Por conseguinte, e sempre de modo figurado, engajar-se consiste em praticar uma ação voluntária e efetiva, que manifesta e materializa a escolha efetuada conscientemente.³³

Notemos ainda, a associação entre literatura e política na definição de *literatura engajada* tratada pelo mesmo autor:

literatura engajada designa uma prática literária estreitamente associada à política, aos debates gerados por ela e aos combates que ela implica (um escritor engajado, seria em resumo um autor que “faz política” nos seus livros). Cada um situa igualmente o quadro histórico do engajamento literário e nele identifica os seus principais atores: ele desenvolve-se de uma parte a outra da Segunda Guerra, é freqüentemente associado à expansão do comunismo, da qual muitos escritores foram os “companheiros de viagem”, e encontra em Jean-Paul Sartre a sua figura de proa.

A primeira definição é importante apenas para elucidar a amplitude semântica do termo, mas por não apresentar o engajamento diretamente relacionado à política, não será objeto da presente análise. Na definição posterior encontramos o *engajamento* literário associado diretamente ao universo político, no entanto, restrito aos partidários dos ideais comunistas.

³² HOBBSAWM, Eric. “Engajamento”. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.138-154.

³³ DENIS, 2002, p. 9-31.

Jean-Paul Sartre, considerado a “figura de proa” do *engajamento* literário francês, ainda no final da Segunda Guerra, não associa o *engajamento* imediatamente aos comunistas e teme que a obra de arte torne-se apenas instrumento com utilidade:

Eu diria que um escritor é engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido [...] A obra de arte como fim absoluto se opõe, por essência, ao utilitarismo burguês. Será que ela poderia acomodar-se ao utilitarismo comunista? Num partido autenticamente revolucionário, a arte encontraria o clima propício à sua eclosão, porque a libertação do homem e o advento da sociedade sem classes são, como ela, fins absolutos, exigências incondicionadas [...]

E conclui:

Afirma-se às vezes que os nossos livros refletem as hesitações da pequena burguesia, que não se decide pelo proletariado nem pelo capitalismo. Isso é falso; nossa opção está feita. A isso respondem que a nossa escolha é ineficaz e abstrata, que é um jogo de intelectuais, caso não seja seguida por nossa adesão a um partido revolucionário: não o nego, mas não é nossa culpa se o PC não é mais um partido revolucionário.³⁴

Passados mais de cinquenta anos, Benoît Denis, persiste em trilhar o caminho da associação restrita e apresenta o aparecimento da “*literatura engajada*” determinado pela conjunção de três fatores: 1) O aparecimento, por volta de 1850, de um campo literário autônomo, independente da sociedade em geral e das instâncias de poder, com o escritor não se submetendo, a não ser a jurisdição de seus pares, constituindo uma aristocracia e recusando-se a tomar parte no debate e nas lutas; 2) A aparição do intelectual, na passagem do século XIX para o XX, que utiliza seu prestígio e competência para intervir no debate sócio-político. Sua função, ao desvincular-se da esfera literária, se sobrepõe a do escritor e estabelece, com um novo tipo de linguagem, uma concorrência, na qual o escritor ao buscar reconquistar

³⁴ SARTRE, Jean-Paul. 3ª ed. “Situação do escritor em 1947”. *Que é a Literatura?* São Paulo: Editora Ática, 2004, p. 62 e 193.

o terreno do discurso sócio-político se engaja; 3) A Revolução Russa que exerceu atração sobre a camada literária e intelectual do entre-guerras e tendeu a modificar as regras do jogo literário ao forçar o escritor a reconhecer a hegemonia da “instância política que encarna esse processo – o partido comunista – de conceder-lhe um direito de vigilância sobre a vida literária, se ele quer em troca obter, por sua parte, uma delegação para representar a revolução na literatura”. E conclui: “É, portanto, nada menos que a autonomia do campo literário que se encontra colocada em questão com a revolução de Outubro, através da confrontação que ela induziu entre campo literário e partido comunista”.³⁵

Além do aparecimento, apresenta-nos o desenvolvimento da “*literatura engajada*”, dividido em três fases: 1) de debates e acertos em que se definiu a problemática da literatura engajada, a partir do caso Dreyfus;³⁶ 2) de dogmatismo ligado à hegemonia sartreana; 3) de refluxo, inaugurada por Roland Barthes, a partir da metade dos anos 50, com o “fim da utopia revolucionária” e a “questão mesma do engajamento na literatura que parece ter perdido a pertinência”.

Desta maneira, o crítico associa o “campo literário autônomo” a dois importantes momentos históricos: Apresenta seu aparecimento após a Revolução de 1848, na França, e o seu fim com a Revolução de 1917, na Rússia, o que podemos relacionar diretamente ao surgimento e ao desenvolvimento dos ideais comunistas.

Para buscarmos uma definição de *engajamento*, que considerasse os elementos apresentados, buscamos compreender esses dois momentos históricos e relacioná-los aos nossos estudos:

³⁵ DENIS, 2002, p. 23-25.

³⁶ Conforme Denis o silêncio dos escritores de 1848 é rompido, somente cinquenta anos depois, em 1898 com a publicação de *Eu acuso* de Émile Zola que coloca em evidência o caso do capitão Alfred Dreyfus, acusado erradamente de espionagem a favor da Alemanha. DENIS, 2002, p. 209.

O primeiro refere-se aos acontecimentos históricos, um conjunto de sublevações denominado “Primavera dos Povos”, de 1848, em Paris, que se estenderam para outros países da Europa. Por trabalho e liberdade visaram à derrubada do rei e a instauração da República. Inicialmente foi instaurado o governo provisório, seguido de assembleia constituinte e depois da eleição de Luís Bonaparte, por sufrágio universal.

Nesse período, as conquistas transformaram-se de revolucionárias em reacionárias. O Estado passou a controlar, regulamentar, vigiar e tutelar “a sociedade civil, desde as suas manifestações mais amplas de vida até às suas vibrações mais insignificantes, desde as suas modalidades mais gerais de existência até à existência privada dos indivíduos” [...], ³⁷ o que chegou ao golpe de estado realizado por Luís Bonaparte em dezembro de 1851.

Neste universo, de sublevações e repressões, Benoît Denis , associa “campo literário autônomo” com “silêncio dos escritores”. Ao remetermo-nos a alguns escritores dessa época³⁸ notamos que, embora não defensores de ideais comunistas, suas criações literárias apresentam-se críticas em relação ao clero e à família passando à recente sociedade burguesa.

³⁷ MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*. Lisboa: Editorial Avante, 1982, p. 67.

³⁸ Podemos destacar os grandes nomes da literatura francesa nesse período: **Victor Hugo** exilou-se após este período. Mas em 1853 publica *Les Châtiments* – livro de poemas políticos em que lança um chamado à luta - "carregar seu fuzil e ficar preparado". Tem novas publicações em 1856 e 1859. Em 1862 publica *Os miseráveis* em que narra a situação política e social francesa no período da Insurreição Democrática de 1830; **Alexandre Dumas** “filho” publica em 1848 *A Dama das Camélias* em que apresenta um tipo de mulher irresistível diferente do seu próprio tempo. “Para ele, a criação literária devia punir a maldade e recompensar a virtude. Essa preocupação também é evidente em seus textos panfletários, propondo reformas sociais”; **Gustave Flaubert** publica em 1856 *Madame de Bovary*. Quando lançado foi levado aos tribunais acusado de ofensa à moral e à religião ao tratar do tema do adultério e pela crítica ao clero e à burguesia. Tem novas publicações em 1862, 1869 e 1877; **George Sand (Baronesa Dudevant)** publica romances sentimentais e sociais em 1849, 1853, 1873. Em 1837 adere às idéias socialistas e passa a defender um socialismo místico e humanitário; **Émile Littré** publica somente em 1873, mas tomou parte na repressão aos republicanos durante o processo revolucionário de 1848. CHASIN, J. (Org.). *Crônicas da Comuna*. São Paulo: Editora Ensaio, 1992.

Essa forma de criação, que possibilitou a manutenção do sistema literário,³⁹ é oposta ao expresso “silêncio dos escritores” por cinquenta anos. Ao inter-relacionar o “silêncio dos escritores” com a não adesão aos ideais comunistas condena tais obras ao anonimato.

Friedrich Engels, um dos primeiros membros do Partido Comunista, – que elaborou com Karl Marx, em 1848, o *Manifesto do Partido Comunista*, traduzido na França pouco antes do processo revolucionário – em uma carta a Minna Kautsky, concebe um outro caminho:

De modo algum me oponho à poesia engajada como tal [...] Mas penso que a idéia devia desprender-se por si da situação e ação, sem indicações especiais, e que o escritor não é obrigado a impor ao leitor as soluções históricas futuras dos conflitos sociais expostos [...] um romance de inclinação socialista consegue totalmente o seu objetivo, na minha opinião, se, descrever conscientemente as verdadeiras relações mútuas, destruir ilusões convencionais acerca delas, abala o otimismo do mundo burguês, e levanta dúvidas quanto à natureza eterna da ordem existente, ainda que o autor não ofereça qualquer solução definitiva nem se situe abertamente em qualquer lado definido.⁴⁰

Engels não subordina a criação artística às respostas políticas. Considera que mesmo o olhar do ser criativo, em busca de uma certa criticidade, mira as relações mutuas na sociedade.

O segundo momento histórico refere-se aos acontecimentos que mudaram a história da Rússia, em 1917, e de certa forma a história e a geografia do mundo.

Essas sublevações puseram fim ao regime czarista e possibilitaram a tentativa de implementação do socialismo científico através da “tomada de posse pela sociedade, dos *meios de produção*”.⁴¹

³⁹ CANDIDO, 1997.

⁴⁰ *Sobre Literatura e Arte. Marx – Engels*. 3ª ed. Tradução de Olinto Beckerman. São Paulo: Global Editora, 1986, p. 73.

⁴¹ A teoria do socialismo científico, apresentada por Friedrich Engels, que contribuiu para a formação de alguns dos principais líderes revolucionários russos, parte do princípio de que a causa primeira e o grande motor de todos os acontecimentos históricos devem ser procurados “no desenvolvimento econômico da sociedade, na transformação dos modos de produção e troca e nas lutas das classes

O país foi devastado, mas não se estabeleceu de imediato um Estado tutelador. Quanto à criação artística, os dois principais líderes revolucionários, Vladimir Ilich Ulianov Lenin e Léon Trotsky também reconheceram a sua importância e, em relação à literatura, apresentaram que o partido “não deveria interferir nas controvérsias e nas disputas entre as diversas escolas [literárias], assumir a posição de um círculo literário, concorrendo com outros, mas salvaguardar os interesses históricos do proletariado, no seu conjunto”.⁴²

Os primeiros anos da revolução estabeleceram uma forte conexão entre o processo revolucionário e a efervescência da arte, especialmente da literatura. Um texto do escritor Victor Serge traduzido no Brasil apresenta-nos os primeiros anos da Revolução que abalou o mundo e favoreceu a “verdadeira arte, aquela que surge naturalmente”.

Em Moscou havia vários cafés dos poetas na Rua Tverskaia [...] Serge Essênin se revelava, escrevendo por vezes a giz versos magníficos nos muros do mosteiro desocupado da Paixão [...] Lunatcharski, comissário do povo da instrução pública, entregava aos pintores futuristas (construtivistas, etc) Moscou para ser decorada, e eles transformaram as lojas de um mercado em flores gigantescas. O grande lirismo, até então confinado nos círculos literários, abria vias novas nas praças públicas. Os poetas aprendiam a declamar ou salmodiar seus versos diante de grande auditórios vindos da rua [...] ⁴³

Mas, com o país devastado pela revolução, com poucos recursos e com a necessidade de se recompor “as possibilidades econômicas e sociais foram minguando na paupérrima e gloriosa Rússia dos Sovietes” a efervescência artística.

entre si”. Sendo assim, propõe que a efetiva transformação socialista da sociedade somente se iniciará com o fim da propriedade privada dos meios de produção e troca, que serão apropriados pela sociedade de conjunto possibilitando o fim da exploração de classe. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974, p. 77-102. Assim os revolucionários russos assumiram a tarefa de contribuir para que a humanidade desse um possível salto neste sentido.

⁴² BANDEIRA, Moniz. “O marxismo e a questão cultural”. TROTSKI, Leon. *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980, p. 12. Texto datado de agosto de 1968.

⁴³ Apud PEDROSA, Mário. “A Revolução nas Artes”. FACIOLI, Valentim (org.). *Breton-Trotsky – Por uma Arte Revolucionária Independente*. São Paulo: Paz e Terra, 1985, p. 185. Texto publicado no *Correio da Manhã* em 1967.

O comunismo – como está expresso no primeiro manifesto do Partido Comunista, com o fundamento básico que o caracteriza, a abolição da propriedade privada dos *meios de produção* para a democratização da vida social – nunca foi realizado. A Revolução Russa, ao tentar uma transição, não logrou sequer a realização prática dos ideais socialistas.

Poucos anos depois, a “fermentação revolucionária perdeu fôlego a partir de 1919, com as derrotas das revoluções na Alemanha, na República Bávara e na Hungria. Estanca-se a perspectiva de uma revolução socialista mundial”.⁴⁴ Passados alguns anos, quando Josef Stálin chega ao poder, houve o “estrangulamento de toda a atividade criadora, existente nos primeiros anos da revolução. A burocracia estendeu a sua teia sobre o terreno das artes e da literatura”.⁴⁵

A situação estabelecida na Rússia desgraçou alguns artistas, mas não silenciou outros que, em uma tentativa de participação ativa, assinaram o manifesto *Por uma Arte Revolucionária Independente*, o qual apresenta um divisor entre criação artística e submissão partidária:

A arte verdadeira, a que não se contenta com variações sobre modelos prontos, mas se esforça para dar uma expressão às necessidades interiores do homem e da humanidade de hoje, tem que ser revolucionária, tem que aspirar a uma reconstrução completa e radical da sociedade, mesmo que fosse apenas para libertar a criação intelectual das cadeias que a bloqueiam e permitir a toda a humanidade elevar-se a alturas que só os gênios isolados atingiram no passado. Ao mesmo tempo, reconhecemos que só a revolução social pode abrir a via para a nova cultura. Se, no entanto, rejeitamos qualquer solidariedade com a casta atualmente dirigente na URSS, é precisamente porque no nosso entender ela não representa o comunismo, mas é o seu inimigo mais perverso e mais perigoso.⁴⁶

⁴⁴ MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 112.

⁴⁵ BANDEIRA, 1980, p. 15.

⁴⁶ FACIOLI, 1985, p. 42. Manifesto assinado em 1938 por André Breton e Diego Rivera, no México.

Durante a década de 1960, no Brasil, esse debate apresentado por um grupo de intelectuais e artistas⁴⁷ sobre a política cultural na URSS stalinista – que criou o realismo socialista “teoria segundo a qual a Arte devia servir ao Estado e à sua política e ser próxima do gosto do povo [e que] não responde nem à essência do marxismo nem à verdade das tradições culturais da Revolução”⁴⁸ – já havia resgatado a visão de um dos primeiros membros do Partido Comunista sobre a criação literária.

As tentativas de pôr fim aos sistemas de exploração, em que uns trabalham e outros usufruem o trabalho alheio, foram sempre tratadas como ameaças à ordem e veemente sufocadas.

É próprio dos movimentos revolucionários a ânsia por saber a posição política de escritores e artistas, em suas épocas, sobre questões relevantes. O escritor ou artista pode ou não voltar o seu olhar a questões específicas, pode ou não utilizar o instrumento da escrita para tomar parte em questões que envolvem toda a sociedade. De uma forma ou de outra está assumindo posições.

Os processos históricos ocorridos na França em 1848 e na Rússia em 1917 obtiveram resultados diferentes, mas apresentaram em comum os objetivos do *engajamento*, isto é, a não aceitação da sociedade monárquica e o questionamento das formas de poder até então estabelecidas. Alguns desses engajados posicionaram-se, outros não, pelos ideais comunistas ou socialistas.

⁴⁷ Esta publicação organizada por Valentim Facioli traz artigos de Mário de Andrade, Patrícia Galvão, Geraldo Ferraz, Mário Pedrosa, Lívio Xavier e Edmundo Moniz.

⁴⁸ PEDROSA, 1985, p. 184.

Com o fim da Guerra Fria e a Queda do Muro de Berlim ⁴⁹ não somente o *engajamento* associado aos comunistas e socialistas foi posto em xeque, mas a própria história teve seu fim decretado:

a imperturbável vitória do liberalismo econômico e político sobre todos os seus concorrentes significa 'não apenas o fim da Guerra Fria, ou a consumação de um determinado período da história, mas o fim da história como tal: isto é, o ponto final da evolução ideológica da humanidade e a universalização da democracia liberal ocidental' [...]⁵⁰

Dessa forma, podemos observar que as forças que representam ou defendem a ordem capitalista se manifestam para desaprovar, submergir em confusões, desilusões e preconceitos o *engajamento* diretamente atrelado aos ideais comunistas ou socialistas.

Esse movimento parece ter atingido também a literatura com afirmações da “perda da pertinência do engajamento na literatura”. No entanto, ainda no final da década de 80 é publicado, no Brasil, *Literatura, História e Política*⁵¹ que enfoca as literaturas de língua portuguesa de ênfase social e mira a imbricação entre a adesão política-social e o trabalho artístico dos escritores.

⁴⁹ O “fim da Guerra Fria [que] provou ser não o fim de um conflito internacional, mas o fim de uma era”, segundo o historiador Eric Hobsbawm tem como símbolo do colapso da URSS a Queda do Muro de Berlim, em 1989. Essa disputa, entre Estados Unidos e URSS após a II Guerra Mundial, estabelece um certo equilíbrio de poder no mundo: A “URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência [...] Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista” [...] In: *Era dos Extremos*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 223-252. Durante os anos de 1950 e 1960 é desencadeada, nesta parte do mundo capitalista, uma forte onda de perseguição aos comunistas.

⁵⁰ ANDERSON, Perry. *O fim da História de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1992, p. 82. Perry Anderson apresenta-nos parte da tese original de Francis Fukuyama e conclui que toda essa exaltação é para dizer que: “o que o fim da história significa, acima de tudo, é o fim do socialismo”

⁵¹ ABDALA JR., 1989.

Se considerarmos somente os escritores visitados nessa crítica⁵² notaremos que algumas gerações deveriam sucedê-los, em condições materiais favoravelmente transformadas, para que o engajar amenizasse suas marcas na literatura.

Com o olhar dirigido ao *engajamento* literário, focando na radicalidade da palavra escrita, Benjamin Abdala Jr., apresenta-nos como estratégia política um macrossistema – formado pelos sistemas literários dos países de língua portuguesa – a fim de propiciar o “fortalecimento” das produções literárias e, conseqüentemente, uma maior aproximação desses países diante da situação anunciada de hegemonia norte-americana no mundo.

Assim na contra-mão da lógica competitiva, aprofundada no entre guerras, o crítico posiciona-se ao manter aberta a porta do *engajamento* e ao seguir situando as literaturas de língua portuguesa uma ao lado da outra e não na forma hierarquizada em que a inspiração artística é subordinada à influência.

3.2. O escritor no ambiente do engajamento

Como compreende Benjamin Abdala Jr., o escritor não cria do nada. Apreende desde os “pequenos ‘causos’ populares, ditos populares e canções, etc., da chamada oralitura (‘literatura’ oral) até os textos ‘mais auto-reflexivos’ da literatura erudita” e nesse sentido ocorre

uma apropriação ‘natural’ das articulações literárias sem que o próprio futuro escritor se aperceba de sua situação de *ser social* e de ‘porta-voz’ de um patrimônio cultural coletivo. Quando o escritor escreve, pode julgar que o texto é apenas seu, não tendo consciência de que na verdade é a

⁵² As referências de Benjamim Abdala Jr. foram especialmente as obras de Antônio Callado, Bernardo Elis, Érico Veríssimo, Ferreira Gullar, Graciliano Ramos, João Antônio, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, José Lins do Rego (Brasil); Alves Redol, Carlos de Oliveira, José Cardoso Pires, José Gomes Ferreira, José Saramago, Manuel da Fonseca (Portugal); Agostinho Neto, Luandino Vieira, Pepetela, Uanhenga Xitu, Viriato da Cruz (Angola), Corsino Fortes, Baltasar Lopes, Manuel Ferreira, Manuel Lopes (Cabo Verde); Luís Bernardo Honwana, José Craveirinha (Moçambique); Francisco José Tenreiro (São Tomé e Príncipe).

sociedade que se inscreve através dele. Na sua escrita está uma confluência de práxis coletivas, desde a específica da série literária até às outras, relativas à sua atividade noutros campos sêmicos do trabalho social. O escritor engajado procura ter consciência dessa sua inserção social.⁵³

Reafirmamos Érico Veríssimo e José Saramago como “porta-vozes” deste patrimônio cultural coletivo. Embora antecedam o colapso do Leste Europeu, ambos, superaram a falsa idéia de que o engajamento político expressa-se apenas entre os defensores dos ideais socialistas ou comunistas ao apresentarem, em seus romances, o engajamento das personagens relacionado a posições políticas revolucionárias, progressistas, conservadoras e até reacionárias.

Através da palavra escrita, estes escritores captam várias partes de um todo e derrubam o véu que encobre a ação das diversas forças políticas em movimento na sociedade. De forma consciente ou não, os ficcionistas apresentam um olhar sobre as questões políticas e deixam, através das personagens, ecoar as várias vozes presentes neste ambiente.

No entanto, independente de sua posição política, o escritor pertence ao campo dos que vendem a *força de trabalho*.⁵⁴ São escritores-trabalhadores produtivos ou improdutivos.

Segundo Karl Marx, o escritor pode ser um trabalhador improdutivo – quando cria a obra a partir das manifestações de sua própria natureza (pensar, sentir, agir) – ou produtivo – quando trabalha sob a direção do editor, neste caso, a produção está diretamente subordinada ao capital e só se realiza para seu lucro. E sintetiza em um

⁵³ ABDALA Jr., 1989, p. 23.

⁵⁴ Entendida como a energia humana (capacidade física ou intelectual de produzir) gasta durante o processo de trabalho e que é vendida ao proprietário dos *meios de produção* em troca de salário. HARNECKER, Marta. *Os conceitos elementares do Materialismo Histórico*. São Paulo: Global Editora, 1983, p. 35.

de seus escritos que “o escritor deve ganhar dinheiro para poder viver e escrever, mas, em nenhum caso, deve viver e escrever para ganhar dinheiro”.⁵⁵

Marx apresenta a importância da liberdade de criação, mas indica que a liberdade é relativa numa sociedade que almeja somente lucro, ao afirmar que o escritor se degrada quando a sua criação se torna para ele um meio e a reduz à condição de mercadoria.

Assim, a vida privada do ficcionista nem sempre está em consonância com os caminhos da vida pública da ficção. Em cada obra o escritor pode assumir a posição de recusa ou adesão às idéias dominantes. É no conjunto da obra e nos posicionamentos públicos que podemos identificar o *lugar de onde fala* para tentarmos compreender o *seu estar no mundo*.

Érico Veríssimo se reconhecia no campo do humanismo socialista ⁵⁶ e se posicionava contra todo tipo de totalitarismo, ⁵⁷ indiferença e imobilismo. Em uma entrevista, ao rebater as críticas que o consideram um escritor alienado, diz:

Uma prova de que não sou um homem não-engajado é que sempre houve a suspeita de que sou subversivo. Sou a favor de determinadas coisas que eles (os donos do Poder) entendem como subversivas. Fala-se em literatura engajada. Ela sempre o é. O autor se engaja na luta política, partidária ou não, na luta religiosa. O escritor se engaja também como Homem e seus problemas. Acima de tudo o escritor se engaja consigo mesmo.⁵⁸

⁵⁵ *Sobre Literatura e Arte. Marx – Engels*, 1986, p. 32.

⁵⁶ Consideraremos o auto-reconhecimento do escritor conforme apresentado em *Solo de clarineta*, isto é, defensor da liberdade contra todas as formas de desumanização e alienação do povo. VERÍSSIMO, Érico. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 263.

⁵⁷ Por totalitarismo entendemos o “Estado total, que absorve em seu interior e em sua organização o todo da sociedade e suas instituições, controlando-a por inteiro.” In: CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2003, p.425. Como experiências totalitárias durante o século XX consideramos o Fascismo (Itália), o Nazismo (Alemanha) e o período entre a ascensão e queda de Josef Stalin (Rússia).

⁵⁸ BORDINI, 1999, p. 38 e 81. Entrevistas concedidas em 1967 e 1971.

José Saramago é reconhecido como comunista.⁵⁹ Posiciona-se quanto às questões mais urgentes para o ser humano apresentadas por uma sociedade injusta, em que o poder é exercido pelo governo dos ricos sem uma verdadeira democracia e busca, no engajar, respostas para o próprio sentido da vida.⁶⁰

Gostaria de dizer que as minhas origens camponesas determinaram as minhas idéias políticas, mas isso, já o sabemos, não é uma condição necessária nem suficiente. Seja como for, desde muito novo compreendi que um mundo assente na desigualdade de oportunidades e na exploração de um ser humano por outro, jamais será um mundo justo. Compreendi muito cedo que é um erro pedir “mais justiça social”: o que há que exigir é “justiça social” simplesmente, porque onde exista um “mais” sempre haverá a possibilidade de um “menos”, isto é, a possibilidade de reduções sociais selectivas ou generalizadas, como está a acontecer agora mesmo. No meu ofício de escritor, penso não me ter afastado nunca da minha consciência de cidadão. Defendo que aonde vai um, deve ir o outro. Não recordo ter escrito uma só palavra que estivesse em contradição com as minhas convicções políticas, mas isso não significa que alguma vez tenha posto a literatura ao serviço da minha ideologia. O que significa, isso sim, é que no momento em que escrevo estou expressando a totalidade da pessoa que sou.⁶¹

Assim como trabalhadores da palavra, Érico Veríssimo e José Saramago unem sensibilidade criadora com posicionamentos políticos e os apresentam, nas vozes das personagens, através da negação dos regimes ditatoriais e do questionamento da vida sem sentido.

Ambos fazem parte de um ambiente social e transitam ao ambiente político, o qual denominamos neste estudo de *ambiente do engajamento*.⁶² No entanto, José

⁵⁹ Em *José Saramago: O amor possível*, considerado pelo escritor como sua autobiografia, Saramago permite ser considerado como comunista, isto é, deseja o desmoronamento do sistema capitalista como forma de destruir a divisão do mundo entre ricos e pobres e o falso sistema democrático. ARIAS, Juan. Rio de Janeiro: Manati, 2003, p. 85-94.

⁶⁰ Para Saramago a democracia de fato somente ocorrerá quanto for permeada pelo tripé: democracia política, democracia econômica e democracia cultural sendo que a palavra que melhor descreve a realidade atual é plutocracia, que significa governo dos ricos. Entrevista concedida ao *Correio do Brasil* em 21/10/2003.

⁶¹ SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote II*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 233.

⁶² Entendemos que no ambiente social está a vida da sociedade em suas diversas relações. Entretanto optamos por um recorte mais específico, o ambiente político, porque nos interessa, especialmente, observar a diferenciação existente na atividade política, que pode levar ao engajamento e que está vinculada de forma consciente ou não a posições das estratificações sociais, o que, acreditamos, ficará mais evidente no item 3.3 deste mesmo capítulo.

Saramago, além de definir-se pelos ideais socialistas, filia-se ao Partido Comunista Português e contribui para que o partido ocupe o espaço *da esquerda* vago pelo deslocamento ao centro dos partidos socialistas.⁶³ Essa decisão leva-nos a observá-lo como um *escritor engajado*, não por ser do Partido Comunista, mas por compartilhar de propostas programáticas ou por filiar-se diretamente a uma organização política.

Podemos imaginar Érico Veríssimo e José Saramago como escritores-trabalhadores e dessa forma entre os que vendem a *força de trabalho*. No entanto, gravitam entre a força de atração, a influência e as pressões da classe dominante. Esta posição do escritor na estratificação social, que poderia dificultar-lhe a definição do *lugar de onde fala* e constantemente dividi-lo entre fortalecer/manter e desnudar/superar as idéias dominantes, não o faz renunciar à atividade criadora.

Érico Veríssimo e José Saramago valem-se do não conformismo com o mundo real e em luta constante para defender a liberdade de criação, assumem uma dupla vida. Produzem para satisfazer a necessidade interior e externa (para o mercado). Movidos por valores de liberdade, igualdade e coragem não sucumbem às necessidades do mercado e, sem alienarem-se da “perspectiva criativa”, enunciam os conflitos de seu tempo e de sua sociedade através da ficção.

Especificamente no romance *O Tempo e o Vento* compreendemos que Érico Veríssimo apropria-se do discurso da burguesia para desnudar a sua hipocrisia e decadência moral. Em *Levantado do Chão*, José Saramago, num retorno a suas raízes, dá voz aos camponeses sem-terra para juntos sentirem a emoção da transformação e da superação.

⁶³ SARAMAGO, 1998, p. 515

O escritor inserido num contexto desigual e transitando por um ambiente mais específico, o político, assume para si determinada posição política e *estar no mundo*. Defensor de “valores universais, tais como justiça e a liberdade” ou “desejoso de participar da edificação de um mundo novo”, o escritor ativo politicamente, não negligencia os grandes problemas humanos e sociais em favor da superficialidade do entretenimento, que os banaliza e comercializa.

Assim a literatura, especialmente o romance que é capaz de traduzir a ânsia individual em coletiva, permite ao engajar toda a atualidade que envolve gerações a medida em que as desigualdades sociais mudam suas formas, mas perduram por toda a história do capitalismo desde seu início.

3.3. O engajamento no romance

Neste momento é importante retomarmos duas questões imprescindíveis para o engajamento na literatura: A primeira é sobre sua possibilidade ou negação no romance atrelada à “fase de refluxo a partir da metade dos anos 50”. A segunda questão, diante da possibilidade, uma interrogação: é possível que um romance seja engajado sem que seu escritor o seja?

Despertou estas reflexões o diálogo entre os romances *O Tempo e o Vento* e *Levantado do Chão*, publicados na segunda metade do século XX, que nos apresentam discursos da história e da política capazes de possibilitar a observação do modo de vida da personagem, de seu posicionamento ideológico⁶⁴ e de suas

⁶⁴ Na acepção de István Mészáros: “a ideologia não é ilusão nem superstição religiosa de indivíduos mal-orientados, mas uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada. Como tal, não pode ser superada nas sociedades de classe. Sua persistência se deve ao fato de ela ser constituída objetivamente (e conseqüentemente reconstituída) como consciência prática inevitável das sociedades de classe, relacionada com a articulação de conjuntos de valores estratégicos rivais que tentam controlar o metabolismo social em todos os seus principais aspectos [...] as ideologias conflitantes de qualquer período histórico constituem a consciência prática necessária em termos da qual as principais classes da sociedade se inter-relacionam e até se

ações políticas para manter ou negar o modo dominante das *relações de produção*⁶⁵ em funcionamento na sociedade em que vive.

Ambas as narrativas, inicialmente observadas em seus discursos históricos,⁶⁶ apresentam uma intensa mistura do discurso histórico com o político em que a atividade das personagens centrais passa a ser perseguir determinados fins para as respectivas sociedades, neste caso: Brasil e Portugal. Isso levou-nos a refletir sobre a distinção de romance político apresentada por Irving Howe, que o considera quando

A idéia de sociedade, distinta das meras obras inquestionadas da sociedade, penetrou na consciência das personagens em todos os seus aspectos profundamente problemáticos, de forma que pode ser observada em seu comportamento, e elas próprias estão geralmente côncias de alguma lealdade política coerente ou identificação ideológica. Elas pensam em termos de apoiar ou opor-se à sociedade como tal: elas se arregimentam a um ou outro segmento fortificado da sociedade, e fazem isso em nome de e sob a inspiração de uma ideologia. Para ser um romance, deve conter a representação usual de comportamento e sentimento humanos; ainda assim, deve também absorver em seu fluxo de movimento blocos duros e talvez insolúveis da ideologia moderna.

Entendemos que quando a idéia de sociedade penetra a consciência da personagem e esta assume uma posição política, já diferencia-se das demais, que mantêm-se alheias ao funcionamento social. Notamos que ao passar a pensar em apoiar ou opor-se à sociedade como tal, a personagem, adquire a dimensão da sociedade dividida em classes. Entretanto consideramos que somente no momento

confrontam, de modo mais, ou menos, aberto, articulando sua visão da ordem social correta e apropriada como um todo abrangente". O conflito fundamental entre as classes se dá, segundo Mészáros, pela própria estrutura dividida da sociedade que regula as práticas produtivas e distributivas. In: *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 65.

⁶⁵ São relações que se estabelecem entre os proprietários dos *meios de produção* e os trabalhadores em um dado processo de produção. HARNECKER, 1983, p. 53.

⁶⁶ Observávamos os aspectos históricos considerando a exposição de Jacques Leenhardt sobre as transformações do ponto de vista no *O Tempo e o Vento*: "O curso da História traz à tona, ao contrário, um fenômeno infinitamente mais complexo: a transformação dos pontos de vista. Para traduzir essa realidade, não é suficiente apenas adicioná-los, temos que mostrar como a história opera modificações nos objetos e nas pessoas portadoras dessas evoluções". "Narrativa e história em *O Tempo e o Vento*". PESAVENTO, Sandra et al. In: *Érico Veríssimo – O Romance da História*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001, p. 27.

em que opta por organizar-se coletivamente e integrar-se a uma organização política passa a ser uma *personagem engajada*.

Assim, observamos através dos discursos presentes nas narrativas que a *personagem engajada* reconhece o seu pertencimento a uma classe. Tem em mente um tipo de sociedade desejada e possui uma *práxis*⁶⁷ coerente com seus ideais. Compartilha de propostas programáticas ou filia-se diretamente a uma organização política. Pensa e age coletivamente como forma de fomentar idéias e ações. Dedica boa parte da vida a testar na prática as suas convicções políticas e as da organização.

Entretanto notamos uma diferenciação entre as convicções políticas dessa personagem nos romances, o que nos possibilita propor uma distinção entre a *personagem engajada “de esquerda”* quando se posiciona a favor da classe que vende a *força de trabalho* e busca a transformação da sociedade com o fim da exploração de uma classe sobre a outra; a *personagem engajada “de direita”* ao se engajar para conservar a sociedade e/ou aprimorar os mecanismos de exploração em benefício da classe proprietária e a *personagem engajada “de centro”* quando reconhece a divisão social ou a injustiça social, mas busca apenas mudanças na distribuição da riqueza como forma de amenizar os problemas e de humanizar o sistema de exploração.

Cada *personagem engajada* ao assumir determinada posição política ou determinadas tarefas, de acordo com uma ideologia e com um objetivo a ser alcançado, revela em suas várias vozes formas de ver e estar no mundo.

⁶⁷ Pensamos a *práxis* como atividade humana transformadora da natureza e da sociedade. Teoria guiando a ação e moldando a atividade do homem em relação consciente. Para este estudo, consideramos a *práxis* social como: “a atividade de grupos ou classes sociais que leva a transformar a organização e direção da sociedade, ou a realizar certas mudanças mediante a atividade do Estado. Essa forma de *práxis* é justamente a atividade política.” In: VÁZQUEZ, Adolfo Sánches. *Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968, p. 201.

A lealdade política, apresentada por Irving Howe e presente entre as personagens engajadas, ao traduzir-se em ações ou experiências concretas conflituava entre si e envolve neste diálogo outras personagens ativas na vida política.

O romance trata de sentimentos morais, paixões e emoções; tenta, acima de tudo, capturar a qualidade da experiência concreta. A ideologia, entretanto, é abstrata como deve ser e, portanto provavelmente recalcitrante sempre que seja feita uma tentativa para incorporá-la ao fluxo de impressões sensuais do romance. O conflito é inevitável: o romance tenta confrontar a experiência que é imediata e íntima, enquanto a ideologia é, por natureza, geral e abrangente. Mesmo assim, é precisamente desse conflito que o romance político ganha seu interesse e assume a aura de um drama solene.⁶⁸

Esse conflito que apresenta as ideologias presentes nas narrativas, desvenda as inter-relações entre as *classes sociais*⁶⁹ exatamente quando as personagens engajadas colocam-se em movimento.

No entanto, ressaltamos que nem toda personagem ativa na vida política é engajada. Algumas passam a circular por este meio sem que adotem uma *práxis* e uma forma de organização coletiva, posicionam-se ou não de acordo com seus valores individuais. Desta forma, a intensidade na atuação também apresenta-se diferenciada.

A atuação de João difere da de António Mau-Tempo como a de Rodrigo difere da de Toríbio Terra Cambará. António Mau-Tempo e Toríbio Terra Cambará circulam pelo meio político e também atuam de forma organizada, mas não são personagens que tomam as principais decisões, geralmente as executam. Suas contribuições são imprescindíveis e não representam apenas auxílio.

⁶⁸ HOWE, Irving. *A Política e o Romance*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998, p. 7.

⁶⁹ Pensamos as classes sociais nas narrativas tendo como equivalente a reflexão de Eric Hobsbawm quando esclarece que *classe* não define um grupo de pessoas em isolamento, mas um sistema de relações, tanto verticais quanto horizontais. É uma relação de diferença (ou semelhança) e de distância, mas também uma relação qualitativamente diferente de função social, de exploração, de dominação/sujeição. In: *Sobre História*, 2004, p. 99.

Esta diferença na intensidade de atuação, que expressa uma nítida diferença entre as personagens que pensam e decidem e as que apenas executam o que foi decidido, permite-nos considerar o grau de comprometimento ou disposição política e relacioná-la com a *práxis* de cada personagem.

Como em cada narrativa as sociedades estão divididas em classes, em que obviamente há uma *divisão social do trabalho*,⁷⁰ cada personagem exerce uma atividade exclusiva no processo produtivo, fruto da alienação e que leva à alienação.⁷¹ No meio político, que apresenta a vivência não passiva no mundo, contrária ao alheamento, essa divisão de tarefas se reproduz.

É possível localizar entre as personagens ativas em ambos os romances, as que somente pensam e decidem, mas não executam as tarefas ou não “colocam a mão na massa”; as que somente executam, mas não pensam e não decidem; as que somente fazem ou pensam de modo oportunista e, finalmente, as que têm a sua ação dotada da teoria como entendimento da lógica de funcionamento da sociedade, pensam e agem de forma organizada.

Propomos para este estudo, uma denominação para estas personagens considerando suas funções⁷² e a intensidade de atuação política a partir da

⁷⁰ É a distribuição das diferentes tarefas que os indivíduos desempenham na sociedade, ideológicas ou políticas, que se realizam em função da situação que têm na estrutura social. HARNECKER, 1983, p. 40.

⁷¹ Neste momento pensamos a alienação em relação ao produto do trabalho: “Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, mas o enfrenta como uma força estranha, isso só pode acontecer porque pertence a um outro homem que não o trabalhador. Se sua atividade é para ele um tormento, ela deve ser uma fonte de satisfação e prazer para outro.” MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. Apud: FROMM, 1979, p. 98.

⁷² A interação entre as personagens que se desenvolve com alianças e confrontos modificam-se no desenrolar da narrativa e são motivadas pelas funções que exercem ou pela importância atribuída a seus papéis. Consideramos inicialmente estas funções conforme proposto por Etienne Souriau, delimitando em relação à personagem principal, resumidamente: Protagonista é a personagem central da narrativa, o *sujeito da ação*. Oponente ou antagonista é a personagem secundária que coloca obstáculos à ação da personagem protagonista. *Adjuvante* é a personagem secundária que auxilia a personagem protagonista, na busca de seu objeto. Apud: Roland Bournneuf e Real Ouellet, 1976, p. 199-242. No entanto, procuramos particularizar esta interação e, conseqüentemente, as funções em relação às atividades políticas das personagens na narrativa.

importância dada aos conflitos, do objetivo pretendido e da disposição política para transformar ou manter a sociedade. Em ambos os romances, observamos além das personagens engajadas, as personagens atuantes, participantes e tarefeiras. Todas muito importantes para o desenvolvimento das atividades políticas, as quais passamos a apresentar:

A **personagem atuante** nem sempre reconhece seu pertencimento a uma classe. Portanto o lugar de onde fala não é definido. Tem em mente alguns ideais de justiça e toma posições, muitas vezes, ambíguas de acordo com as ocasiões. A práxis também se dá de acordo com a situação. Geralmente pensa, decide e até executa tarefas. No entanto, notamos que a participação em alguma organização política, quando ocorre, é temporária.

A **personagem participante** age de acordo com seu bom senso ou com as ordens recebidas. Preocupa-se com as questões que apresentam soluções mais imediatas, geralmente quando relacionadas diretamente a seus interesses pessoais. Com freqüência executa ou pensa de forma oportunista. Observamos que esta personagem não se integra a nenhuma organização política, mas está sempre próxima da organização que está no poder a fim de que resolva seus problemas mais graves.

Por fim temos a **personagem tarefeira** que, geralmente, se reconhece, às vezes de forma inconsciente, como pertencente à classe que lhe delega as tarefas. Não é responsável por pensar nem decidir, apenas cumpre as determinações. É a personagem que só executa tarefas, por isso mesmo é muito importante nas ações. Notamos que sua participação em alguma organização pode ocorrer de acordo com as afinidades pessoais, políticas ou por interesses financeiros.

Para englobarmos estas variantes, presentes em ambos os romances, e acompanharmos o desenvolvimento das ações e idéias políticas destas personagens propomos um ambiente específico e propício, o qual intitulamos de ***ambiente do engajamento***.

Consideramos este ambiente como, especificamente, político por onde circulam estas personagens, de onde partem suas reflexões, decisões e/ou propostas de ações políticas. Onde encontramos as instâncias de poder e decisão, os partidos políticos com suas características sociais, programas, formas de representação e personagens representantes.

A heterogeneidade expressa neste ambiente foi observada através da semelhança e da diferenciação existente na atividade política das personagens em cada narrativa. A semelhança encontramos no ardor e na disposição de seguir adiante fazendo seus próprios caminhos de acordo com suas convicções políticas, porém o que mais nos chama a atenção são os aspectos que diferenciam, politicamente, estas personagens.

Existentes em ambos os romances, aqui comparados, as personagens em atividade política se diferenciam primeiramente entre as que vendem a *força de trabalho* (expresso em *Levantado do Chão*) e as proprietárias dos *meios de produção*⁷³ (expresso em *O Tempo e o Vento*), isto é, distinguem-se de acordo com a *classe social*.

Os engajados João Mau-Tempo, de *Levantado do Chão*, que é trabalhador, e Rodrigo Terra Cambará, de *O Tempo e o Vento*, que é proprietário, assumem papéis de lideranças organizadas, pensam e agem de forma coletiva. São imprescindíveis

⁷³ Entendemos por *meios de produção* todos os instrumentos e meios para se produzir, ou seja, desde os materiais que intervêm diretamente no processo de trabalho até os locais de instalação. HARNECKER, 1983, p. 34. Sua propriedade particular representa o regime de exploração em que os esforços dos membros da sociedade são apossados apenas pela classe proprietária. Neste estudo será considerado como parte da classe proprietária os latifundiários.

para a articulação política no *ambiente do engajamento*. O lugar de onde falam é o de sua classe social e diferenciam-se nas propostas que apresentam para a sociedade.

A família Mau-Tempo e a família Terra Cambará, representantes de classes sociais diferentes, apresentam respectivamente o desejo de subverter a ordem e o de manter o poder de classe dominante. Estes desejos em ação, em cada narrativa, entram em choque com os desejos das classes oponentes de modo que

cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como produto da interação viva das forças sociais [...] Classe social e comunidade semiótica não se confundem. Pelo segundo termo entendemos a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua [...] O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes.⁷⁴

Assim, a personagem politicamente ativa em interação com as forças políticas permite-se assumir, independente da origem de classe, um lugar na arena, entre uma ou outra classe social, de onde parte a sua enunciação como expressão de sua ideologia e da disputa entre as classes.

Como dissemos anteriormente, além das personagens temos no *ambiente do engajamento* as organizações políticas ou os partidos políticos que organizam ações coletivas e possuem programas que representam, entre os membros, uma síntese da compreensão comum da realidade, um tipo de sociedade que almejam e expressam os ideais de determinada classe social. Nos romances as personagens engajadas, filiadas a partidos políticos, apresentam-se defensoras desde os ideais liberais até os socialistas e comunistas.⁷⁵

⁷⁴ BAKHTIN, Mikhail. 8ª ed. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 46-66.

⁷⁵ Segundo Paul Singer o liberalismo econômico rejeita a intervenção do Estado no mercado e tem como desdobramento no nível político: “a liberdade do indivíduo, enquanto cidadão, produtor e consumidor, [...] proclama o direito de cada um produzir o que deseja e de comprar e vender em

Em *O Tempo e o Vento* as ações coletivas se dão contra as relações de poder pré-estabelecidas, ou seja, inicialmente, a família Terra e posteriormente Terra Cambará não aceita o poder de mando dos Amarais, que representam a força conservadora monárquica e busca alterar esta situação assumindo o poder. Este é o limite, assumir o poder político para reorganizar a sociedade sob as bases da República com a descentralização do poder e o desenvolvimento da produção capitalista.⁷⁶

Já em *Levantado do Chão* as ações coletivas iniciam-se com reivindicações econômicas, isto é, redução da jornada de trabalho e melhores salários. Numa nítida identificação das diferenças entre trabalhadores e proprietários deixam de lado o inconformismo e a submissão e buscam a superação do capitalismo ao questionarem o poder econômico, político e social quando tentam transformar a propriedade privada dos meios de produção em propriedade coletiva, no momento em que assumem as fazendas e tomam a decisão conjunta de coletivizar a produção e a distribuição.

Notamos, assim, que os percursos realizados pelas personagens seguem e levam a caminhos diferentes. A consciência de que a sociedade precisa ser transformada, identificada durante os conflitos entre as classes sociais, é o outro

qualquer mercado. Este direito no plano econômico, se conjuga com o direito de livre expressão do pensamento, de reunião e manifestação e de participação. Estes direitos implicam o controle do governo pelos cidadãos ou seus representantes eleitos, cumprindo notar que o direito de votar e ser votado [no século XIX] estava restrito aos indivíduos detentores de um mínimo de propriedade ou renda. Não se supunha que a cidadania se estendesse aos pobres". In: *O capitalismo – sua evolução, sua lógica e sua dinâmica*. São Paulo: Moderna, 2001, p. 19. Os ideais socialistas e comunistas buscam uma liberdade de fato através da transformação econômica, política e social configurando "uma nova sociedade e uma nova política na qual a exploração dos trabalhadores, a dominação política a que estão submetidos e as exclusões sociais e culturais a que são forçados deixem de existir" a fim de construir a sociedade sem classes, ou seja, comunista que segundo Karl Marx e Friedrich Engels, somente será possível com o fim da propriedade privada dos *meios de produção*. In: CHAUÍ, 2003, p. 408-416.

⁷⁶ "Caracterizado pela alienação da *força de trabalho* por indivíduos livres em troca de salários, está claro que ele é incompatível com a escravidão e só adquire significado no Brasil após a abolição da mesma". SINGER, op. cit., p. 67.

elemento diferenciador no *ambiente do engajamento*. Em um estudo sobre o processo de consciência o sociólogo Mauro Iasi diz:

É na própria constatação de que a sociedade precisa ser transformada que se supera a consciência da reivindicação pela da transformação. O indivíduo transcende o grupo imediato e o vínculo precário com a realidade dada, busca compreender relações que se distanciam no tempo e no espaço, toma como sua a história da classe e do mundo. Passa a conceber um sujeito coletivo e histórico como agente da transformação necessária.⁷⁷

Este comprometimento com a transformação social, típico da consciência socialista, identificado entre as personagens de *Levantado do Chão*, apresenta como princípio ser anticolonialista e tem como estratégia chegar a uma sociedade sem classes, ou seja, sem explorados.

Dessa maneira, entre os romances, podemos afirmar que a personagem politicamente ativa difere-se quanto à práxis, à classe social e à consciência socialista. No entanto, em ambos, a disposição de luta destas personagens, o desvendamento de certos preceitos morais, comportamentais ou de justiça transcendem o tempo e o espaço da ficção numa clara relação com a realidade histórica e política.

Para concluirmos, é importante retomarmos a afirmação de Irving Howe que o romance “tenta, acima de tudo capturar a qualidade da experiência concreta” e esta experiência, queiramos ou não, está solidificada em uma sociedade desigual que possibilita a separação do homem em relação a outros homens segundo o nível de acumulação de riqueza.

Portanto entendemos que quando a *personagem engajada* é apresentada como a personagem central e seus pensamentos e ações políticas estabelecem-se

⁷⁷ IASI, Mauro. *Processo de Consciência*. São Paulo: CPV, 1999.

em termos de apoiar ou opor-se à sociedade em que vive conduzindo a narrativa, o romance é engajado.

Entretanto uma outra afirmação é igualmente importante para ser retomada, a de Friedrich Engels, “que o escritor não é obrigado a impor ao leitor as soluções históricas futuras dos conflitos sociais expostos”. Pensamos que o escritor pode extrair desta experiência concreta os mais profundos sentimentos em relação aos “valores universais” e desvendar as ilusões acerca da sociedade burguesa sem no entanto ser engajado.

Observarmos estas citações e conclusões a partir de uma proposta de reapropriação do termo engajamento, nos faz compreender que a afirmação de perda da “autonomia do campo literário com a revolução de Outubro” é parte do debate ocorrido no século XX e apresenta a necessidade ideológica, de uma parcela dos engajados, obviamente a “*de direita*”, de tentar indicar, através da crítica literária, que não há outra possibilidade viável de mundo.

No entanto, pensando com o crítico palestino Edward Said podemos dizer que este século “foi uma grande era de resistência”.⁷⁸ Resistência das *personagens engajadas “de esquerda”*, no mundo e na ficção, por uma sociedade com democracia de fato, que segundo Saramago, “permeie um tripé: a democracia política, a democracia econômica e a democracia cultural”.

⁷⁸ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 238.

4. **O Tempo e o Vento e Levantado do Chão: A longa trajetória de engajamento das personagens.**

"A neutralidade é impossível. Na hora em que nasce, o homem entra inescapavelmente na história. Desde o primeiro minuto de vida começa a sentir pressões de toda a sorte." (A. II, p. 291)

"E então num sítio qualquer do latifúndio, a história lembrar-se-á de dizer qual, os trabalhadores ocuparam uma terra. Para terem trabalho, nada mais [...] E depois numa outra herdade os trabalhadores entraram e disseram, Vimos trabalhar." (LC., p. 361)

A partir de uma prévia reapropriação do termo engajamento optamos por direcionar o nosso olhar inicialmente sobre o modo de vida das personagens ativas politicamente para analisarmos melhor as semelhanças e diferenças existentes em suas funções no *ambiente do engajamento*.

Esse direcionamento levou-nos a pensar no "desejo de ser fiel ao real" como um dos elementos básicos na criação da personagem conforme apresentado por Antonio Candido.⁷⁹ Aceitamos a oscilação ora de transposição fiel de modelos, ora de invenção totalmente imaginária das personagens por seus criadores, mas podemos dizer que em ambos os romances, a observação da vida real se faz presente nas ações e caracterizações das personagens engajadas.

Seguramente, podemos considerar as palavras de Maria da Glória Bordini⁸⁰ quando diz que a literatura de Érico Veríssimo é criada com as experiências de pessoas, lugares, momentos e situações efetivamente vividas. Não diferentes as de José Saramago, ao tratar do processo criativo em *Levantado do Chão*, quando diz

⁷⁹ CANDIDO, Antonio et al. 11ª ed. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005, p. 53-80.

⁸⁰ *Criação literária em Érico Veríssimo*. Porto Alegre: L&PM/EDIPUCRS, 1995, p. 265.

“fiquei lá [em Alentejo] dois meses, falando com as pessoas, indo ao campo onde trabalhavam, comendo com eles, dormindo com eles”.⁸¹

A verossimilhança, que depende da “possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real”⁸² possibilita-nos compreender através da vida das personagens as relações de dominação presentes nas narrativas.

Vale observar que do primeiro ato histórico, entendido como a produção dos meios para atender às suas necessidades,⁸³ até o momento em que tomam consciência da importância de interagirem politicamente, a história das personagens é a de algumas gerações em família.

Ao focalizarmos aquelas, que em família, se destacam pelo *engajamento político*, notamos que as narrativas não tratam centralmente de uma única personagem e há um encadeamento nas formas de engajamento apresentando-se, às vezes, mais intensas para umas do que para outras.

Essas famílias, a partir de sua gênese, diferenciam-se por possuir ou não aquilo que Bakhtin chama de “grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto da atenção do corpo social e que, por causa disso, toma um valor particular”,⁸⁴ os quais entendemos como *meios de produção*.

Em *O Tempo e o Vento* a família Terra Cambará torna-se grande proprietária de terras, isto é, detentora dos *meios de produção*. O mesmo não ocorre em *Levantado do Chão* com a família Mau-Tempo que participa das *relações sociais de produção*⁸⁵ vendendo sua *força de trabalho*.

⁸¹ Entrevista a Horácio Costa. In: “José Saramago o despertar da palavra”. *CULT – Revista Brasileira de Cultura*. São Paulo: Lemos Editorial. nº 17, p. 22. dez., 1998.

⁸² CANDIDO, 2005, p. 75

⁸³ KARL, Marx. Excertos de “Ideologia Alemã”. Apud: FROMM, 1979, p. 173.

⁸⁴ BAKHTIN, 1997, p. 44

⁸⁵ Segundo Marta Harnecker, são as relações que se estabelecem entre os proprietários dos meios de produção e os produtores em um dado processo de produção e dependem do tipo de relação de propriedade, posse, disposição ou usufruto que estabelecem com um meio de produção. Os *conceitos elementares do materialismo histórico*, 1983, p. 53.

A relação entre as *classes sociais*, “uma que se apropria do valor produzido pelo trabalho não-pago e outra que vende sua *força de trabalho* e é espoliada”,⁸⁶ estabelecida em ambas as narrativas, permite que o engajamento se faça presente.

Em suas trajetórias, as personagens atuam politicamente, umas para manter, outras para transformar esta situação, no entanto, em nenhum caso se apresentam como os tradicionais heróis que encontram em seus caminhos o final feliz. Representam a contraditória realidade em que a luta se faz necessária independentemente da vitória individual.

É a partir dessa relação entre a *personagem engajada* e as personagens que estão imediatamente próximas politicamente ou em oposição que pensamos sobre o que fazem nesse âmbito, ou seja, suas funções nas narrativas. E do diálogo entre seus vários discursos, verificamos o que as distinguem e hierarquizam.

Ao adotarmos como referência as funções propostas por Etienne Souriau,⁸⁷ notamos que para as funções de personagem protagonista – *sujeito da ação*, ponto de referência para o desenvolvimento das ações e das relações com as demais personagens – e de personagem antagonista – *oponente*, também sujeito da ação, mas que coloca obstáculos à concretização dos objetivos da protagonista e disputa o mesmo objeto – o foco de interesse ou *valor orientador* está centrado no objetivo individual da personagem. Dessa forma carecíamos compreender seus conflitos vinculados às questões políticas, econômicas e sociais existentes nas narrativas.

Assim, para este estudo, à função de personagem protagonista ou antagonista aproximamos à de *personagem engajada*, ou seja, além dos atributos acima apresentados, estas personagens são impulsionadoras de processos modificadores ou conservadores. Caracterizam-se, nas narrativas, por identificarem-

⁸⁶ FIORIN, José Luiz. 2ª ed. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 27

⁸⁷ BOURNNEUF e OUELLET, 1976, p. 215.

se com determinada ideologia, filiareem-se à alguma organização política e por estarem suas atividades ligadas à disputa pelo poder de Estado para manutenção ou transformação da sociedade.

Com isto percebemos que as personagens engajadas contam com personagens *adjuvantes* que assumem funções políticas secundárias, mas também compõem a vanguarda das ações nas narrativas. Isto é, personagens atuantes, participantes e tarefeiras contribuem de forma decisiva com as personagens engajadas em suas ações políticas.

Desta forma, passamos a trilhar o caminho de cada personagem submersa nas lutas, fruto das tensões entre os valores individuais e sociais, para compreendermos posteriormente as tarefas políticas que conduzem o *engajamento*.

4.1. Da Monarquia à República: Mulheres lutam por sobrevivência

"Sina de Mulher é essa: ficar em casa esperando, enquanto os homens se vão em suas andanças." (C., p. 285)

"Já não há quem segure as mulheres" (LC., p. 310)

Com incursões ao passado se desenvolve nas narrativas um processo de longa duração que nos possibilita um olhar ao modo de vida e à trajetória de engajamento das personagens. Nesse caminho encontramos, em alguns momentos, a luta pela sobrevivência e, em outros, um convívio aparentemente harmônico entre as personagens. No entanto, no momento do confronto conhecemos mais de perto os sonhos e os anseios de cada uma.

*Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida
a vida mera das obscuras.*

(Cora Coralina)

Iniciamos essa caminhada a partir de sua gênese com a luta travada por Ana Terra, em *O Tempo e o Vento*, e Sara Mau-Tempo, em *Levantado do Chão* em busca da sobrevivência. Mulheres que seguem por percursos adversos à divisão estabelecida na sociedade, que procura condená-las à submissão e à fraqueza diante da realidade.

O contato entre a paulista Ana Terra e Pedro Missioneiro, o mestiço dos Sete Povos das Missões, na sanga, à época do rei Dom José I, favorece a continuidade da linhagem Terra e, na busca pela sobrevivência, a efetivação das sesmarias⁸⁸ com o recebimento de terras, através de um donatário, para as cultivar como uma das formas de povoamento do latifúndio no Brasil.

Da violação à rapariga da família mourisca de Sara da Conceição, na fonte, à época do rei Dom João I, surgem os olhos azuis vindos da Germânia e as primeiras medidas para povoamento de terras em Portugal.

A Monarquia, estabelecida em Portugal e estendida ao Brasil, além de constituir a rígida separação entre os grandes, os pequenos e os não-proprietários de terra impõe a rígida *divisão social do trabalho*⁸⁹ em família e da família em sociedade.

⁸⁸ A sesmaria, um dos processos de ocupação de terra no Brasil, visava inicialmente “dar terra a quem a trabalhasse” mas tornou-se, para os donatários, uma forma de apropriação da terra e do poder. In: BASBAUM, Leôncio. 4ª ed. *História Sincera da República*. São Paulo: Alfa-Omega, 1982, p. 73. Vol. 1.

⁸⁹ Neste momento utilizamos o conceito de *divisão social do trabalho* conforme disposta por Karl Marx n’A *Ideologia Alemã*: “baseada por seu turno na divisão natural do trabalho na família e na repartição da sociedade em famílias individuais opostas umas às outras, surge simultaneamente a distribuição desigual (quantitativa e qualitativamente), do trabalho e de seus produtos, portanto da propriedade: cujo núcleo, ou primeira forma, acha-se na família, onde a esposa e os filhos são escravos do marido. Essa escravidão latente na família, embora ainda muito rudimentar, é a primeira propriedade, mas mesmo nessa etapa primitiva corresponde perfeitamente a definição dos economistas modernos que a denominam de poder de dispor da força de trabalho dos outros”, ou seja, refere-se à distribuição

Os difíceis caminhos percorridos por Ana Terra desde a saída da estância do pai, após um violento saque, ao lado da cunhada e do pequeno Pedro, até os ranchos cobertos de santa-fé, representam uma nova vida e o adequar-se as leis do novo povoado.

Diferentemente para Sara da Conceição, que de terra em terra resiste, com os filhos, a todo o tipo de privação e, ao lado de Domingos, pequeno sapateiro que constitui o proletariado rural,⁹⁰ busca na região alentejana tempos melhores numa época de instabilidade política e de crise econômica em Portugal.

Ambas, inicialmente não-proprietárias, saem das terras dos pais e seguem caminhos diferentes. Ana trabalha de sol a sol, torna-se costureira e a parteira do povoado. Sara, em meio à miséria, permanece dependente financeiramente e custa a fixar moradia.

Essas personagens ao longo das narrativas conhecem, em seus relacionamentos afetivos, apenas um único homem e resistem a várias formas de opressão. Acompanham por toda a vida os filhos, sofrendo as angústias da distância pela guerra ou da injustiça, e deixam a vida como alicerces da estrutura social.

A morte de Ana Terra – “exatamente no dia em que chegara a Santa Fé a notícia de que os 33 de Lavalleja tinham invadido a Cisplatina”,⁹¹ (C., p. 173) – e a de

das diferentes tarefas que os indivíduos desempenham na sociedade (econômicas, ideológicas ou políticas) de acordo com a situação que possuem na estrutura social. Apud: FROMM, 1979, p. 177.

⁹⁰ Nos anos finais da Monarquia em Portugal cerca de 75% da população dedicava-se à agricultura. No entanto, constituíam o proletariado rural os pequenos rendeiros, jornaleiros, sapateiros, etc. “Suas condições de vida eram más. Mal alimentado, inculto e analfabeto, atrasado e submisso [...] O álcool, o tabaco, o roubo, o banditismo e a vadiagem eram os reflexos dessa situação de miséria”. In: “A formação do operariado”. *Nova História*. CRISANTO, Natercia et al. Porto: Porto Editora, 1999, p. 284.

⁹¹ Ana Terra vive até 19 de abril de 1825, data em que os oficiais uruguaios do exército imperial brasileiro “saíram de Buenos Aires, foram em pelotões até as ilhas do delta do Paraná e daí em dois lanchões, passaram à terra uruguaia” para lutarem pela independência do Uruguai, conquistada em 25 de agosto. In: FAGUNDES, Antonio Augusto. “A Cisplatina – O Uruguai como Província Brasileira”. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998, p. 70 a 75.

Sara da Conceição Mau-Tempo – “como um pavio a que se acabou o azeite” ⁹² (LC., p. 113) – registram o tempo e a continuidade da vida.

Com a República se cristaliza a divisão social e “entre o latifúndio monárquico e o latifúndio republicano não se viam diferenças e as parecenças eram todas, porque os salários, pelo pouco que podiam comprar, só serviam para acordar a fome” (LC., p. 34). A família Terra Cambará, no Brasil, transforma-se de pequena a grande-proprietária de terra e a família Mau-Tempo, em Portugal, continua a sofrer as privações dos que vendem a *força de trabalho*.

Ana Terra e Sara da Conceição, partes de realidades biologicamente misturadas, vivem em sociedades economicamente divididas entre proprietários e não-proprietários dos *meios de produção*. São levadas a assumir o papel destinado às mulheres na *divisão social do trabalho* e, sem sucumbirem, contribuem para a formação e o desenvolvimento de seus países trabalhando e gerando filhos e filhas que percorrerão caminhos de luta pela sobrevivência ou pela transformação social.

4.2. O Tempo e o Vento no caminho do engajamento.

“Há duas idéias muito convenientes às classe dominantes: uma é a de que pobres sempre os haverá [...] e a outra é a de que as guerras são inevitáveis ” (A.II, p. 26)

Na trilogia *O Tempo e o Vento*, o *ambiente do engajamento* está completamente articulado ao espaço social, ou seja, como a formação social e econômica do Brasil é estabelecida com desigualdades e projetada na interioridade da personagem, torna-se necessário a busca por ações políticas como forma de resolver os problemas apresentados. Essas ações, como dito anteriormente, podem

⁹² Sara da Conceição vive, provavelmente, até o final da década de 1930.

ser individualizadas ou organizadas coletivamente. Quando organizadas representam os ideais de uma determinada camada da sociedade e a personagem, consciente disso ou não, assume para si as lutas ou disputas e passa a atuar politicamente. Assim, encontramos na narrativa várias personagens ativas que contribuem para traçar e registrar o caminho do engajamento.

*Claras manhãs se passaram
E o fogo vermelho não aquece mais
Tomaram suas terras vermelhas
Trouxeram doenças nas cores
Das penas
Sem fruto, sem dança, sem caça
Se foram as raças da América do Sul*

(Grupo Acaba)

Seguimos a continuidade da linhagem Terra a partir do encontro de Ana Terra com **Pedro Missioneiro**, a primeira personagem *atuante*.

Pedro inicia as atividades políticas ainda no Brasil Colonial no momento em que a administração pombalina determina a expulsão dos jesuítas da fronteira do Brasil com o Uruguai, conseqüentemente, favorecendo a concentração de terras aos grandes fazendeiros e comerciantes. Presencia toda a desintegração das reduções após o Tratado de Madri,⁹³ acompanha a resistência indígena às determinações da coroa e a união dos exércitos espanhol e português contra Sete Povos.⁹⁴ Encanta-se

⁹³ Acordo estabelecido entre Espanha e Portugal, em 1750, que determinava uma nova demarcação de terras em que o espaço dos Sete Povos das Missões passaria para domínio português, sendo que seus moradores, a maioria indígenas, deveriam construir novos aldeamentos em terras paraguaias. “Os Jesuítas – Conflito de Coroas e a Guerra das Missões”. FAGUNDES, 1998, p. 34-41.

⁹⁴ Com o “objetivo de dominar o índio e através dele, a América” os jesuítas chegaram ao Rio Grande do Sul pela margem do rio Uruguai e fundaram de 1626 a 1634 dezoito reduções, posteriormente extintas por ação dos bandeirantes que buscavam índios para a escravidão das lavouras e engenhos. Entre 1682 a 1706 os jesuítas fundaram novamente sete reduções, que enfrentaram graves problemas como fome, epidemias e levaram os índios “desestimulados, surrados, castrados culturalmente” a não procriarem ou procriarem pouco. Após sucessivas resistências indígenas os exércitos português e espanhol derrotaram Sete Povos das Missões. FAGUNDES, 1998, p. 17-41.

com Sepé Tiaraju, o índio guerreiro, que defendia a coroa espanhola nas Missões, mas esteve à frente na organização indígena contra a entrega das Missões para Portugal.⁹⁵ “Vê” Sepé Tiaraju morrer e deixa as Missões. Cresce nos acampamentos militares e mais tarde, possivelmente indignado contra os espanhóis por “entregarem” as Missões aos portugueses, acompanha os soldados da coroa e compõe as forças de guerra contra os castelhanos (C., p. 83).

Esse mestiço – filho de índia guarani violentada por português, nascido na missão de San Miguel, educado por padres espanhóis, que lê, escreve, fala guarani, espanhol e latim – sobrevive a vários combates, mas é na estância dos Terra que conhece Ana, concebem Pedro e é assassinado por este feito.

*Se quem chegou partiu
Se quem virá já foi
Só pra quem fica
Os dias são todos iguais
Mil sonhos para enterrar
Ventos e vendavais
Corpo e alma vergam
Se os anos pesam demais*

(Marcus Viana)

Pedro Terra, outra personagem *atuante*, a contra-gosto toma contato com as questões políticas.

Trabalha na agricultura quando é convocado pela primeira vez, junto com escravos e peões, para defender o governo português contra os espanhóis em mais

⁹⁵ Rebelião conhecida como Guerra das Missões contra a entrega do território aos portugueses. Durou de 1754 a 1756. FAGUNDES, 1998, loc. cit.

uma disputa territorial.⁹⁶ Depois da guerra passa a trabalhar em terras arrendadas onde planta trigo. Anos depois, deixa novamente a agricultura para participar de mais uma intervenção militar ⁹⁷ com “o objetivo de anexar a Banda Oriental ao Brasil” à época da instalação da família Real.

Essas experiências de guerras e os duros embates diários pela sobrevivência contribuem para a formação de seu pensamento sobre o mundo. No entanto, sua compreensão da realidade limita-se à indignação e a busca de meios para sobreviver com uma olaria e a criar os filhos Juvenal e Bibiana Terra.

Com a independência do Brasil as leis têm pouca alteração a favor dos trabalhadores agrícolas e pequenos proprietários, os quais continuam a pagar altos impostos.

Contudo, Pedro torna-se um dos primeiros membros da Câmara Municipal e aproxima-se das propostas do Partido Liberal a partir dos propalados feitos de Bento Gonçalves, quando da iminência da Revolução Farroupilha.⁹⁸ Ainda como pequeno-proprietário insiste com a lavoura de trigo, mas sem conseguir pagar o empréstimo com a agiotagem perde as propriedades dos Terra, vindo a definhando e a envelhecer até morrer de desgosto. (C., p. 333)

⁹⁶ Em 1801, com a declaração de guerra da Espanha contra Portugal por manter sua aliança com a Inglaterra, as tropas brasileiras invadem e conquistam o território das Missões. “A conquista das Missões”. FAGUNDES, 1998, p. 67-69.

⁹⁷ O governo português invadiu a Banda Oriental (atual Uruguai) em 1811 e 1816, mas a posse foi definitivamente garantida em 1821. In: FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 69.

⁹⁸ A Revolução Farroupilha deve ser considerada como o movimento político-militar que vai de setembro de 1835 a setembro de 1836 sendo a revolta de uma província contra o Império do qual fazia parte. A partir de setembro de 1836 quando é proclamada a República Riograndense pode-se falar em guerra, a luta aberta entre duas potências políticas independentes e soberanas, uma República, de um lado, e um Império do outro. A Guerra dos Farrapos findou em fevereiro de 1845 com um tratado de paz entre os dois lados. “Revolução Farroupilha”. FAGUNDES, op. cit., p. 82-93.

*Nave solta no imenso mar
Deleando batalhas e vidas
Nascidas pra te encontrar
Fogo, luz que incendeia
corações
De guerreiros e amantes*

(Marcus Viana)

No período da Revolução Farroupilha aproxima-se da família Terra mais uma personagem *atuante*, **Rodrigo Cambará** – filho de Chico Cambará, chefe de bando que se apossava de terras, assaltava tropas, roubava gados, enfim não reconhecia a propriedade.

Rodrigo entra para as forças de guerra com dezoito anos, aos vinte e quatro invade terras em Montevideu com as tropas do governo e aos vinte e nove anos torna-se tenente.

Interado dos acontecimentos políticos, acompanha o que acontece no Brasil, em Portugal e na Venezuela – posiciona-se contra o governo brasileiro, tem ciência da Revolução do Porto⁹⁹ e da necessidade dos portugueses de garantir uma constituição e defende os feitos de Simon Bolívar.¹⁰⁰

O modo de vida em busca de liberdade não o deixa aceitar as formas de dominação e poder. Casa-se com Bibiana Terra, mas não se submete a estrutura familiar, mesmo assim, permite sua continuidade com Anita, Leonor e Bolívar.

⁹⁹ Em 1820 a situação portuguesa era de “crise em todos os planos da vida nacional: crise política, causada pela ausência do rei e dos órgãos do Governo no Brasil; crise ideológica, nascida da progressiva difusão, nas cidades, de idéias políticas que consideravam a monarquia absoluta um regime opressivo e obsoleto; crise econômica, resultante da emancipação econômica do Brasil; crise militar, originada pela presença de oficiais ingleses nos altos postos do exército e pela emulação dos oficiais portugueses, que se viam preteridos nas promoções” Foi nesta conjuntura que surgiu a revolução portuguesa e a iniciativa partiu de um pequeno grupo de burgueses portugueses. “A revolução não encontrou qualquer resistência e despertou enorme entusiasmo. Acreditava-se que se entrara numa nova era da história e via-se na futura Constituição a solução miraculosa de todos os problemas portugueses”. In: SARAIVA, José Hermano. 20ª ed. *História Concisa de Portugal*. Portugal: Europa-América, 1999, p. 278.

¹⁰⁰ Líder venezuelano, Simon Bolívar (1783-1830), liderou o exército que pôs fim ao regime monárquico na Colômbia. Participou das lutas de independência e foi presidente da Bolívia e da Grã-Colômbia (união entre Venezuela, Equador, Colômbia e Panamá) e chefe supremo do Peru. Disponível em: www.marxists.org

Perde sua vida em combate no momento em que, como integrante das tropas de Bento Gonçalves, ocupa a cidade de Santa Fé e invade o casarão dos Amarais.

No caminho percorrido por essas *personagens atuantes* fica a marca das ações políticas que atingem a nova geração, representada inicialmente por personagens **tarefeiras**, que compõem a vanguarda das ações.

*passam às mãos da minha geração
heranças feitas de fortunas rotas
campos desertos que não geram pão
onde a ganância anda de rédeas soltas
se for preciso, eu volto a ser caudilho
por essa pampa que ficou pra trás
porque eu não quero deixar pro meu filho
a pampa pobre que herdei de meu pai*

(Engenheiros do Hawaii)

Como *tarefeiros* destacamos os primos **Bolívar** (filho de Rodrigo Cambará e Bibiana Terra) e **Florêncio** (Filho de Juvenal Terra e Ondina) que sem compreensão dos reais problemas políticos, ligados à disputa pelas terras da fronteira, apresentam-se como defensores do governo brasileiro e integram-se aos batalhões de voluntários na Guerra contra Oribe e Rosas.¹⁰¹ Florêncio, posteriormente, compõe as tropas para a Guerra do Paraguai.¹⁰²

¹⁰¹ Por volta de 1852 partidários de Oribe, chefe de Montevideu, ultrapassam a fronteira, saqueiam as estâncias e matam brasileiros. Os brasileiros revidam. Invadem, matam e incendeiam o lado oriental. Rosas, ditador de Buenos Aires, protesta contra o Brasil. O Império brasileiro acorda com o governo uruguaio, com um general argentino e juntos confrontam Oribe e depois Rosas, derrotando-os. “A guerra contra Oribe e Rosa”. FAGUNDES, 1998, p. 94-96.

¹⁰² Iniciada em 1864 estendeu-se por mais de cinco anos. Brasil e Paraguai disputavam o mercado de erva-mate, as fronteiras e a navegação dos rios. Em 1865 forma-se a Tríplice Aliança entre Argentina, Uruguai e Brasil a fim de bloquearem a via de acesso do Paraguai ao exterior. Ao final do conflito o Paraguai havia perdido parte de seu território para Brasil e Argentina. “A guerra da Tríplice Aliança”. Ibid., p. 97-101.

Ambos, das guerras, carregam as seqüelas. Bolívar passa muitas noites sem conseguir dormir ou com pesadelos e Florêncio é considerado inválido com problemas na perna, depois de receber um tiro no joelho.

Bolívar, diferentemente do pai, aceita e utiliza a estrutura familiar para dar prosseguimento à linhagem Terra. Ao mesmo tempo em que reconquista sem grandes esforços as propriedades dos Terra, perdidas com a especulação imobiliária, recebe como herança grande fortuna ao casar-se com Luzia, sobrinha de um rico agiota e concebem Licurgo. É o símbolo maior da ruptura e definição da consciência de classe na família.

Não se integra à vida política, no entanto, vê-se envolvido nas velhas rixas entre famílias. Diante de uma determinação do chefe municipal, Bento Amaral, inimigo de seu pai – para atirarem no morador do sobrado que desrespeitar a lei que prevê quarenta dias de isolamento para os casos suspeitos de cólera com o argumento de evitar uma epidemia – perde a vida depois de receber um tiro.

Florêncio, após quatro anos na batalha, volta para casa e sem conseguir se interessar por nada vê os filhos Juvenal, Maria Valéria e Alice crescerem. Tenta apenas ganhar algum dinheiro para a alimentação e aluguel, depois de algumas decepções com os negócios. Morre em silêncio no dia em que o Partido Republicano assume a Intendência Municipal.

Depois da Guerra do Paraguai a sensação de vitória torna constantes as conversas e as ações sobre a Abolição e a República, prevalecendo várias tentativas de Golpes de Estado, greves e revoltas.

*Eu vou no passo do cavalo baio
Entre bandeiras, sabres e farrapos
Eu vou no passo do tambor que chama
No passo de quem não sabe se volta
Eu vou no passo de quem vai pra guerra
Por liberdade, honra e terra*

(Marcus Viana)

Assim, **Licurgo Cambará**, o primeiro personagem *engajado*, filiado ao Partido Republicano é eleito intendente municipal, na primeira eleição livre na história do município. Mesmo sendo pai de Rodrigo, de Toríbio e de um Caré tem condição financeira favorável e opta por abrir mão do salário de intendente.

Fica ilhado com a família Terra-Cambará em seu sobrado quando Santa Fé é tomada por tropas inimigas, na Revolução Federalista,¹⁰³ mas resistem. Passados alguns anos, participa da Revolução de 1923¹⁰⁴ e após meses em combate, perde a vida, ao cair em uma tocaia, sem saber o resultado do movimento.

*Em pleno século XX
Eu quero mais é viver
Compro a felicidade
E o resto, pago pra ver*

(Kleiton & Kledir)

Seguem o caminho do pai, como *engajados*, **Toríbio e Rodrigo Terra-Cambará**.

Rodrigo formado em medicina torna-se intendente municipal e posteriormente deputado estadual pelo Partido Republicano. Toríbio sempre à frente dos negócios da fazenda assume-se apenas como um peão integrante do partido.

¹⁰³ Em 1893 inicia uma sangrenta disputa pelo controle do poder estadual. As tropas federalistas (maragatos – lenços vermelhos) invadem o Rio Grande e por quase três anos entram em disputa com os republicanos (pica-paus – lenços brancos). “A Revolução de 1893”. FAGUNDES, 1998, p. 106-113.

¹⁰⁴ Esta Revolução teve novamente como ponto central a disputa pelo poder estadual. O ato que assinalou a paz ficou conhecido como o Pacto de Pedras Altas e apresentava na nova Constituição do Estado a proibição à reeleição do presidente do estado. “A Revolução de 1923”. Ibid., 118-120.

Com a morte do pai, Rodrigo, já casado com Flora e pai de Floriano, Eduardo, Jango, Bibi e Alice, sente a falta do referencial político e com a morte da filha Alicinha perde o referencial profissional ao não conseguir salvá-la da morte. E Toríbio permanece na fazenda cuidando dos negócios da família. Entretanto seguem caminhos diferentes na vida política.

No movimento contra Artur Bernardes Rodrigo nega-se a compor a frente contra o governo e Toríbio segue o caminho da luta ao integrar a Coluna Prestes.¹⁰⁵

Rodrigo, quando volta a atuar, compõe a Aliança Liberal. Intendente municipal, a época do assassinato do candidato a vice, João Pessoa, reúne os chefes republicanos e libertadores de Santa Fé e organiza com Toríbio e com os caboclos da fazenda o movimento que dá início à Revolução de 1930.¹⁰⁶

Rodrigo, muito próximo de Getúlio, recebe um cartório no Rio de Janeiro para estar à frente das articulações políticas. Oportunista torna-se sócio de várias empresas industriais, passa a traficar influências no governo e a viver intensamente as noites cariocas. (R. p. 12)

Toríbio, insatisfeito com os resultados políticos e com o governo junta-se aos paulistas na Revolução Constitucionalista¹⁰⁷ e presencia a vitória do governo central.

¹⁰⁵ Em 1924 inicia no país uma série de levantes de oficiais com a tomada de quartéis na tentativa de derrubar Bernardes e a oligarquia dominante. De São Paulo sai uma coluna de oficiais, do Rio Grande mais uma coluna de oficiais e forças políticas do estado que rumam para o Paraná e juntos formam a Coluna Prestes que percorre o país a fim de levantar a população. Findam em 1927 quando seus integrantes são presos ou escapam para a Bolívia e Paraguai. "Movimentos Revolucionários". FAGUNDES, 1998, p. 121-125.

¹⁰⁶ Com a derrota, nas eleições para Presidente da República, de Getúlio Vargas para o paulista Júlio Prestes forma-se um movimento que impede a posse de Prestes, depõe Washington Luiz e em vinte um dias Getúlio Vargas torna-se chefe do Governo Provisório. "Movimentos Revolucionários". FAGUNDES, 1998, 121-125.

¹⁰⁷ Numa tentativa de conquistar o direito de escolher um governo próprio e na defesa de uma nova Constituição para o Brasil, em Junho de 1932, os paulistas se levantam e contam com integrantes dos Partidos Republicano e Liberal do Rio Grande do Sul. "Movimentos Revolucionários". FAGUNDES, 1998, loc. cit.

Depois dos Levantes Comunistas¹⁰⁸ descarta completamente a possibilidade de qualquer aproximação ou reconhecimento do governo Vargas.

Essa diferença política interfere diretamente na relação familiar e Toríbio numa comemoração de ano novo no Sobrado, pela primeira e última vez, se indis põe com Rodrigo. Não se sente à vontade em participar da festa em família e, com o sobrinho, junta-se às festividades em uma boate, onde se aproxima de uma mulher acompanhada, causa desentendimento e é ferido à morte.

Rodrigo permanece fiel ao Estado Novo¹⁰⁹ do início ao fim e ainda no Rio, sofre um primeiro infarto. A época do movimento queremista,¹¹⁰ já de volta a Santa Fé, fica acamado. Em meados de dezembro, meses depois da queda de Getúlio, novamente acamado, morre dormindo.

A partir da trajetória de ambos podemos afirmar que, como **engajados**, assumem decisões e tomam posições políticas conscientes.

Rodrigo, representante-símbolo do grande proprietário que entra em decadência financeira, se utiliza da formação teórica, das relações pessoais e de seus privilégios políticos para manter o prestígio. Tem maior capacidade para conciliar teoria e prática e definir-se tranqüilamente em defesa incondicional a sua

¹⁰⁸ Durante 1935, com a Lei de Segurança Nacional, forma-se a Aliança Nacional Libertadora entre comunistas e oficiais de esquerda com a perspectiva de insurreição para a tomada do poder. Com a ofensiva do governo, de impedir seu funcionamento por decreto e prisões aos seus integrantes, a tentativa de golpe foi fracassada tendo como resultado a morte de várias lideranças. BASBAUM, 1982, p. 66-87. Vol. 3.

¹⁰⁹ O Estado Novo foi decretado por Getúlio Vargas a partir de 10 de novembro de 1937 quando a Constituição Nacional foi golpeada e o Parlamento fechado impondo ao país um regime ditatorial até 1945. Ibid., p. 105-132.

¹¹⁰ Getúlio insistia na necessidade de manter-se no poder pela existência da Guerra, no entanto, diante das pressões, marcou a data das eleições para presidente e para a Assembléia Constituinte. Com o reaparecimento das greves e dos vários partidos de oposição, na tentativa de frear as mobilizações, os círculos trabalhistas apoiadores de Getúlio organizam o movimento queremista, em meados de 1945, exigindo a instalação da Assembléia Constituinte para depois realizar as eleições diretas. Os resultados não foram positivos e Getúlio foi deposto em outubro. BASBAUM, 1982, p. 121-147. Vol. 3.

classe, ou seja, toma posições à “*direita*” com o intuito de manter a ordem estabelecida.

Toríbio com menor formação teórica e maior sensibilidade em relação à outra classe, talvez pelo convívio com os trabalhadores da fazenda, caminha até o “*centro*”, isto é, reconhece as injustiças sociais e busca amenizar os problemas no limite da divisão de classes.

A atuação política das personagens-proprietárias, até aqui, está mediada por dois aspectos importantes: O localismo que se apresenta através de preocupações políticas, principalmente, com o Rio Grande e em alguns momentos também com o Brasil e o imediatismo por buscar resolver os problemas que se apresentam mais agudos com soluções superficiais e imediatas, tendo a guerra e a revolução como instrumentos de força para a manutenção do poder das classes dominantes.

No entanto, alguns personagens dão voz a outras formas de compreensão do mundo e da realidade e conseqüentemente imprimem uma outra forma de militância ou engajamento. A cultura da guerra deixa de ser importante e a revolução socialista torna-se necessária, pois carrega a possibilidade de transformação radical da sociedade.

No seio da família Terra Cambará – ainda grande proprietária de terras, sócia de empresas e com participação no governo ditatorial de Getúlio Vargas – desponta um partidário da revolução socialista, Eduardo Terra Cambará, filho de Rodrigo, que tem como camaradas Don Pepe e Arão Stein.

*Y hablo de países y de esperanzas
Hablo de la vida, hablo de la nada
Hablo de cambiar esta nuestra casa
De cambiar-la por cambiar no mas*

(Fito Paez)

Eduardo é a grande contradição da família nesta nova geração. Filiado ao Partido Comunista Brasileiro não aceita a conduta política do pai de se aliar ao autoritarismo.

Vive o drama do revolucionário, filho da burguesia, que não tem forças para romper com a situação de dependência financeira e é pressionado de dois lados: O pai “joga na cara” a incapacidade do Partido Comunista de reação e os companheiros do partido cobram atitudes concretas quanto a sua posição de filho burguês. Ainda assim, dedica-se à luta política.

É um dos fundadores do Partido em Santa Fé e possui importantes características de organizador. Com a morte do pai decide que a parte que lhe toca no latifúndio será transformada em granja coletiva.

Don Pepe García é pintor, espanhol e anarquista. Como **atuante** participa de conspirações e do atentado ao rei espanhol em 1905. Diz-se socialista revolucionário e crítico ferrenho da burguesia e da Igreja, no entanto, torna-se amigo da família. Faz a pintura do retrato de Rodrigo, que toma importância maior do que a Revolta da Chibata,¹¹¹ principal acontecimento político do momento, noticiada nos jornais que circulam pela cidade.

Mais tarde assume a tipografia do jornal *A Farpa*, órgão de imprensa do Partido Liberal, e trabalha de graça para os representantes dessa burguesia. Segue

¹¹¹ A 23 de novembro de 1910, após a posse do marechal Hermes da Fonseca “ocorreu um dos fatos mais impressionantes da nossa história: a revolta dos marinheiros e subalternos dos navios de guerra, sob o comando de um marujo negro, o cabo João Cândido [...] Manobrando os navios com absoluta maestria, e apontando os canhões para a cidade, exigiram que fosse extinto o humilhante e desumano regime da chibata” [...] a melhora da alimentação e a anistia antecipada. BASBAUM, 1982, p. 224. Vol. 2.

seu caminho propondo ações terroristas, isto é, explosões a bomba para salvar o mundo. Mas, mesmo depois da queda do Estado Novo, quando julgava que tinha sido traído pelo amigo, recebeu-o de braços abertos em Santa Fé.

*Não quero dar porque não poderia
Nem receber o que não deveria
O sinaleiro orientou errado
Errei o trilho e fiquei de lado
Pagar porém um juro assim tão alto
Era uma coisa que eu não merecia*

(por Zé Geraldo)

Arão Stein, filho de imigrante judeu russo dono de um ferro-velho, é atraído para o sobrado pela admiração de Rodrigo à sua curiosidade e inteligência, que ao reconhecê-las trata logo de custear-lhe os estudos.

Durante os estudos toma contato com os escritos de Marx e Engels e ao voltar para Santa Fé, após abandonar o curso de Medicina, tenta manter uma tipografia para publicar, clandestinamente, o que aprendeu com o marxismo.

Recebe da família Terra Cambará, numa barganha, uma impressora e tipos usados, depois de trabalhar por alguns dias na impressão do material de propaganda da Aliança Libertadora. No período que antecede a Revolução de 23, numa ação do governo municipal, é preso e agredido ao se recusar compor o Corpo Provisório. Em seguida sua casa é invadida, seus livros queimados e seus apetrechos tipográficos roubados, o que o deixa muito deprimido.

Passa a adquirir a literatura marxista de forma clandestina através do Uruguai e da Argentina. Quando tem notícias da Guerra Civil Espanhola,¹¹² filiado ao Partido

¹¹² O general Francisco Franco liderou, em 1936, uma insurreição militar para derrubar a república espanhola. Com a resistência de parte da população espanhola iniciou-se a guerra civil que perdurou até 1939. BERTONHA, João Fábio. *Fascismo, Nazismo, Integralismo*. São Paulo: Ática, 2001, p. 27.

Comunista Brasileiro, se dispõe a lutar ao lado dos revolucionários contra Franco e é ferido.

Mais tarde de volta a Santa Fé discorda das posições políticas do Comitê Central do Partido e passa a ser perseguido por companheiros do partido até sua expulsão. No final deste mesmo ano, enforca-se num dos galhos da figueira da praça.

A atuação política de Eduardo, Don Pepe e Stein apresenta outros dois importantes aspectos: a visão internacionalista da luta, ou seja, se a opressão é mundial a luta dos trabalhadores deve ser internacional e a necessidade de transformação radical da sociedade para pôr fim à divisão entre pobres e ricos. No entanto, é insuficiente para mudar o percurso da família.

A família Terra Cambará, que adquiriu prestígio econômico e político ao longo de sua trajetória, manteve como sua a estrutura hierárquica existente na sociedade e entre escravos e funcionários conta também com o auxílio de dois importantes **tarefeiros**, José Lírio e Fandango.

*Acendi uma vela que é pro Negrinho nos ajudar
A encontrar as histórias porque a memória pode falhar
É sabedoria deixa o amargo viver em paz
Mate e cara alegre porque o resto a gente faz*

(Kleiton & Kledir)

Merecedores de atenção por executarem, quase sem questionamento, planos elaborados pelos amigos, ou melhor patrões, não sabemos nada sobre suas famílias, como vivem ou sobrevivem, mas registram presença marcante em importantes momentos para a família Terra Cambará.

José Lírio depois de expressar diferença política e defender os federalistas na Revolução de 1893 é preso e impedido de entrar no sobrado por longos anos, distante do amor de sua vida, Maria Valéria. Não se reconhece inimigo e acompanha cada passo da família. Busca constantemente a reconciliação que acontece somente na campanha civilista¹¹³ quando defendem o mesmo candidato e permanecem juntos também na Revolução de 23. A sua presença no sobrado contribui para a formação de Rodrigo e Toríbio, mas chega ao final de sua vida desculpando-se carinhosamente com a família pelo distanciamento político.

Fandango é o *contador de histórias* e recitador de poesias. Como tropeiro, carreteiro ou soldado, que está sempre em trânsito, carrega a força da oralidade. Repete quantas vezes pedirem as lendas e histórias que marcam seu tempo. Afirma ter sido lanceiro na Revolução Farroupilha. Durante a Revolução de 1893, enquanto perde um neto na guerra, nos momentos de calmaria em que esteve sitiado no sobrado, retransmite as histórias para Rodrigo e Toríbio. Luta pela República e pela Abolição ao lado da família Terra Cambará, sem defendê-las. Com quase cem anos continua capataz da estância e somente com sua morte recebe homenagem e conquista um pedaço de terra.

Paralelamente a história da família Terra Cambará temos as histórias das famílias **Amaral**, grande latifundiária que concentra também o poder de decisão sobre os aspectos econômicos e da vida das personagens e **Caré**, que ao ser obrigada a vender a *força de trabalho* permanece despossuída dos *meios de produção* e sem poder de decisão.

¹¹³ A campanha civilista iniciada em 1909 apresentava o nome de Rui Barbosa para concorrer às eleições para a presidência da república contra o Marechal Hermes da Fonseca. BASBAUM, 1982, p. 187. Vol. 2.

*Quantos ouvidos
um homem deve ter
para ouvir os lamentos do povo?
Quantas mortes ainda serão necessárias
para que se saiba
Que se matou demais?*

(por Diana Pequeno)

A família Amaral, em grande parte da narrativa, representa o mais alto grau do conservadorismo dos engajados “*de direita*”. Neste caso, as personagens aproximam-se da função de antagonistas, ou seja, além de apresentarem os obstáculos ao desenvolvimento “progressista” da cidade, disputam diretamente a ideologia política e o poder com a família Terra Cambará em quase toda a narrativa.

O seu primeiro integrante Coronel **Ricardo Amaral** é o senhor das sesmarias e grande proprietário de escravos. Afirma-se que foi através do assalto a estâncias e do roubo de gado que iniciou sua fortuna. Conta-se que participou da aniquilação de Sete Povos das Missões. Esteve à frente na invasão da Banda Oriental junto com o filho **Chico Amaral**, fundador do povoado de Santa Fé.

Posteriormente a cidade tem como primeiro presidente da Câmara **Ricardo Amaral Neto**, que luta ao lado das forças restauradoras na Revolução Farroupilha e morre em combate.

Os Amarais ainda “eram por assim dizer os donos de Santa Fé” (C., p. 174), após algumas gerações, quando **Bento Amaral**, filho de Ricardo Amaral Neto, apaixona-se por Bibiana Terra e num duelo com o Capitão Rodrigo recebe no rosto uma marca. Torna-se chefe político do município e deputado estadual e tem como sucessor político familiar **Alvarino Amaral**. Este faz o cerco ao sobrado e tornam prisioneiros seus habitantes durante a Revolução Federalista, no entanto alia-se aos Terra Cambará na campanha Civilista (R., 254), organizam e combatem juntos na

Revolução de 1923; continuam juntos na Revolução de 1930. O bisneto, projetando-se poeta, reconhece e admira o escritor Floriano Cambará (A. II, 409).

*Pobre pros ricos não vale nada
Eles não sabem o que é o peso de uma enxada
Do bom e do melhor os ricos bebem e comem
Com um salário só o pobre passa fome*

(Marcos e Adilson Monteiro)

As *participantes* personagens da família Caré aproximam-se da função de adjuvantes. Constituída da mistura de mamelucos, cafuzos, portugueses e espanhóis representa os sem cavalo, sem armas, sem botas e sem terras.

João Caré, o primeiro deles, tenta ocupar um pedaço de chão, mas sempre é colocado para fora. Vende a filha a um coronel para tentar ganhar dinheiro e nasce **Mingote**, que ao tentar realizar o sonho de possuir um cavalo é pego como ladrão, açoitado, marcado a ferro e morto.

Durante a Revolução de 1835, cinco integrantes da família lutam nas forças do governo. Como resultado **Pedro Caré** tem o braço amputado, enquanto Rodrigo Cambará é promovido a Capitão.

José Caré luta na Guerra contra Rosas. Mas, é **Chiru Caré** que aproxima à família Terra Cambará e consegue licença para erguer um rancho nas terras da família em Santa Fé.

Na Guerra do Paraguai, nos campos de batalha, se sente homem e faz amigos, um desses é Florêncio Terra que, Chiru socorre e salva depois de receber o tiro na perna.

Na Revolução Federalista, **Mauro Caré** combate contra o sobrado. No período da II Guerra Mundial **Lauro Caré**, neto de Licurgo Cambará com Ismália

Caré, compõe a Força Expedicionária Brasileira, morre na Itália na defesa da pátria e recebe um busto no centro da praça de Santa Fé em sua homenagem.

O destino dos Carés “foi sempre lutar na `guerra dos outros`, sem nenhum proveito para seu clã” (A.II p. 46). Certamente defendem interesses, em alguns momentos, que não são seus, mas são partes imprescindíveis da história.

Ao apresentarmos as personagens ativas politicamente, observando suas funções, pretendemos situar a família Terra Cambará no caminho do engajamento como parte da classe proprietária. De Ana Terra a Bolívar Terra Cambará a família consolida seu poder financeiro e de Licurgo a Rodrigo cristaliza suas posições políticas para a manutenção do poder de classe dominante, ou seja, da burguesia nacional.

No entanto, não somente representa a ascensão político-econômica e o declínio moral da burguesia nacional, com a posição minoritária de Eduardo Terra Cambará apresenta o questionamento às idéias totalitárias e à concentração de riqueza que divide a sociedade em classes.

Os questionamentos apresentados por Toríbio e posteriormente aprofundados por Eduardo representam posições minoritárias e insignificantes dentro da dinâmica de vida assumida pelos demais membros da família. Mesmo assim podemos afirmar que são imprescindíveis para a continuidade do engajamento.

4.3. Levantado do Chão, o engajamento no caminho.

”Dois sim confiaram que o mundo desse outra volta pelo mesmo lugar, que o latifúndio repetisse a regularidade dos usos e das estações, e também de alguma maneira descansando na urgência que a terra tem destes partos [...] Porém, todos os tempos acabam por cumprir-se. Este trigo, qualquer pessoa o vê, está maduro, os homens também.” (LC., p. 138)

Na obra, *Levantado do Chão*, a ação política individual das personagens é dificultada pelo espaço social opressivo. Durante um longo período as posições políticas dos engajados *de direita*, que favorecem as classes dominantes, obrigam seus opositores a ações clandestinas e organizadas coletivamente.

Esses opositores ao assumirem a função de engajados passam a ter suas ações profundamente mediadas pelo aspecto psicológico que, ao adquirir uma constância de tensão, exige de cada personagem uma conduta discreta e equilibrada sem a qual coloca em risco a própria vida e a de outros com a necessidade de postergar ações imprescindíveis.

O caminho da família Mau-Tempo dá-se, inicialmente sem engajados, na busca por melhores condições de sobrevivência, no momento em que a ordem dada pelo rei, é de povoamento. Da vasta paisagem entre Norte e Sul segue suas andanças de cidade em cidade, concebendo filhos que não conseguem ocupar um pedaço de chão.

Com o fim da Monarquia,¹¹⁴ apesar das esperanças e alegrias renovadas, a situação econômica dos trabalhadores pouco muda. A família Mau-Tempo, em situação de miséria, não consegue acompanhar a distribuição do trabalho nos campos do latifúndio entre aqueles que não reclamam do baixo salário. Também não se integra à fileira de trabalhadores que, inquietos, reivindicam melhores condições de vida e que são reprimidos com agressão e prisão pelo recente republicanismo,¹¹⁵

¹¹⁴ O clímax de rebelião antimonárquica portuguesa foi atingido em 1908 com o assassinato do rei D. Carlos e do príncipe herdeiro, D. Luís Filipe. Não faltou muito para que um golpe militar derrubasse o sucessor (rei D. Manuel) e implantasse a República em 5 de outubro de 1910, com uma resistência que custou a vida de setenta e seis combatentes. SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos*. São Paulo: Alameda, 2004, p. 44-45.

¹¹⁵ Conforme o historiador Fernando Rosas, o republicanismo, fenômeno de base urbana, queria representar as 'forças vivas' da nação, mas não podia alargar a cidadania política da elite de funcionários urbanos que chegavam ao aparato do Estado. Era preciso demonstrar, à direita, que se tinha autoridade para a governação, e, à esquerda, que se pretendia representar os marginalizados desde que esses não quisessem a rebelião social. Apud: SECCO, 2004, p.49.

que entre atuar à “*direita*” ou à “*esquerda*”, tenta coibir toda manifestação do movimento operário.

Com o fracasso da República, “em seu intento de transformar a sociedade por meio de reformas impostas pelo poder político” (SECCO, 2004, p. 49) a situação de miséria permanece entre a família que conta com o nascimento de Maria da Conceição e Domingos Mau-Tempo. Entre os trabalhadores, a situação também se mantém e permanecem divididos na disputa por emprego. Os do Sul já não aceitam trabalhar por tão pouco e tentam incitar os do Norte. Uns fazem greve e os outros ocupam os postos de trabalho dos grevistas.

Anos depois,¹¹⁶ em uma verdadeira guerra pela sobrevivência, Domingos Mau-Tempo enfraquecido pelo vício da bebida comete o suicídio e, o ainda menino, **João Mau-Tempo** assume a responsabilidade da casa.

Aqui irmão
Aqui sobre a terra,
A alma se enche
De bandeiras
Que avançam,
Contra o medo,
Avançam,
Venceremos.
(Victor Jará)

João, antes de se tornar um *engajado* “*de esquerda*”, segue o percurso da família na bifurcação ao finalizar os primeiros estudos, trabalhar pesado e conseguir o segundo emprego duas semanas depois de ter perdido o primeiro nos mesmos campos do latifúndio. Contraria a raiz operária rural do pai sapateiro e ao mesmo tempo a situação de desemprego na região.

¹¹⁶ “A participação na Primeira Guerra Mundial também contribuiu para abalar os alicerces republicanos, os financeiros, com o aumento do déficit orçamentário e, particularmente, do custo de vida entre 1914-1918”. SECCO, 2004, p. 51.

Nesta época João Mau-Tempo dedica-se a aprender de tudo, mas sente-se feliz em Lisboa ao prestar o serviço militar. Decepciona-se ao ser dispensado e não ver o sonho de ser policial ou guarda realizado. O casamento com Faustina traz um novo ânimo e juntos dão continuidade à linhagem Mau-Tempo concebendo o filho António e as filhas Gracinda e Amélia. Na labuta diária sente-se obrigado a cumprir ordens sem entender ao certo suas finalidades, e ao mesmo tempo compelido a desafiá-las.

Atende a uma ordem do patrão para representar apenas mais um número em comício, mas estabelece alguma relação entre as falas daquele dia e o que leu num panfleto clandestino encontrado no caminho para o trabalho. Sente-se um boneco na mão do patrão mas sem outra saída e com medo de perder o emprego, não reage. No entanto, não pára de refletir e de alimentar suas idéias. Compara aqueles dizeres com as várias vozes presentes no latifúndio e descobre que sua indignação é também a de outros trabalhadores.

Após um período sem emprego, João Mau-Tempo mantém-se disposto, como em toda a sua vida, a não aceitar tanta injustiça e em uma reunião clandestina com Sigismundo, tornar-se um *engajado* ao entrar para a organização comunista.

Preso por ser acusado de perigoso comunista, fica incomunicável por vinte e cinco dias além de ser insultado, espancado e torturado por longos seis meses. A prisão não o faz calar e nem retira sua confiança na luta, ao contrário, redobra suas forças com a solidariedade existente entre os presos, entre alguns moradores de Lisboa imediatamente a sua soltura, e ainda mais com a indignação dos companheiros de luta.

João luta até os últimos momentos de sua vida e contribui com a organização do Dia do Trabalhador e a construção de uma greve. Não desfruta de seus

resultados diretamente, pois fica doente, hospitalizado e morre aos sessenta e sete anos.

Nesse período, ao mesmo tempo em que os *meios de produção* são modernizados e impõe ao campo a mecanização com mais desemprego, as personagens-trabalhadores sofrem com a pressão econômica e o modo de vida opressivo.

A necessidade de ação política se emaranha com a ânsia por transformação, que iniciada timidamente é semeada num canto e noutro com levantes, mobilizações e, com o mais forte trunfo, a recusa em operar as máquinas e permanecer de braços cruzados sem garantir o lucro do patrão.

*Como então? Desgarrados da terra?
Como assim? Levantados do chão?
Como embaixo dos pés uma terra
Como água escorrendo da mão?*

(Milton Nascimento e Chico Buarque)

Assim, num outro canto do latifúndio, o jovem **Manuel Espada** – operador de máquina que algum tempo depois de aderir à luta casa-se com Gracinda Mau-Tempo – e seus companheiros de trabalho Augusto Patracão, Felisberto Lampas e José Palminha se negam a operar a debulhadora.

Como qualquer tentativa de levante contra as formas de exploração é sufocado pelo Estado, os grevistas são chamados e interrogados como forma de intimidação e deixam de receber pelos dias já trabalhados.

Com a greve, Manuel Espada permanece na luta e após a segunda prisão de João, decide por aderir ao movimento comunista e também se filia ao partido.

No conflito da Segunda Guerra Mundial o governo diz-se neutro, mas mantém prisões e torturas a qualquer tipo de manifestação contrária ao poder, principalmente, à de orientação comunista.

*Quien dijo que todo esta perdido
Yo vengo ofrecer mi corazón
Tanta sangre que llevo el río
No será tan fácil
Ya sé lo que pasa
No será tan simples
Como pensaba*

(Fito Paez)

Nesse momento, apresenta-se com discrição e equilíbrio de quem vive na clandestinidade, **Sigismundo Canastro**. Divide com os demais as dificuldades do dia-a-dia e identifica com agilidade e boa observação os trabalhadores dispostos a assumir um engajamento “*de esquerda*”. Cumpre a tarefa de fazer circular panfletos clandestinos no ambiente de trabalho, a fim de organizar os trabalhadores e de contribuir com a formação teórica e política de sua classe.

Enquanto a força repressiva do Estado age para desmobilizar as personagens-trabalhadoras as personagens-proprietárias se mantêm organizadas e preparam vinganças. Não admitem grevistas entre os trabalhadores contratados, utilizam a humilhação, determinam regras, acertam o serviço sem dizer o valor e impõem o desemprego.

E se os mais velhos não aceitam a opressão, a nova geração também a recusa. Os exemplos de luta e resistência de João atingem **António Mau-Tempo**, que se torna **atuante**. Ainda menino, viaja por muitos lugares a procura de trabalho e com o convívio com os mais velhos e a experiência de vida torna-se também um *contador de histórias*. No quartel, mantém a resistência ao organizar a “revolução

dos porcos” em que se recusa com outros, a ingerir a comida de má qualidade que é distribuída. Não presencia a segunda prisão do pai, mas quando retorna para casa alia-se a suas lutas.

Com várias tentativas de levantes e de golpe militar as forças de oposição ao governo se intensificam. Depois de um processo eleitoral,¹¹⁷ quase derrotado, as personagens-proprietárias resolvem, como apoio ao governo, punir as personagens-trabalhadoras, suspendendo as colheitas e aumentando o desemprego.

*Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade
E constrói a manhã desejada*

(Luiz Gonzaga Jr.)

António e **Gracinda Mau-Tempo** expressão da juventude, filhos da classe trabalhadora, garantem a continuidade das lutas. Participam das mobilizações e contribuem com a agitação das palavras de ordem. Aprendem, ainda jovens, o alto custo da não subordinação ao serem recebidos pela guarda a cavalos, que pisoteia e atira contra os manifestantes. E ensinam que a dispersão momentânea pode significar uma maior reorganização das forças manifestas.

Até esse momento, marcado por morte de um manifestante, prisões e o ferimento de Sigismundo, podemos perceber que o *engajamento “de esquerda”*, em seu caminho de luta, realiza várias tentativas de diálogo pacífico entre as classes, mas são recebidas com a intolerância e a violência dos que controlam o poder.

¹¹⁷ Nas eleições presidenciais de 1958 Humberto Delgado, representante das forças de oposição, teve um número de votos bastante expressivo e chegou a ameaçar a candidatura do governista Américo Thomás. Com esta ameaça foi abolido o sufrágio direto por Salazar. SECCO, 2004, p. 55.

Esta conduta repressiva que serve apenas para paliar e intimidar não obtém resultado satisfatório em sua totalidade. O **engajado** pode até permanecer, por um período, com a sensação de derrota, mas as condições objetivas, como o desemprego e a fome, levam à permanente reflexão e indignação que se confrontam diretamente com as idéias conformistas. Assim, com a chegada de Marcello Caetano ao poder as manifestações são mantidas.

*Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola, vila morena
Terra da fraternidade*

(por José Afonso)

Sigismundo Canastro e Manuel Espada colaboram na organização do Primeiro de Maio Livre e com o apoio de António Mau-Tempo e **Maria Adelaide Espada**, a jovem mulher participante da luta, contribuem para a organização dos próximos passos dos trabalhadores.

A vida da família Mau-Tempo, que se desenvolve a partir de uma situação pacífica de miséria econômica e intelectual passa ao momento da realização. Representante símbolo das demais personagens-trabalhadores apresenta a possibilidade de realização econômica e política de uma classe que historicamente tem sido subjugada para a manutenção dos privilégios de uma pequena parcela da sociedade que vive da exploração do trabalho alheio.

Você que inventou esse estado
É inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
o perdão
Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia

(Chico Buarque)

Paralelamente à história da família Mau-Tempo temos a história das personagens-proprietárias dos *meios de produção* desenvolvida a partir de **Lamberto Horques Alemão** – responsável pelo povoamento da região, grande proprietário, administrador da coisa pública com amplos poderes sobre a formação e o comando da Guarda Nacional Republicana, sobre a ocupação e sucessão hereditária de terras – seguido por **Dagoberto, Alberto, Floriberto, Norberto, Berto, Sigisberto, Adalberto, Angilberto, Gilberto, Ansberto, Contraberto, Humberto, Clariberto** – grandes proprietários de terras na região do Alentejo e de imóveis em Lisboa.

Não representam apenas o conservadorismo dos *engajados “de direita”*, mas também o roubo e a ocupação indevida da terra, a exploração injusta da *força de trabalho* alheio e o assassinato como forma de calar as vozes dissonantes. Para tanto criam e mantêm um aparato estatal capaz de gerir seus interesses e contam com a participação efetiva e com o poder ideológico da Igreja. Neste caso, aproximam-se da função de *antagonistas* mas, incorporam os predicados negativos do *vilão*.

Em *Levantado do Chão*, a não aceitação da realidade opressiva, por parte da família Mau-Tempo, encontra eco no *engajamento “de esquerda”* que segue os caminhos de negação do conformismo e de questionamento da *divisão social*.

O modo de vida em condição miserável de sobrevivência, da maioria das personagens-trabalhadores, combinado com o desenvolvimento tecnológico apropriado por uma minoria, não deixam outra saída a não ser tentar reverter essa situação socializando os *meios de produção*.

As personagens engajadas “*de esquerda*”, num primeiro momento, recusam o avanço tecnológico, mas em seguida percebem que a tecnologia, utilizada em benefício da maioria dos trabalhadores, pode proporcionar trabalho para todos e questionar a concentração e posse da terra. O raro momento representa para essas personagens o ápice do engajamento pois, a ação prática como trabalhador e militante se funde com a teoria revolucionária e o sonho da transformação socialista da sociedade aproxima-se da realidade.

O caminho percorrido pela família Mau-Tempo confronta-se diretamente com o caminho imposto pelas personagens engajadas “*de direita*”. Estas atuam e tentam impor, a todo o momento, uma forma de funcionamento da sociedade que atenda seus anseios financeiros, culturais e morais além de extrair, dos demais, a capacidade produtiva braçal e intelectual.

Dessa forma, no campo político, os pólos contrários, em constante movimento, seguem o caminho da disputa que é eterna no sistema capitalista.

Ao apresentarmos as personagens ativas “*de esquerda*”, observando suas funções, procuramos situar a trajetória da família Mau-Tempo, em consonância com a história do país, como parte da classe que vende a *força de trabalho*. De Sara da Conceição à Gracinda Mau-Tempo há o fortalecimento da necessidade de transformação do modo de produção e conseqüentemente do modo de vida da família e dos demais trabalhadores. Assim podemos reconhecer a importância do

engajamento “*de esquerda*” para tentar frear o nível de exploração e tentar garantir uma justa distribuição da riqueza produzida entre todos os que trabalham a fim de permitir a continuidade da vida.

4.4. O encontro e o confronto no *engajamento*.

Esta apresentação das personagens que atuam politicamente procura observar as semelhanças e diferenças existentes no engajamento. Notamos que, em ambas as obras, a intriga se desenvolve a partir de relações econômicas e sociais que levam as personagens a tomarem posições políticas e a agirem com ardor.

Em *O Tempo e o Vento*, como atesta o próprio Érico Veríssimo, vê-se “um diagnóstico na decadência da burguesia”,¹¹⁸ representada pela família Terra Cambará, que se consolida como parte da classe social dominante ao longo da narrativa e firma suas posições políticas majoritárias participando inicialmente da fundação do Partido Republicano e posteriormente do Partido Trabalhista Brasileiro no Rio Grande do Sul. Diferentemente do que ocorre em *Levantado do Chão* que, segundo José Saramago, é uma “história [...] de três gerações de uma família de camponeses do Alentejo, com tudo: fome, o desemprego, o latifúndio, a polícia, a igreja, tudo”¹¹⁹ em que a Família Mau-Tempo, quando tem proximidade com as questões políticas, filia-se ao Partido Comunista Português.

Da longa trajetória de Ana e Sara até chegarmos em Rodrigo Terra Cambará e João Mau-Tempo muitas transformações ocorrem no modo de vida das personagens e em suas posições políticas. Do conjunto dos fatos históricos

¹¹⁸ Entrevista a Adolfo Braga em 1967. BORDINI, 1999, p. 37.

¹¹⁹ Entrevista a Horácio Costa em 1998. In: *CULT – Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo: Lemos Editorial. nº 17. p. 22. dez., 1998.

relatados, que mantém a relação de verossimilhança com a realidade, visualizamos a decadência moral de uma classe e o auge político da outra.

Estas circunstâncias possibilitam-nos reconhecer níveis diferenciados entre as personagens que atuam politicamente e situá-las de acordo com os papéis assumidos nos momentos cruciais dos embates políticos. Reconhecer essas personagens como *tarefeiros*, *atuantes*, *participantes* ou *engajados* significa visualizá-las como figuras centrais, para submeter seus discursos políticos às tarefas políticas protagonizadas coletivamente, como veremos a seguir.

5. O chão das transformações: a ocupação e a posse de terras na divisão social do trabalho.

“Se um homem sem eira nem beira fosse ao Paço pedir terras, botavam-no para fora com um pontapé no traseiro [...] Terra é para quem tem dinheiro, pra quem pode plantar, colher, ter escravos, povoar os campos.[...] Em vez de muitos homens ganharem sesmarias pequenas, poucos homens ganhavam campos demais, tanta terra que a vista nem alcança.” (C., p. 93)

“Madre de tetas grossas, para grandes e ávidas bocas, matriz, terra dividida do maior para o grande, ou mais de gosto ajuntada do grande para o maior, por compra dizemos ou aliança, ou de roubo esperto, ou crime estreme, herança dos avós e meu bom pai, em glória estejam. Levou séculos para chegar a isto, quem duvidará de que assim vai ficar até à consumação dos séculos?” (LC., p. 14)

Após acompanharmos o modo de vida das personagens focalizando suas funções, passamos a observar o espaço físico e as inter-relações existentes no *ambiente do engajamento* por onde circulam as personagens engajadas para compreendermos suas ações políticas.

Focaremos objetivamente essas ações considerando a divisão de classes estabelecida nas obras em equivalência com o “real”¹²⁰ e as opções partidárias dessas personagens, que correspondem a formas de ver o mundo e indicam o lugar de onde falam.

A construção do espaço físico, em ambas as narrativas, leva-nos a compreendê-lo como um espaço rural reduzido centralmente à Santa Fé, localizada na Região Sul do Brasil, e Monte Lavre, na Região Sul de Portugal.

¹²⁰ O espaço encenado pelo romance pode ser apreendido de acordo com suas relações com o espaço ‘real’ ou com suas funções no interior do texto. Estas funções dos lugares ou dos espaços são múltiplas. Podem significar “também etapas da vida, a ascensão ou a degradação social, raízes ou lembranças [...] facilitam ou dificultam ações”. REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 59.

No entanto, no espaço social¹²¹ encontramos diversas relações políticas que diferenciam a forma de ocupação e manutenção da terra, que possibilitam desigualdade e tensão entre as personagens, levando-as a determinadas ações.

Essas ações – que segundo Guy Michaud,¹²² consistem “precisamente na saída duma situação, ou, mais exatamente, na passagem duma situação para outra” resultando numa situação nova – agregam uma variedade de contradições que nos obriga a um amplo olhar por toda a trajetória das personagens e, ao mesmo tempo, focado nas personagens engajadas.

A intersecção entre o espaço físico, social e o psicológico nos possibilita visualizar a ambientação e nos aproxima da *ambientação dissimulada*.¹²³ Ganha importância imaginarmos a personagem ativa como politicamente ativa e situarmos mais especificamente as personagens engajadas e suas ações no *ambiente do engajamento*.

Ao observarmos as ações e as enunciações¹²⁴ destas personagens chegamos ao que Irving Howe chama de “lealdade política ou ideológica”. Em ambas as obras, as personagens engajadas assumem posições e se filiam a partidos políticos.

Assim, quando os ventos no latifúndio espalham o descontentamento e uma parcela da sociedade passa a questionar o próprio modo de vida e o poder, concentrado nas mãos de uns poucos com grandes extensões terras, a ação

¹²¹ Neste momento entendemos o espaço social enquanto sistema de valores que projeta-se na psicologia das personagens determinando o que ela pode ou não fazer. ABDALA Jr. Benjamin. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo: Scipione, 2004, p. 49.

¹²² BOURNNEUF e OUELLET, 1976, p. 218.

¹²³ Segundo Osman Lins por “ambientação, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente [...] A *ambientação dissimulada* exige a personagem ativa, o que faz com se crie uma harmonização altamente satisfatória ‘entre espaço e ação’ [...] e interpetram-se seres e coisas”. Apud DIMAS, Antonio. 2ª ed. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1987, p. 20.

¹²⁴ Segundo Mikhail Bakhtin (1997, p. 14) a enunciação representa o produto da fala em interação social.

coletiva não encontra o caminho livre. Depara-se com forças em movimento, às vezes, completamente opostas. São movimentos organizados por Amarais, no Brasil, ou Lambertos, em Portugal, que agem em nome da ordem, do progresso, do poder e da igreja. Vozes unidas que congregam o mando e o desmando que esse tipo de engajamento necessita e que as leis divinas e as do Estado¹²⁵ legitimam e reconhecem como não violentos perpetuando, no sistema capitalista, a concentração de riqueza e determinada relação de poder.

Desta forma, aproximamos os romances ao espaço referencial indagando-nos sobre de que forma a estrutura de classes se apresenta nas obras e como o poder e a riqueza estão concentrados. Para tanto buscamos como orientação a reflexão do escritor uruguaio Eduardo Galeano sobre as relações de poder estabelecidas na sociedade capitalista, que para um ganhar o outro, necessariamente, tenha que perder:

Há dois lados na divisão internacional do trabalho: um em que alguns países especializam-se em ganhar, e outro em que se especializaram em perder. Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se abalançaram pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. A cada um dá-se uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento [...]¹²⁶

Assim, identificamos em *O Tempo e o Vento* e *Levantado do Chão* a reprodução dessa situação de perdas e ganhos entre as classes sociais em constante confronto e, a partir das personagens engajadas, suas formas e locais de organização para conquistar ou manter o poder na sociedade.

¹²⁵ Entendido aqui como o conjunto de instituições públicas permanentes (leis, serviços públicos) e sua administração. Para o liberalismo seu papel é de garantir a ordem pública definida pelos proprietários privados e seus representantes. CHAUI, 2003, p.398-403.

¹²⁶ *As veias abertas da América Latina*. 26ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988, p. 13-14.

Em *O Tempo e o Vento* a pirâmide social do latifúndio está muito bem dividida. A dinastia dos Amarais, proprietários de longa extensão de terras para a criação de gado e plantação de lavouras, mantém-se por um longo período através da ocupação concedida, da guerra ou do roubo. Logo em seguida encontramos os Terra Cambará, que inicialmente ocupam a posição de pequenos proprietários com a plantação de trigo e depois com uma olaria. Posteriormente está a família dos Caré, não possuidores dos *meios de produção* e que sobrevivem como arrendatários. Ambas as famílias, proprietárias, valem-se do trabalho escravo.

Dos ranchos cobertos de santa-fé desenvolve-se a cidade de Santa Fé. O povoador Ricardo Amaral, “senhor de dezenas de léguas de sesmarias e muitos milhares de cabeças de gado, além duma charqueada e de vastas lavouras” (C. p. 127), acumula riquezas através de serviços de guerras prestados ao governo, burlando a lei que “não permitia que uma pessoa possuísse mais de três léguas de sesmarias, mas [...] recebera suas três léguas e pedira mais sesmarias em nome da esposa, dos filhos e até de netos que ainda estavam por nascer” e, segundo os seus inimigos, “assaltando estâncias e roubando gado por aqueles descampados” (C. p. 128). Como grande proprietário sente-se dono de tudo e de todos “fizera filhos em várias chinocas, mulheres de capatazes e agregados, e até numa escrava, a famosa Joana de Guiné” (p. 129).

A riqueza e o poder são passados de pai para filho sendo Francisco Amaral o sucessor a definir a distribuição de terras, os critérios para participação dos filhos do povoado nas guerras e o acerto das dívidas com a família.

Com o crescimento do povoado transformando-se em vila há a necessidade de participação de outros moradores em decisões que envolvem todos e forma-se a primeira câmara municipal, que representa um local privilegiado, no *ambiente do*

engajamento, para visualizar as diferenças e disputas políticas entre as existentes forças.

Recorremos à história para compreendermos a formação desse órgão de administração pública durante o período colonial. Segundo o historiador Francisco M. P. Teixeira,¹²⁷ a câmara municipal era formada por três ou quatro vereadores, eleitos pelos grandes proprietários. Além das atribuições de arrecadar impostos, construir pontes e reparar ruas, fixavam os preços dos diversos produtos.

Ricardo Amaral Neto, obviamente, assume a presidência da câmara onde representa as forças conservadoras da Corte, dos grandes fazendeiros e da igreja, pois nesse período “havia nessas cidades, vilas e povoados uma hierarquia nítida – nobreza, clero e povo – uma divisão muito conveniente ao trabalho de evangelização” (C., 205). Funda o Partido Restaurador e tenta coibir a aproximação dos ideais liberais entre os pequenos proprietários que criticam a falta de apoio econômico do governo.

Como as ações contrárias são consideradas perigosas, numa votação na Câmara, manda prender Pedro Terra, um de seus vereadores, por se posicionar contrário ao governo. Independente do resultado da votação a cidade é ocupada pelas tropas farroupilhas.

Santa Fé não tem condição de definir os rumos dos acontecimentos no estado, mas reproduz localmente as disputas entre o Partido Restaurador e o Partido Liberal¹²⁸ na Revolução Farroupilha, sendo que este não possui no embate

¹²⁷ *Brasil: História e Sociedade*. São Paulo: Editora Ática, 2000, p. 109.

¹²⁸ De acordo com Francisco M. P. Teixeira “As elites brasileiras estavam separadas por diferenças de origem econômica, social, política, regional. Mas havia muita coisa em comum entre elas: os mesmos vínculos econômicos e sociais com a grande propriedade e a escravidão, as mesmas ligações ideológicas com a monarquia [...] Às vezes, os dois grupos chegavam ao extremo de pegar em armas para resolver suas disputas por cargos públicos. Mas, no que se refere a questões de ordem política e ideológica, as diferenças se diluíam. A partir de 1840 após vários levantes pelo país passam a ansiar “pela volta do país à normalidade institucional mediante restauração da monarquia”

local quadros militantes à altura, contando apenas com a participação efetiva do capitão Rodrigo Cambará. Rodrigo desafia o poder local, deixa sua marca no rosto do latifundiário e luta ao lado de Bento Gonçalves na Batalha de Passo do Rosário¹²⁹ ao qual se junta novamente na Revolução Farroupilha.

O crescimento da cidade acompanha o do estado e o do país. Depois da Guerra do Paraguai uma parcela da classe proprietária passa a reivindicar mais autonomia para as províncias e novamente Santa Fé se divide, desta vez entre liberais e seus dissidentes republicanos.

Alvarino Amaral mantém a tradição partidária e Licurgo Terra Cambará funda o Partido Republicano na cidade, ambos em confronto durante a Revolução Federalista. Um defende as disputas eleitorais dentro das regras para alcançar a República, o outro prega a “revolução” e o abolicionismo.

Com a Proclamação da República, Rio Grande do Sul continua a ser um dos estados mais importantes para a economia do país, liderando na produção de alimentos e na criação de gado. Isso possibilita aos representantes políticos, da classe dominante, uma participação ativa na disputa pelo poder político da nova forma de governo. A disputa entre republicanos e federalistas, pelo controle do poder estadual, se aprofunda e leva à Revolução Federalista.¹³⁰

A família Terra Cambará, integrante do Partido Republicano, que já representa os interesses dos grandes proprietários, sai fortalecida deste embate:

e passam a defender o Golpe da Maioridade de dom Pedro II, que em seguida se alia aos liberais. In: *Brasil: História e Sociedade*, 2000, p. 189-211.

¹²⁹ No início de 1827, a fim de anexar parte do território fronteiriço brasileiro ao Uruguai, argentinos e uruguaios ocupam São Gabriel, Rosário e Inhatium e fere-se a batalha de Passo do Rosário. FAGUNDES, 1998, p. 76-78.

¹³⁰ Em 1880 funda-se o Partido Republicano Riograndense que é surpreendido no final da década com a proclamação da república. Para disputar o controle do poder estadual o Partido Federalista (agregando liberais, velhos monarquistas e republicanos dissidentes) é fundado em 1892. Com fraudes eleitorais dos dois lados o republicano Júlio de Castilhos toma posse em janeiro de 1893. Depois de dez dias os federalistas invadem Rio Grande e por quase três anos permanecem em guerra civil. Ibid., 1998, p. 106-113.

“Desde que se proclamou a República foi ele [Licurgo] sempre a autoridade máxima de Santa Fé. Com a queda da monarquia, os Amarais perderam os cargos públicos e o prestígio. [Licurgo] Foi eleito pelo voto livre da população” (C., p. 422).

Poucos anos depois deste período, que representou apenas a luta entre duas facções da mesma classe social pelo poder, Licurgo perde a intendência municipal para outro membro do partido. A divisão do partido em Santa Fé, com o apoio da direção majoritária ao candidato opositor, decepciona Licurgo que se afasta do partido mas mantém-se na ativa (A., p. 62) com a criação, juntamente com os filhos, de um jornal local de oposição para tentar manter o prestígio.

Proprietária de um órgão de imprensa, a família Terra Cambará posiciona-se, tenta influenciar seus leitores quanto às disputas eleitorais e busca articular-se com as demais proprietárias da região. Apóia Rui Barbosa para a presidência da República contra Hermes da Fonseca, contrariando a maioria dos representantes políticos do estado. Depois Nilo Peçanha, considerado de “origem plebéia”, contra Artur Bernardes para o governo federal. No estado, contra Borges de Medeiros, passa a declarar o voto em Assis Brasil, candidato da Aliança Libertadora que agregava o Partido Federalista e dissidentes do Republicano, ou seja, federalistas e republicanos juntos alguns anos depois da Revolução Federalista. Compõe o comitê pró Assis Brasil, derrotado em eleição fraudada. Com o resultado da eleição e da possibilidade de levante organiza-se para o embate.

Licurgo dispõe de sua fazenda para organizarem a Coluna Revolucionária de Santa Fé juntamente com os filhos e outros grupos, ingressantes na *Aliança Libertadora*. Com o comando da Coluna, em vários cantos do estado ao lado dos revolucionários, enfrenta os legalistas na Revolução de 1923.¹³¹

¹³¹ Desde o início da República até janeiro de 1923 o poder estadual esteve sob o controle do Partido Republicano. Com o boato de que Borges de Medeiros iria novamente concorrer às eleições

No início da primeira metade do século XX, mesmo com a República, o latifúndio garante a manutenção do poder nas mãos de uns poucos e as injustas desigualdades:

o creme daquele leite social era constituído pelas famílias de fazendeiros mais abastados do município, como os Macedos, os Cambarás, os Prates, os Quadros, os Fagundes, os Amarais, os Teixeiras [...] Diria mais que, em pé de igualdade com esse patriciado rural, estavam os comerciantes mais fortes da cidade [...] Logo abaixo dessa gorda camada [...] havia outra [...] quase no mesmo nível dos ricos estancieiros, o juiz da comarca, o juiz distrital, o promotor público, os oficiais da guarnição federal, alguns altos funcionários e a maioria dos médicos e advogados [...] O resto [...] eram os funcionários públicos, sempre muito mal pagos, uma série de pessoas de profissão incerta, e principalmente uma legião de empregados do comércio [...] profissões que são consideradas baixas: sapateiros, ferreiros, funileiros, seleiros, alfaiates e muitas outras [...] enfim, gente que faz trabalho manual [...] (R., p. 119, 121 e 123)

O trabalhador manual, base dessa pirâmide, não apenas suporta de cima para baixo o peso econômico desse modo de funcionamento da sociedade, mas também suas conseqüências políticas:

Os Fagundes, os Macedos e os Amarais eram federalistas; os Teixeiras, os Prates e os Trindades, republicanos. Representava também cada um desses chefes de clã, uma força política considerável, uma vez que contava com seu grupo de eleitores certos: amigos, parentes, protegidos, peões, agregados e posteiros. Quando se perguntava a um caboclo se era maragato ou pica-pau, com freqüência se ouvia esta resposta: “Sou *gente* do Coronel Fulano”. (R., p. 120)

Dessa forma, ao recorrermos à história do Brasil observamos que da formação agrária desenvolve-se uma estrutura oligárquica, sustentada por pactos políticos entre as elites, que permite de “um lado, o empobrecimento da população

estaduais o “Partido Federalista em peso e todos os dissidentes do Partido Republicano fundaram a Aliança Libertadora”, que apresentou a candidatura do Dr. Assis Brasil. Com a constatação de que Borges não havia conseguido os votos necessários e que Getúlio Vargas havia fraudado o resultado final estouram levantes em várias partes do estado com a formação de colunas revolucionárias a fim de se apossar do poder. Após este processo a Aliança Libertadora originou o Partidor Libertador enquanto que o Partido Republicano transformou-se na União Democrática Nacional. FAGUNDES, 1998, p. 118-120.

rural e a luta pelo uso da terra. De outro, a ganância e a brutalidade dos coronéis e o descaso do poder público”. (TEIXEIRA, 2000. p. 251)

A coalizão entre as personagens-proprietárias e suas organizações políticas dá-se, na narrativa, a partir da não aceitação da candidatura de Borges de Medeiros pela quinta vez ao governo estadual. Essa decisão do Partido Republicano promove insatisfação entre setores da oligarquia. A favor da candidatura de Assis Brasil juntam-se Cambarás, Amarais, Macedos, Quadros, Teixeiras, Prates e muitos de seus seguidores na Revolução.

Segundo o historiador Francisco M. P. Teixeira:

Depois da Revolução Libertadora, no Rio Grande do Sul, e das sucessivas revoltas tenentistas, as dissidências ganharam força e ameaçaram romper o pacto oligárquico [...] Um complicador ainda mais grave surgiu com a crise econômico-financeiro do país no final da década de 20 [...] O choque final veio com a crise de 1929, que paralisou o comércio mundial e afetou dramaticamente a cafeicultura brasileira nos anos seguintes [...] Descontentes com a atitude de Washington Luís, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba formaram a Aliança Liberal e lançaram a candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República.¹³²

Em Santa Fé a revolta tenentista que deu origem à Coluna Prestes causa o início de uma fissura política na família Cambará. Toríbio insatisfeito com o governo federal de Artur Bernardes reconhece a força do movimento, compõe o grupo de revoltosos, percorre diversos estados do Sul, Norte e Nordeste até ser preso por combater com a guerrilha e resistir.

Rodrigo assume a Intendência Municipal (A.II, p. 26) no momento em que Washington Luís assume o governo federal, Getúlio Vargas, o estadual e o país mantém a censura da imprensa e os presídios lotados de presos políticos.

Rodrigo e Toríbio atuam juntos novamente com a Aliança Liberal e em poucos dias com vários estados nas mãos dos revolucionários abre-se caminho para

¹³² *Brasil: História e Sociedade*, 2000, p. 255.

a derrubada do governo federal e a chegada de Getúlio Vargas ao governo provisório. Ambos são ativos na organização e no combate e presenciam a derrota das tropas legalistas.

A fissura se aprofunda com a demora do governo em aprovar uma nova Constituição para o país e por não garantir o direito aos paulistas de eleger um governo estadual. Toríbio, ao lado dos paulistas contra Getúlio, participa da Revolução Constitucionalista e Rodrigo mantém-se fiel ao governo e, posteriormente, participa do Estado Novo.¹³³

O país que já não é mais essencialmente agrário abriga o início da industrialização das cidades e a mecanização do campo e uma parcela dos antigos latifundiários passa a representar um outro importante setor: “A grosso modo havia no Brasil, dentro dos quadros dum capitalismo comercial, industrial e financeiro, uma burguesia que se misturava com uma alta burguesia menos numerosa porém mais poderosa” (A. II p. 155).

Em Santa Fé a situação não é diferente e a família Terra Cambará torna-se sócia de várias empresas e investidora em capital financeiro. A riqueza produzida continua concentrada entre as personagens-proprietárias e as personagens sem *meios de produção* seguem a vender a sua *força de trabalho*:

Mais tarde ou mais cedo o latifúndio tinha de ser liquidado, os Carés haviam de ganhar seu pedaço de terra, ao passo que os Amarais, os Teixeiras, os Fagundes e os Cambarás – sim, a sua rica gente! – iam acabar perdendo os feudos. Talvez não tardasse muito a ser dado o primeiro passo para a solução do problema agrário no Brasil. (R., p. 11)

¹³³ Em 1937, quando Getúlio Vargas impõe a Carta Constitucional – representando uma aliança com a burguesia industrial, que buscava proteção a indústria nacional – manda perseguir, torturar e exilar intelectuais e políticos que não compactuam com suas idéias e propostas. BASBAUM, 1982, p. 105-114. Vol. 3.

Inferimos que os Carés, os escravos alforriados, os agregados e outras personagens-trabalhadoras como José Lírio e Fandango, que lutam muitas vezes por interesses que não são seus, em alguns momentos se beneficiam de conquistas importantes como o fim do regime ditatorial. No entanto, quando não são dizimadas deixam de realizar o essencial para sua classe, assumir em suas mãos a condução de processos que poderiam ser realmente transformadores e definidores da produção e distribuição da riqueza produzida socialmente.

Com a crescente industrialização e com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, a Aliança Liberal se divide entre a ala mais radical, que busca uma aproximação com o operariado urbano e ala mais conservadora, que representa as velhas oligarquias e o empresariado.

Entretanto, Getúlio Vargas transita entre alas, ora criando formas de ordenar “as relações capital-trabalho para solucionar a questão social e evitar os ‘radicalismos’ da luta de classes” (TEIXEIRA, 2000. p. 263), preocupando-se em atender às demandas dos trabalhadores urbanos e enquadrando-os no sindicalismo oficial, ora criando formas de proteger a produção nacional e o mercado interno.

O acirramento dessas forças segue a dinâmica mundial que se materializa, no Brasil, com a formação da Ação Integralista Brasileira e a Aliança Nacional Libertadora. Ao definir-se contra as “frentes populares” e a “ameaça vermelha”, Getúlio golpeia a Constituição, fecha o Parlamento, institui o Estado Novo e mantém-se no poder por mais oito anos. Ao final desse período as resistências ao regime autoritário crescem e há novamente a suspensão da censura e a volta da liberdade partidária, com o anúncio de eleições gerais.

Santa Fé recebe Rodrigo, a personificação do Estado Novo, de volta do Rio de Janeiro, doente, porém ativo. Rodrigo acompanha todo o processo eleitoral

acamado, no Sobrado, e define-se pela formação de um novo partido destinado a agrupar lideranças sindicais e setores nacionalistas que dêem sustentação a permanência de Getúlio Vargas no poder.

Getúlio Vargas novamente transita tanto entre empresários e coronéis, impulsionando a formação do Partido Social Democrático quanto entre sindicalistas e trabalhadores incentivando a formação do Partido Trabalhista Brasileiro.¹³⁴ Ambos contra a oposição da União Democrática Nacional.

Do Sobrado, Rodrigo aprova a formação do PTB em Santa Fé com a articulação do movimento queremista. No entanto, não chega a vivenciar a deposição de Getúlio pelas forças que compõem o Partido Social Democrático.

O surgimento das várias organizações políticas representando as instâncias de decisão sobre a vida das personagens diz muito sobre cada momento. Do Partido Restaurador, Liberal, Libertador ou Republicano notamos que os interesses da classe proprietária conduzem os acontecimentos utilizando-se claramente da força dos trabalhadores. A “história da jovem República brasileira não passava duma sucessão de golpes de força em que havia prevalecido sempre a vontade duma elite ou dum super-homem, mas nunca a do povo” (R., p. 366). O povo durante um longo período participou apenas como número:

_ Eu [Macedo] me comprometo a reunir uns duzentos caboclos aguerridos em quinze dias.

¹³⁴ O Partido Trabalhista Brasileiro, fundado em 1945, apresenta-se favorável à continuidade de Getúlio na presidência da República e tem como base eleitoral o operariado urbano, alguns sindicatos e os dirigentes que enriqueceram com o Estado Novo. O Partido Social Democrático, fundado neste mesmo ano, representa os tradicionais grupos da burguesia agrária anteriormente reunidos no Partido Republicano, tem como base de apoio o coronelato. A União Democrática Nacional nascida em São Paulo estava dividida em duas alas – um grupo de escritores de esquerda, seus fundadores, e a classe dos banqueiros e industriais, seus invasores – unidas contra o Estado Novo. Esta formação dá origem posteriormente ao Partido Socialista. BASBAUM, 1982, p. 132-140. Vol. 3.

_ Pois eu [Cacique] companheiros, acho que não levo mais que uns vinte e cinco. Mas são vinte e cinco garantidos, índios de pêlo duro, gente buenacha que briga dez dias sem beber água.

_ O Bio afirma que conseguimos uns cem homens no Angico e arredores.

(A. I, p. 224)

Da Aliança Liberal ao Partido Trabalhista Brasileiro privilegia-se a aliança entre as classes sociais com movimentos políticos ou econômicos, que não questionam a propriedade dos *meios de produção*, os quais permanecem na esfera privada beneficiando e enriquecendo seus proprietários ao mesmo tempo em que maltrata quem os colocam em funcionamento. No entanto, o crescente número de trabalhadores com baixos salários e precárias condições de trabalho permite alterar a correlação de forças.

A fissura política iniciada por Toríbio na família Terra Cambará aprofunda-se com as posições políticas de Eduardo, que ataca o pai como símbolo e laiaio do capital colonizador. Entretanto, o que parece levar a uma ruptura, com o apoio deste aos Levantes Comunistas e ingresso ao recém fundado Partido Comunista Brasileiro,¹³⁵ representa ainda a conciliação entre as classes para a manutenção da ordem estabelecida.

Somente anos depois, o partido reconhece que “alimentara ilusões quanto à democracia liberal, deixando-se contagiar por ‘tendências reformistas e espontaneístas’ que o levaram a ‘ceder demais diante da reação’” (MORAES, 1994. p. 143). Assim, ao mesmo tempo em que segue o caminho cedendo demais para a direita, necessita tornar-se intolerante com seus próprios quadros partidários.

¹³⁵ O Partido Comunista Brasileiro foi fundado a 25 de março de 1922 a partir dos movimentos grevistas de 1917/18 no Brasil e das notícias advindas do processo revolucionário russo. Neste mesmo ano, é colocado na ilegalidade, permanece durante o governo de Epitácio Pessoa e prossegue no governo de Artur Bernardes. Participa da Aliança Nacional Libertadora e dos levantes comunista ocorridos em 1935 voltando à ilegalidade durante o Estado Novo e à legalidade em 1945. BASBAUM, 1982, p. 210-217. Vol. 2.

A situação histórica do país em busca de reformas e a representação das disputas intraburguesas em Santa Fé conduziram ao fortalecimento da posição política de Rodrigo Terra Cambará, expressão máxima “*da direita*” na família, de modernização do país a qualquer preço com a centralização do poder.

Em Santa Fé esta situação se materializa com a expulsão de Stein do partido, que depois de sua experiência na Guerra Civil Espanhola, em campo de concentração na França, prisão e tortura no Rio de Janeiro (A. II, p. 302) passa a apontar os problemas do comunismo no Brasil. Imediatamente acusado de “membro disfarçado da canalha trotskista” (A. II, p. 326) e não mais aceito como camarada é apontado como inimigo, não de classe, pois com este é possível o diálogo, mas inimigo dos “chefes” do partido, intolerável ao stalinismo.

Assim, observamos que as decisões e ações predominantes na família Terra Cambará alteraram muito o seu modo de vida. De pequenos proprietários de terra com a produção para subsistência passaram à grande produção com mão de obra escrava e posteriormente assalariada.

À época de Rodrigo Terra Cambará aprofunda-se os investimentos industrial e financeiro. O Sobrado, em Santa Fé, torna-se local de encontros e festas, ficando o Rio de Janeiro para as relações políticas, “tráfico de influências”, dinheiro fácil e noites em boates com bebidas e drogas. Com a morte de Rodrigo “não morre apenas um homem. Acaba-se uma estirpe. Finda uma época” (A. II., p. 403).

Desta forma, o lugar de onde falam as *personagens engajadas* apresenta-se em contradição no *ambiente do engajamento*. Por maior que seja o esforço de suas organizações políticas em inculcar que representam os interesses de todos, registram interesses e resultados parciais ou totais da classe proprietária.

Em *Levantado do Chão*, desde o início da narrativa (princípios do século XX), observamos a dinastia de Lambertos desenvolvendo-se a partir do privilégio da concessão, da invasão indevida ou da prática do roubo de terras. Lamberto Horques Alemão, “alcaide-mor de Monte Lavre por mercê de Dom João o primeiro” inaugura o caminho de grandes latifúndios. Com a posse da terra cria também suas próprias leis de mando para o povoamento.

A denúncia apresentada pelo narrador faz-nos notar que, do século XV à segunda metade do século XX, mesmo com a República, o latifúndio assegura tão somente as injustas desigualdades:

Então, porque entre o latifúndio monárquico e o latifúndio republicano não se viam diferenças e as parecenças eram todas, porque os salários, pelo pouco que podiam comprar, só serviam para acordar a fome, houve aí trabalhadores que se juntaram, inocentes, e foram ao administrador do concelho pedir melhor condições de vida. (p. 34)

A solicitação dos trabalhadores não contou com o apoio do Partido Democrático no poder, que empregou “a força na repressão de certas greves e manifestações tidas por perigosas para a República” ¹³⁶ e contava com prestígio entre a pequena e a média burguesias.

O povoamento do vasto latifúndio foi seguido por grandes plantações, desenvolvidas a partir das mais variadas formas de exploração do homem trabalhador, que contavam inicialmente com a diretriz política monárquica e posteriormente com o apoio de um grande partido conservador, o Partido Liberal e teve como predominância as contratações de assalariados pelos grandes proprietários de terra.

¹³⁶ MARQUES, A. H. de Oliveira. *Breve História de Portugal*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1998, p. 563-564.

Dessa relação de posse ou não da terra estabelece-se a *divisão do trabalho*, que pressupõe a concentração dos *meios de produção*, neste caso a terra, nas mãos de um capitalista que mantém a autoridade sobre outros seres humanos, usufruindo individualmente da riqueza produzida:

O grande proprietário absentista não acompanhava, assim, a gestão das suas terras, nem habitualmente morava nelas, a não ser de férias ou em curtas visitas de inspecção: vivia nas vilas ou cidades próximas, das rendas que lhe enviassem os rendeiros, os caseiros ou os parceiros, ou dos créditos de que os administradores e feitores lhe prestavam contas. A elite dos rentistas, os mais ricos, mais cultos e mais influentes, tinham cursado a Universidade de Coimbra ou de Lisboa e para lá mandavam os filhos estudar.[Os filhos] exerciam as suas profissões nas cidades, onde freqüentemente tinham também negócios no comércio ou investiam no imobiliário [...] Dessa elite rica e letrada dos grandes proprietários se destacavam os seus vários e influentes *lobbies* políticos.¹³⁷

Com o estabelecimento da propriedade privada dos *meios de produção*, que separa o homem em não-proprietário e proprietário e garante a concentração de riqueza, produz-se relações humanas que subjagam uma das partes em benefício de outra. Esse tipo de relação, necessariamente hierarquizada, gera todo tipo de resistência e cria a cultura do questionamento e do enfrentamento entre as classes em oposição à cultura da submissão:

No sul concentrava-se a maior mancha de proletarização rural efectiva do país: cerca de dois terços da população activa agrícola sem qualquer relação... com a posse da terra. Essa circunstância, aliada à grande concentração das explorações, ao trabalho colectivo, à vida nas aldeias de assalariados, a uma tradição de organização e de luta sindical e política que remontava aos primeiros anos da República, desenvolveu no trabalhador rural do Sul uma mentalidade e cultura próprias. À “fome da terra”, à aspiração pequeno-camponesa à posse da terra, substituíra-se “uma viva e poderosa noção de injustiça da sua sorte” e uma difusa aspiração de justiça colectivadora; e a atitude reverencial face ao poder da Igreja, do patrão e da Guarda dera lugar a uma cultura de distância, de resistência e até de afrontamento social”.¹³⁸

¹³⁷ MATTOSO, José. “O Estado Novo (1926 – 1974)”. *História de Portugal*. Lisboa: Estampa, 1994, p. 42. 7º vol.

¹³⁸ MATTOSO, 1994, p. 52.

Entre as personagens-trabalhadoras de *Levantado do Chão*, a divisão do trabalho se reproduz das mais diversas formas e impõe forte fragmentação à classe que vende a *força de trabalho*, em muitos momentos, fortalecendo as idéias e as ações em benefício do patrão:

Estão agora dois grupos de trabalhadores frente a frente [...] Dizem os do norte, Há leis fomos contratados e queremos trabalhar. Dizem os do sul, Sujeitam-se a ganhar menos, vêm aqui fazer-nos mal [...] juntem-se a nós a nós e o patrão terá de pagar melhor a jorna a toda a gente [...] Dizem os do norte. Cada um sabe de si e Deus de todos, não queremos alianças, viemos de longe, não podemos ficar aqui em guerras com o patrão [...] Então o primeiro do norte avançou para o trigo com a foice, e o primeiro do sul deitou-lhe a mão ao braço, empurraram-se sem agilidade, rijos, rudes, brutos, fome contra fome, miséria sobre miséria, pão que tanto nos custas. (LC., p. 38)

A partir desta divisão encontramos outras subdivisões aliadas a diferentes forças necessárias para manter a ordem sistêmica e tentar envolver o trabalhador com uma falsa consciência, que o possibilita defender e sentir-se parte da classe proprietária:

Depois da terra, a primeira coisa de que Lamberto precisa é de um feitor [...] É uma espécie de mula humana, uma aberração, um judas, o que traiu os seus semelhantes a troco de mais poder e de algum pão de sobra [...] Que considerem e aceitem que o mundo não pode ser mudado, que este mundo é o único possível [...] O padre Agamedes que explique melhor, em palavras simples que não façam mais confusão à confusão [...] e se o padre não for suficiente, pede-se aí à guarda que dê um passeio a cavalo pelas aldeias, só a mostrar-se, é um recado que eles entendem sem dificuldade. (LC., p. 72)

Nesse espaço opressivo, em que lutar por justiça significa expor-se à morte já “que a vida alentejana não é propícia ao desenvolvimento de idéias subversivas, porque os trabalhadores são verdadeiros sócios dos proprietários” (LC., p. 95) encontramos Monte Lavre, com as notícias da guerra e da Revolução Russa, castigada com o aumento dos preços, falta de alimentos e o aumento do desemprego.

Torna-se necessário nesse momento retomarmos o entendimento sobre as forças políticas existentes e derivadas do Partido Republicano Português. Segundo o historiador A. H. de Oliveira Marques,¹³⁹ os primeiros anos do novo regime são, do ponto de vista político, marcados pela luta entre as correntes que se dividiu o Partido Republicano e formaram o Partido Democrático, o Partido Evolucionista, o Partido União Republicana ou Unionista (ambos formando posteriormente a União Sagrada). Posteriormente o Partido da Esquerda Democrática, a Ação Republicana, o Partido Nacionalista e o Partido da União Liberal. Todos pouco inclinados a resolver os problemas da classe trabalhadora e apoiando de uma forma ou de outra o modo de produção existente.

Concorrendo com estas forças tinham expressão alguns grupos radicais “*de direita*” como: o Centro Católico Português, o Integralismo Lusitano, o Causa Monárquica, o Partido Legitimista e a União dos Interesses Económicos. Uns lutavam contra a República e outros contra as ameaças radicais e socializantes.

Em oposição a estes partidos e grupos estavam o Partido Socialista, o grupo Seara Nova e, posteriormente, imprimindo uma nova dinâmica ao movimento dos trabalhadores, a Federação Maximalista Portuguesa – posteriormente conhecida como Partido Comunista Português.

A crise económica e a instabilidade política marcam o regime, mas quando Salazar chega ao poder,¹⁴⁰ respaldado pela confiança da classe proprietária, institui o Partido da União Nacional – expressão do inicial grupo Centro Católico Português – impõe a ilegalidade aos demais. Apóia as tropas franquistas da Espanha, o que induz à convocação dos trabalhadores para participarem de comícios contra a Frente Popular, mais especificamente contra os comunistas, na Guerra Civil

¹³⁹ *Breve História de Portugal*, 1998, p. 561-621.

¹⁴⁰ António de Oliveira Salazar, em 1932, é nomeado presidente do conselho de ministros. SECCO, 2004, p. 52

Espanhola.¹⁴¹ Mesmo cansados pelo duro trabalho da semana sentem-se obrigados a despende do seu dia de descanso para cumprir a convocação do patrão.

Relacionar os problemas cotidianos com as formas de decisão e poder existentes e os meios utilizados para mantê-lo ou para desafiá-lo foi o momento primeiro para que estas personagens tomassem consciência de seu *estar no mundo* e passassem a circular por um espaço mais específico, o espaço político ou *ambiente do engajamento*.

Assim, identificamos as personagens-trabalhadoras a aproximarem-se das ações propostas por engajados comunistas.

O contato com a escrita subversiva dos panfletos clandestinos, no local de trabalho, e o descontentamento com toda a realidade opressiva leva-os a freqüentar reuniões clandestinas que os aproxima de trabalhadores grevistas, máximas lideranças de oposição em luta contra o governo.

A agitação de propostas entre os trabalhadores abre caminhos para a propaganda dos ideais comunistas e possibilita nas reuniões clandestinas do Partido Comunista Português¹⁴² a unificação das tarefas de João Mau-Tempo, Manuel Espada e Sigismundo Canastro.

Andam homens pelo latifúndio, encontram-se aos três e aos quatro em sítios escondidos, nos ermos, às vezes em casas abandonadas, vigiando, outras vezes na abrigada de um vale, dois de aqui, dois de além, e mantêm grandes conversações. Fala sempre um de cada vez e todos os mais ouvem, que os visse de longe diria, São malteses, são ciganos, são apóstolos, e quando acabam dispersam pela paisagem, quando possa ser

¹⁴¹ Em 1936 a Frente Popular (aliança entre republicanos, socialistas e comunistas) chega ao poder pelo voto popular. As forças *de direita*, representadas pelo general Francisco Franco, procuram reverter esta situação com um golpe de Estado. O país se divide numa sangrenta guerra civil que perdura até 1939. Com a vitória das forças conservadoras, Franco assume o poder absoluto até 1975. BERTONHA, João Fábio. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 13.

¹⁴² O Partido Comunista Português é fundado em 1921 a partir do movimento de solidariedade à Revolução Russa. Entra para a ilegalidade em 1926 com a ascensão de Salazar. A partir do Congresso de 1943 o partido se vê obrigado a criar uma organização clandestina forte com o intuito de ajudar na resistência contra o regime ditatorial. Disponível em www.pcp.pt.

por caminhos desviados, levando papéis e decisões. A isto tudo chamam de organização [...] (LC., p. 121)

Ao se tornarem ativos suas ações podem até ser individualizadas mas jamais isoladas e passam a representar a vontade de uma coletividade, que se posiciona contra o regime ditatorial e o sistema de exploração.

Dentre as personagens-trabalhadoras destaca-se João Mau-Tempo, que não tarda a sentir-se parte da organização política, num momento em que “só um partido existia legalmente, a União Nacional” e que o país era governado por uma Assembléia Nacional chefiada pelo ministro Salazar. (SECCO, 2004, p. 55).

Com a queda dos principais regimes fascistas e com uma certa abertura democrática,¹⁴³ João Mau-Tempo participa, como engajado, na organização de sua primeira greve junto com Sigismundo Canastro, importante quadro da organização comunista e Manuel Espada, primeiro grevista de Monte Lavre.

Materializam a vontade de muitos trabalhadores que não aceitam que o dia de trabalho tenha o mesmo valor do ano anterior. Discutem propostas, apresentam-nas a outros trabalhadores. Juntos, deliberam sobre um itinerário pelo latifúndio e passam a dialogar com os demais:

Camaradas, não se deixem enganar, é preciso que haja união entre os trabalhadores, não queremos ser explorados, aquilo que pedimos nem sequer chegava para encher a cova dum dente ao patrão [...] Não podemos ser menos que os camaradas das outras terras que a esta hora reclamam um salário mais certo [...] juntemo-nos todos para exigir o nosso salário, porque já vai sendo tempo de termos voz para dizer o valor do trabalho que fazemos, não podem ser sempre os patrões a resolver o que nos pagam [...] (LC., p. 144)

¹⁴³ Com a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial abre-se uma série de manifestações no país que colocam em xeque as realizações de Salazar e o obriga a dissolver a Assembléia Nacional e anunciar eleições livres. MARQUES, 1998, p. 632.

O descontentamento com o salário posiciona este discurso para além do problema econômico. Traduz a necessidade de decisão sobre o trabalho daqueles que realmente o executa, ou seja, da classe que vende a *força de trabalho*.

O discurso-apelo atinge a consciência da classe e encontra na dura realidade a força necessária para transformar os campos e as praças em espaços de luta. Unidos, os trabalhadores sabem a força que têm:

Não havia multiplicação dos peixes, havia multiplicação dos homens [...] No luso-fusco da tarde juntaram-se os homens na praça e os feitores vieram, secos e de poucas palavras, mas rendidas, Amanhã podem ir trabalhar pelos trinta e três escudos, e dali se retiram humilhados, pensando em desforras [...] (LC., 147)

O resultado da organização e da luta, nos campos do latifúndio, é a vitória parcial e momentânea que aguça os ânimos, alimenta a disposição de continuar a luta para acumular forças e possibilita a comemoração coletiva e emocionada que transcende os espaços públicos:

Nessa noite há geral alegria nas tabernas, até João Mau-Tempo ousou o segundo copo, grande novidade, os donos das lojas começam a contar com amortizações de fiados e a cismar em aumento de preços, as crianças que ouviram falar de dinheiro não sabem o que podem desejar, e como o corpo é sensível aos contentamentos da alma, chegaram-se os homens às mulheres e elas a eles, tão felizes todos [...] (LC., p. 147)

A mobilização dos trabalhadores faz o latifúndio se render e atender a reivindicação de aumento do valor da hora de trabalho. Vitoriosos de um lado, mas reprimidos de outro. João Mau-Tempo, Manuel Espada e Sigismundo Canastro são presos, juntamente com outros trabalhadores, como principais cabeças da greve e incitados a denunciarem os camaradas de luta, que são duramente espancados, um

até a morte; outros liberados e obrigados a pagar pelo frete do carro que os transportou para a prisão.

Essa ínfima conquista econômica representa para o partido uma grande conquista política. A linha política de atuação clandestina contra os patrões e o governo e a favor dos trabalhadores, implementada pelo partido e assumida inconscientemente pelos demais trabalhadores, foi acertada. Como fruto do trabalho desenvolvido há a consolidação às fileiras do partido de João Mau-Tempo aos quarenta e dois anos.

João Mau-Tempo rapidamente assume uma postura militante. Sabedor dos perigos enfrentados na clandestinidade, participa de reuniões e procura divulgar as idéias da organização passando para outros trabalhadores o semanário *Avante!*, principal órgão de publicação do partido. Em 1945 é preso por ser considerado cabeça de greve. Cinco anos depois, novamente preso, encontra-se com outros presos políticos e estabelecem os mais fortes laços de solidariedade entre camaradas: “Conversa-se muito [...], discutem-se assuntos de política e outras matérias, há quem estude e ensine, dão-se aulas de leitura, de aritmética, outros fazem desenhos, é uma universidade popular” (LC., p. 259).

Para compreendermos esse momento na narrativa recorremos novamente à história. Na década de 1950, segundo José Mattoso, os assalariados sem qualquer relação com a posse da terra representavam mais de 70% dos ativos agrícolas e o proletariado rural não era uma classe homogênea, havia uma distinção entre os assalariados contratados ao ano e a larga maioria do pessoal temporário, trabalhando de empreitada, ao dia ou à semana.

Entre os trabalhadores contratados ao ano tinham os que trabalhavam com o gado, os porqueiros, os colmeeiros, os carroceiros, os carpinteiros, etc, além dos

trabalhadores em oficinas próprias de reparações, adegas, armazéns, currais, etc. Os trabalhadores eventuais, quando aparecia trabalho, nas épocas da colheita, iam às praças de jorna das aldeias e das vilas oferecerem-se para um ou pouco mais dias de trabalho (MATTOSO, 1994, p. 51).

Compreender a situação dos trabalhadores em Portugal e relacioná-la aos personagens-trabalhadores possibilita-nos situar João Mau-Tempo e seus camaradas Sigismundo e Manuel Espada entre os trabalhadores temporários, isto é, fazem parte da parcela mais precarizada da classe. Enfrentam o desemprego, privações e todas as dificuldades do cotidiano com baixos salários, alimentação precária, baixa escolaridade, falta de lazer e ainda assim encontram o caminho da organização e se agarram às lutas.

Obrigados a trabalhar para sobreviver, Sigismundo Canastro, João Mau-Tempo e Manuel Espada, organizam uma manifestação como forma de exigir trabalho e de unir os demais trabalhadores.

Mas mesmo com algumas conquistas, a decisão sobre o quê se produz, quanto se produz e como se distribui o produzido mantém-se nas mãos das personagens-proprietárias, que se utilizam politicamente deste poder em benefício de sua classe, ainda que o prejuízo financeiro atinja toda a sociedade.

E o apoio político-eleitoral ao candidato à presidência Humberto Delgado em oposição a Américo Thomás faz com que os trabalhadores sofram amplamente as consequências de seus atos:

Dito está que por castigo da impertinência habitual de pedirem melhores salários e do crime excepcional de apoiarem o Delgado e por ele jurarem tudo quanto foi lugar habitado e ajuntamento, não haverá este ano ceifas no latifúndio. Por mim, tanto se me dá, disse Adalberto, só quero que me garantam que o governo da nação está de acordo, Está o governo de acordo e nós também, que consideramos magnífica idéia [...] E os prejuízos, senhor governador civil, vai haver prejuízos, com a nossa boa vontade pode contar, mas só onde todos paguem, nada é caro, e este é um reparo

justificado, feito num qualquer lugar do latifúndio não mencionado [...] (LC., p. 306)

O Segundo o historiador Lincoln Secco, o “salazarista Américo Thomás foi eleito num eleitorado limitado e vigiado, e mesmo assim Salazar resolveu abolir de vez o sufrágio direto, após a ameaça que Delgado havia representado” (2004, p. 55). Sem terra, sem emprego, sem direito a voto e sem condições mínimas de sobrevivência a única alternativa possível é intensificar a luta.

Insistindo na necessidade de trabalhar, as personagens-trabalhadoras, a partir do encaminhamento de Sigismundo Canastro, indicam uma nova manifestação e desta vez o espaço a ser ocupado é a Câmara Municipal de Montemor, cidade de residência dos donos do latifúndio.

Os manifestantes são, grosseiramente, recebidos pela cavalaria e revidam com pedras, no entanto, “logo ali vai ao chão um magote de gente que tenta escapar-se por entre patas e as sabradas” (LC., p. 313). Um cai morto, outros feridos. Este fato, porém, não representa o fim do caminho.

Portugal, com a morte de Salazar, a posse de Marcello Caetano como primeiro-ministro e o surgimento dos movimentos de libertação dos países africanos, vive um momento importante. Entretanto a mudança de governo não significa mudança na estrutura de poder e nem no dia-a-dia opressivo no campo.

A década de 1970 é iniciada com notícias – de tentativas “de sublevações militares localizadas, de protestos de rua que redundavam em verdadeiras batalhas campais”, de greves e de África – que agitam os campos de Alentejo. Em Monte Lavre as forças repressivas também agitadas utilizam-se do espaço, a pouco subversivo, para tentar coibir qualquer manifestação das personagens-trabalhadoras:

E como de astuto e traste qualquer guarda tem que baste, inventou-se a subtilíssima arte de por debaixo duma pedra papéis apreendidos a essa comunista gente que anda pelo latifúndio a dizer palavras subversivas, como estas agora, oito horas de trabalho, querem entregar o país a Moscovo. E, cometida a habilidade, esconde-se atrás de valado ou dobra de terreno ou árvore ingênua ou pedra maior, e quando passa desprevenido o inocente se calha a dar com os papéis e os mete na algibeira ou no forro do chapéu ou entre a pele e a camisa, [...] não deu dez passos salta-lhe a guarda ao caminho. (LC., 330)

No entanto, os trabalhadores não se rendem. No último primeiro de Maio já haviam organizado uma inédita paralisação e compreendiam com toda capacidade os interrogatórios e as leis do latifúndio:

Então porque é que não vieram trabalhar ontem [...] Não viemos porque era o primeiro de Maio e o primeiro de Maio é o dia dos trabalhadores, trabalhadores somos nós, e portanto [...] Que é que vocês sabem disso [...] Em todo o mundo é assim [...] Isto aqui não é o mundo, é Portugal e Alentejo, temos nossas leis [...] Aqui só trabalha quem não faltou ao serviço ontem [...] (LC., p. 332)

E em local de insuficiente segurança dão prosseguimento em reuniões clandestinas à organização da luta pela redução da jornada de trabalho para oito horas diárias. “Se pelo escuro da noite a guarda se aproxima [...] todos os homens, sentados ou de pé, seguram a respiração e os pensamentos [...] Na noite seguinte prosseguirá a conversa no ponto em que foi deixada, naquele mesmo lugar ou noutro” (LC., p. 332).

Estas conversas seguem por alguns dias pelas casas ou pelos cantos articulando os pensamentos e as ações. A decisão de impor uma jornada de trabalho reduzida foi tomada por todos que de forma organizada dirigem-se aos campos num horário determinado e agem conforme combinado:

E então começam a chegar os homens, juntos no tempo que escolheram [...] e quando são oito horas começam a trabalhar [...] Quem lhes deu ordem para virem trabalhar a esta hora [...] Resolvemos nós [...] Em terras minhas o horário do trabalho é o que sempre foi, quem quiser, é de sol a sol, e agora resolvam, ou fiquem, e amanhã têm de me dar o tempo que perderam esta manhã, ou vão-se embora, não quero cá ninguém [...] (LC., p. 339)

Faz parte do combinado seguirem todos para a praça após a negativa do patrão e agir da mesma forma no dia seguinte. Esse vai-e-vem segue-se até a consumação da greve, pela redução da jornada com o aumento do valor diário de trabalho.

A ação das personagens em consonância com o surto de greves por todo o país atrai-nos para a verificação dos números: de “outubro de 1973 a abril de 1974, mais de cem mil trabalhadores fizeram greve”, segundo o historiador Lincoln Secco.

A batalha diária é necessária e as conquistas tardam, mas chega um momento em que o corpo já não aguenta mais. Assim, a casa que se tornara local de encontros e reuniões abriga os camaradas ao redor do corpo sem vida de João Mau-Tempo. Sua morte, que entristece qualquer lutador, antecede o momento revolucionário em que “o governo foi a terra”.

A “intervenção das massas populares e dos partidos políticos que impôs uma nova dinâmica ao movimento” (SECCO, 2004, p. 110) seguida de uma ação militar, organizada pelo Movimento das Forças Armadas, põem fim a quarenta e oito anos de regime ditatorial e o dia 25 de abril registra a renúncia de Marcello Caetano.

O latifúndio dantes repressivo passa a cantar louvores à revolução. Na cidade há “ocupação de terras e fábricas, assembleias de moradores, professores e estudantes, caça aos colaboradores do regime anterior” (SECCO, 2004, p. 121). Na semana seguinte o primeiro de Maio é festejado livremente nas ruas e praças e o Dia do Trabalhador torna-se feriado em todo o país.

No entanto, a queda do regime não significa a resolução total dos problemas das personagens-trabalhadoras:

Porém, tão pouco tempo passado depois de Abril e Maio, voltaram ao latifúndio os rigores conhecidos, não os de guarda e pide, que uma se acabou e outra vive dentro do posto [...] Rigores são os outros costumados [...] Estava o trigo na terra e não ceifaram, não o deixam ceifar, searas abandonadas, e quando os homens vão pedir trabalho, Não há trabalho [...] que libertação foi esta, então já se fala que vai acabar a guerra em África e não acaba o latifúndio. (LC., p. 357)

A estrutura fundiária mantém-se e o desemprego persiste. A militância ainda não é direccionada à construção de uma nova sociedade, pois o discurso democrático choca-se diretamente com a realidade da exploração: “Andam aí a rádio e a televisão a pregar democracias e outras igualdades, eu quero trabalhar e não tenho onde, quem me explica que revolução é esta [...] A lei do latifúndio são os mesmos que continuam a fazê-la para que continuem a cumpri-la os mesmos” (LC. p. 357).

Permanecendo a posse dos *meios de produção* exclusivamente ou parcialmente com uma classe, o caminho segue sem o fim da exploração. Quando esta classe é a dos proprietários, o trajeto é ainda mais dificultado:

Enfim se está vendo quem mais força tem, diz Norberto a Clariberto, se lhes não dermos trabalho, é só deixar passar o tempo devagarinho e tornará o dia em que virão comer-nos à mão [...] ver a terra de meus avós nas mãos destes ladrões, é o fim do mundo quando se ataca a propriedade, alicerces divino e profano da nossa civilização material e espiritual [...] a guarda a assistir a estes acontecimentos apocalípticos, a deixar invadir as propriedades que é seu dever defender para mim [...] para que é que lhes servem uns cães tão caros, importados, é para isso que pagamos as nossas contribuições, que eu por mim deixei de pagar, há-de ir tudo a ruína [...] (LC. p. 359, 361 e 362).

Enquanto no latifúndio a estrutura de classe mantém-se sem que todos desfrutem das riquezas produzidas, os trabalhadores são despertados do sonho de produzir para viver e obrigados a sobreviver para produzir:

Que havemos de fazer, é a mesma miséria de antigamente, Os patrões são os donos da terra e de quem trabalha nela, Somos ainda menos do que os cães do prédio e dos prédios, esses comem todos os dias [...] mas com os homens é diferente, cão não sou eu e não como há dois dias (LC. p. 360).

Neste momento de incertezas cabe-nos compreender o movimento político do partido “*de esquerda*”, que agrega as personagens-trabalhadoras no *ambiente do engajamento*, em sua real atuação.

Segundo o historiador Lincoln Secco, o Partido Comunista Português compõe, dentre outras forças, a Junta de Salvação Nacional com o Movimento das Forças Armadas e aparece como a “garantia da nova ordem, o verdadeiro freio (quando ‘necessário’) do movimento operário popular” obrigado assim a tentar redefinir o caminho das lutas de seus integrantes.

Mas, nem sempre a vontade das direções acompanha a necessidade de quem realmente “coloca a mão na massa” e tem condição de enfrentar os problemas a partir de suas raízes.

Diante dos informes – de que, em alguns lugares, sem o consentimento dos patrões para ceifar, alguns trabalhadores estão organizados e decidindo o que fazer com a produção, colhendo, tirando a parte que lhes é de direito e entregando a sobra ao patrão – no Alentejo, as personagens-trabalhadores tomam em suas próprias mãos a transformação daquela paisagem e daquele modo de vida.

A atitude inicial não é de Sigismundo Canastro, principal quadro da organização comunista, mas de Manuel Espada inconformado com o parco resultado da luta para os trabalhadores do campo.

Juntam-se homens e mulheres, discutem e dividem as tarefas de convocar, com data e hora marcadas, outros trabalhadores, convencidos da necessidade de uma outra revolução, a de expropriar os *meios de produção* e coletivizá-los entre os que realmente trabalham:

De todos os lugares de trabalho confluem as máquinas, o grande avanço dos blindados [...] são tratores que avançam, vão devagar, é preciso ligar com os que vêm dos outros sítios [...] vão carregados os atrelados, já há quem caminhe a pé, são os mais novos [...] juntam-se todos com todos, e em cada herdade que ocuparem ficará um grupo responsável, a coluna já leva mais de quinhentos homens e mulheres, seiscientos, não tarda que sejam mil [...] em todos os montes e herdades são tomadas as chaves e escritos os inventários, somos trabalhadores, não viemos roubar (LC., p. 364).

A ação que desde o seu início se sai vitoriosa não conta com a presença de Norbertos e Gilbertos muito menos com a da Guarda. Até o fim do Estado Novo, os ventos que sopram pelo vasto descampado latifúndio encontram nas forças opressivas do Estado os obstáculos matérias que tentam estabelecer a resignação e o temor às personagens-trabalhadoras engajadas, no entanto, entre liberdade e opressão o engajamento “*de esquerda*” resiste.

O caminho que é feito caminhando, mesmo com a “cegueira dos homens vivos” que não dão conta certa de quantos fazem o feito, une vivos e mortos, “mil vivos e cem mil mortos, ou dois milhões de suspiros que se ergueram do chão”, levantando-os num longo e necessário processo revolucionário.

Esse levante, que pode irmanar-se com tantos outros leva-nos a refletir sobre o que escreveu Karl Marx em 1852 ao tratar das revoluções existentes até então na Europa:

a ressurreição dos mortos servia, pois, para glorificar as novas lutas e não para parodiar as antigas, para exagerar na fantasia a tarefa cometida e não para retroceder face ao seu cumprimento na realidade, para encontrar de novo o espírito da revolução e não para fazer vagar outra vez o seu espectro.¹⁴⁴

Desta forma, a trajetória das personagens engajadas, que partem de um espaço opressivo em busca de um espaço com liberdades democráticas, encontra no Partido Comunista Português o respaldo necessário para encaminhar as lutas e a unidade da classe. No entanto, depois do 25 de Abril, o partido não mais se preocupa fortemente em manter as alianças com a classe trabalhadora, mas sim com os setores que possibilitariam conduzi-lo ao poder.

Percebemos assim, que a partir de espaços físicos localizados as personagens engajadas entram em ação participando de organizações políticas com representação nacional e até internacional. Submetem seu individualismo à força da individualidade de sua classe social para coletivamente tentar decidir sobre os rumos políticos de sua época.

Em cada espaço notamos a formação hierarquizada e desigual da sociedade, que favorece constantes conflitos e coloca o interesse de uma classe do lado oposto ao interesse da outra.

A família Terra-Cambará inicia a narrativa como pequena-proprietária de terra e assume, com o passar dos anos, a posição de grande-proprietária e o poder municipal. Chega ao final representando a burguesia no Congresso Nacional do Estado Novo.

No entanto, a família Mau-Tempo, do início ao final da narrativa, é possuidora apenas da sua *força de trabalho*. Não participa do poder de Estado. Toma, durante o

¹⁴⁴ O 18 de Brumário de Louis Bonaparte, 1982, p. 23

processo revolucionário, juntamente com os demais trabalhadores, o controle das fazendas em suas mãos e contribui com a queda do Estado Novo.

Nesse processo de divisão social a maioria das personagens engajadas em *O Tempo e o Vento*, coerente com sua forma de ver o mundo, preocupa-se com os interesses da burguesia nacional, que busca construir partidos políticos como mais um dos instrumentos de dominação e manutenção da ordem.

Desde a formação do Partido Restaurador até a formação do Partido Trabalhista Brasileiro, percebemos que a composição partidária muito muda. No entanto, o fundamento de manter o funcionamento da sociedade sob o controle de uma classe social, a proprietária, não apresenta alteração.

Em *Levantado do Chão* sobressaem os interesses da classe que vende a *força de trabalho*, os trabalhadores portugueses. Inicialmente desprovidos das condições necessárias para a formação de um partido político que realmente fosse composto por trabalhadores, assistem a formação do Partido da União Nacional, que não somente defende os interesses da burguesia nacional e internacional, como impõe de forma truculenta a execução destes interesses como sendo de toda a sociedade.

Entretanto assistir não significa consentir e muitos trabalhadores se filiam ao Partido Comunista Português com a esperança de acumular forças para reverter a situação.

As burguesias nacionais, presentes ou citadas como personagens, mantêm-se em permanente movimento político a fim de manter o poder de decisão sobre os aspectos econômicos, sociais e culturais de cada sociedade. Nesse sentido, precisam manter a qualquer custo o modo de produção capitalista que garante à sua classe a posse dos *meios de produção* e a exploração do trabalho alheio. Nunca

abrem mão de seu próprio engajamento, encadeando conseqüentemente o engajamento opositor.

Estes interesses que, nas narrativas, são apresentados através dos discursos da política, da economia e da história se alteram consideravelmente e influenciados pelos conflitos reais existentes ao longo do século XX, movimentam a *personagem engajada*, essencial para a ação coletiva, e particularizam o engajamento “*de esquerda*”, imprescindível na busca para pôr fim ao sistema de exploração e para a transformação da sociedade.

6. O tempo das transformações: Do início ao fim do século XX.

"Não havia datas [...] ninguém sabia muito bem do tempo [...] continuavam a marcar a passagem do ano pelas fases da lua e pelas estações. E quando queriam lembrar-se dum fato, raramente mencionavam o ano ou o mês em que ele se tinha passado, mas ligavam-no a um acontecimento marcante na vida da comunidade." (C., p. 172)

"Todos os dias têm a sua história, um só minuto levaria anos a contar, o mínimo gesto, o descasque miudinho duma palavra, duma sílaba, dum som, para já não falar dos pensamentos, que é coisa de muito estofo, pensar no que se pensa, ou pensou, ou está pensando, e que pensamento é esse que pensa o outro pensamento, não acabaríamos nunca mais." (LC., p. 59)

Reconhecer a função e as ações das personagens no *ambiente do engajamento* fez-nos identificar em *O tempo e o Vento e Levantado do Chão* uma coincidente similaridade no que concerne ao *tempo histórico*,¹⁴⁵ ou seja, a sucessão cronológica que apresenta as grandes questões vivenciadas pela humanidade, ao longo do século XX, presentes nas narrativas.

Observamos que estas questões (fim da Monarquia, Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, Guerra Civil Espanhola, Segunda Guerra Mundial, proximidade do governo ao fascismo e a instauração do Estado Novo) se apresentam associadas às questões locais e organizam o *tempo das narrativas*,¹⁴⁶ isto é, ambos vêm desde a monarquia até os recentes anos acompanhando a transformação dos países. Por abarcar a história de um povo, consideramos este *tempo coletivo*, no entanto, centrado na história das famílias Terra Cambará e Mau-Tempo.

¹⁴⁵ Segundo Benedito Nunes o tempo histórico "representa a duração das formas históricas de vida, e podemos dividi-lo em intervalos curtos ou longos, ritmados por fatos diversos. Os intervalos curtos do *tempo histórico* se ajustam a acontecimentos singulares: guerras, revoluções, migrações, movimentos religiosos, sucessos políticos. Os intervalos longos correspondem a uma rede complexa de fatos ou a um processo (formação da cidade, desenvolvimento do feudalismo, advento do capitalismo, por exemplo)". *O Tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988, p. 21.

¹⁴⁶ Conforme Yves Reuter as "indicações temporais podem 'ancorar' o texto no real, quando elas são precisas e correspondem às nossas divisões, ao nosso calendário ou a acontecimentos comprovadamente históricos". *Introdução à análise do romance*, 2004, p. 61.

Estas grandes questões históricas associadas às questões locais permitem-nos observar em cada *personagem engajada* o desenvolvimento de uma idéia de sociedade, conforme apresentado por Irving Howe, e a posição ideológica em opor-se ou aceitá-la.

Consideramos que esta idéia de sociedade é formada a partir de uma realidade e do contato entre várias outras idéias correntes em cada tempo histórico. Conforme observado no capítulo anterior, estas idéias representam as respostas encontradas por cada *personagem engajada* aos problemas de sua época e devem ser compreendidas através de suas falas.

Compartilhamos com Mikhail Bakhtin¹⁴⁷ a idéia de que o sujeito que fala é essencialmente social e suas palavras representam sempre um ponto de vista particular sobre o mundo. Neste aspecto entendemos que o ponto de vista particular ou as suas idéias estão relacionados diretamente ao lugar de sua classe social, conforme exposto anteriormente.

Com isso, procuramos relacionar as idéias das personagens ativas politicamente que conduzem a ação prática às idéias predominantes em cada tempo.

Em *O Tempo e o Vento* a partir da formação da família Terra Cambará (em 1829, ano do casamento de Rodrigo Cambará com Bibiana Terra), inicialmente constituída de *personagens atuantes*, até o momento da morte do *engajado* Rodrigo Terra Cambará (em 1945) desenvolve-se uma série de idéias que além de representarem o posicionamento político de seus membros, representam uma importante camada da sociedade.

¹⁴⁷ *Questões de Literatura e de Estética*, 1990, p. 135.

O capitão Rodrigo Cambará, expressão primeira do questionamento das idéias conservadoras, apresenta uma outra forma de ver o mundo. Suas propostas ecoam, de certa maneira, por toda a trajetória da família Terra Cambará e afrontam diretamente o poder local e da igreja:

Se eu fosse dono do mundo, fazia algumas mudanças [...] Acabava com essa história de trabalhar [...] Dividia essas grandes sesmarias de homens como o Coronel Amaral [...] Dividia e dava um pedaço pra cada peão, pra cada índio, pra cada negro [...] Acabava com a escravidão imediatamente. Não há muita gente disposta a dar. Às vezes é preciso tirar à força [...] [Os padres] nunca estão contra o governo. Eu sempre digo, se é contra o governo podem contar comigo. (C., p. 166 a 241).

O posicionamento de Rodrigo Cambará, por um lado, corresponde às idéias liberais em desenvolvimento no Brasil, que propõem a liberdade do indivíduo, enquanto cidadão, produtor e consumidor, o direito de livre expressão do pensamento, de reunião e de manifestação. Têm como um dos expoentes, no Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, que assina pessoalmente uma declaração sobre a participação do Capitão Rodrigo em diversos combates em que se porta “com heroísmo, dedicação e disciplina a toda a prova”.

Por outro lado, contradiz-se com a convicção dos insurgentes, na Revolução Farroupilha,¹⁴⁸ de manter a grande propriedade privada e o mando político dos latifundiários contra o poder central com a finalidade de anular o peso dos impostos sobre os produtos riograndenses e a marginalização política da província.

O fim da escravidão desejada por Rodrigo difere dos motivos econômicos apresentados pelos ideais liberais: “Sou contra a escravidão só por uma coisa. É

¹⁴⁸ Considera-se que “o movimento farroupilha foi um dos muitos movimentos liberais que sacudiram a Regência na primeira metade do século XIX, na década de 30, e alcançou de fato ser a primeira experiência republicana em território do Brasil.” Tem como uma das causas econômicas os altos impostos e o pagamento do dízimo de todos produtos da pecuária. Além da falta de investimento, da Corte, para sanar os problemas sociais do Rio Grande do Sul apresentados com as guerras. FAGUNDES, 1998, p. 82-87.

que não gosto de ver homem rebaixado por homem [...] Quando vejo um negro que baixa a cabeça quando gritam com ele, ou quando vejo um escravo surrado, o sangue me ferve” (C., p. 242).

Para os liberais os motivos eram econômicos, pois com o desenvolvimento industrial na Europa, o escravismo colonial, como modo de produção dominante no Brasil, apresenta-se como empecilho a livre competição entre mercados.

Segundo o historiador Paul Singer o liberalismo tem seu primeiro êxito, no Brasil, em 1808, quando D. João VI decreta a abertura dos portos brasileiros às ‘nações amigas’, mas o verdadeiro liberalismo é representado pelos abolicionistas, cuja vitória final se dá em 1888 quando se criam as condições para a implantação e expansão do capitalismo industrial no país.¹⁴⁹

Assim podemos perceber que o Capitão Rodrigo Cambará, à frente de seu tempo, questiona os propósitos conservadores, que privilegiam uns em detrimento de outros, e mantém uma certa preocupação com as relações humanas sem submeter os ideais de justiça aos imperativos do alardeado desenvolvimento econômico.

Esse caminho do questionamento é seguido por Licurgo Terra Cambará – que realiza o sonho da avó Bibiana e recebe como herança o Sobrado, os campos do Angico e milhares de cabeça de gado (C., p. 391) – mas apresenta um outro direcionamento.

O conservadorismo, representado pela burguesia-feudal-escravocrata cujo domínio não apenas é exercido “sobre sua propriedade, a terra, mas sobre tudo o

¹⁴⁹ De acordo com Paul Singer em “todos os ciclos da economia brasileira, a produção foi sempre realizada pelo braço escravo. A escravidão predominou não apenas nos empreendimentos agrícolas, agromanufatureiros e minerais, mas também no mundo urbano, em que proprietários alugavam seus escravos a empreiteiros de obras públicas, donos de manufaturas etc. e em que até mesmo as atividades artesanais e o comércio de varejo estavam em sua maior parte a cargo dos cativos”. *O Capitalismo, sua evolução, sua lógica e sua dinâmica*, 2001, p. 20-67.

que se achava dentro dela – gado, escravos e seres humanos – e mesmo nas suas vizinhanças”,¹⁵⁰ passa a estar personificado diretamente na figura de Alvarino Amaral: “nesse homem Licurgo concentra todo o fogo de seu ódio, como se ele fosse o culpado de tudo: da revolução, da morte de sua filha, de toda a desgraça que caíra sobre sua casa...” (C., p. 151).

Assim, busca não tanto por convicção política, mas por possibilitar atitudes contrárias que o elevariam ao poder com um viés de justiça (C., p. 512), uma maior liberdade de ação e domínio político ao aderir aos ideais republicanos.¹⁵¹ Torna-se intendente municipal e tenta transformar a Intendência na casa do povo. Lidera o movimento que antecipa a libertação de alguns escravos em Santa Fé, mas sua luta contra a escravidão se resume ao fato de ser o primeiro fazendeiro a entregar cartas de alforria, entre alguns de seus escravos:

Tinha a impressão – disse ele – de que o baile de gala do Paço Municipal, com suas formalidades e seus medalhões, ia ficar apagado diante da festa do Sobrado, onde reinaria a verdadeira democracia: negros e brancos, ricos e pobres, todos misturados e irmanados no ideal abolicionista e republicano. Mas no momento mesmo em que dizia essas coisas, Curgo percebeu que não estava sendo sincero, que não estava dizendo o que sentia. Era-lhe inconcebível a idéia de que aqueles negros sujos pudessem vir dançar nas salas de sua casa, em íntimo contato com sua família. Sabia que pouca, muito pouca gente em Santa Fé compreendia o sentido da palavra república [...] (C., p. 510)

E custa-lhe um alto grau de paciência a festa que publiciza, perante toda a sociedade santa-fezense, seu grande feito:

Muitos dos escravos choraram ao receber a carta de alforria. Houve, porém, um deles que entrou de cabeça erguida, olhou arrogante para os lados, como num desafio, recebeu o título e sem o menor gesto ou palavra de agradecimento, fez meia-volta e tornou a voltar para o quintal, impassível

¹⁵⁰ BASBAUM, 1982, p. 140. Vol. 1.

¹⁵¹ Segundo Leôncio Basbaum os objetivos republicanos divergiam de acordo com cada grupo político presente no Partido, mas há alguns ideais que são comuns a todos: o de república federativa, liberdade de pensamento e de religião. *História Sincera da República*, 1982, p. 220. Vol. 1.

como um rei que acaba de receber a homenagem a que tem direito. Licurgo acompanhou-o com um olhar furibundo. Merecia uns bons chicotões na cara. Sempre fora assim altivo e provocador. Era um bom peão, um bom domador um trabalhador incansável, mas tinha um jeito tão atrevido, que por mais duma vez Licurgo estivera prestes a “ir-lhe ao lombo”. (C. p, 563)

Com a abolição da escravatura e o fim da Monarquia, a República integra ao poder a classes dominante que compunha o Partido Republicano.

A República, em seus primeiros anos, é marcada por movimentos de trabalhadores que lutam por melhoras nas condições de vida com greves em alguns estados e a situação se agrava ainda mais com a falta de gêneros alimentícios e a elevação de preços.

No entanto para Licurgo desenha-se o encontro perfeito. A República garante a propriedade privada e prega a igualdade de todos perante a lei. A defesa incondicional a Júlio de Castilhos, no estado, – que segundo o historiador Leôncio Basbaum, era pertencente ao grupo dos republicanos idealistas, ou seja, de intelectuais das classes médias influenciadas pelas idéias francesas¹⁵² – garante a manutenção do programa do Partido, “que não consultava os interesses populares, não trazia reivindicações de caráter econômico, não tocava no problema da terra, não se referia ao problema servil” (BASBAUM, 1982. p. 216).

Esse encontro é o ideal para os seus interesses de grande proprietário absentista e tipo de atuação, pois, para Licurgo, acostumado a viver da terra pela

¹⁵² De acordo com as divergências existentes o Partido Republicano conta com os *evolucionistas* ou *moderados* – (maioria positivista), que desejam atingir a República com o tempo, por via legal. Dentre estes há os idealistas (maioria abolicionistas) que discursam sobre liberdade, democracia e progresso e acreditam que o regime republicano por si só colocará o Brasil no caminho certo – e com os *revolucionários* (com uma parcela também influenciada pelo positivismo), que pregam um movimento armado do povo como forma de atingir a República. Defendiam ainda a liberdade de casamento, registro civil e a reforma do ensino. O positivismo, tentativa de conciliação entre a ciência e a religiosidade, “era em sua origem uma filosofia idealista, metafísica, muito embora, aparentemente buscasse apoiar-se na ciência”, posteriormente passa a ser, “uma doutrina antidemocrática, de uma burguesia que, havendo tomado o poder, queria agora fugir do povo que ajudara a tomá-lo.” BASBAUM, 1982, p. 203-227. Vol. 1.

mão de outrem, as relações humanas já não apresentam importância, podem e devem ser submetidas a determinados interesses.

Esta visão que inicialmente é questionada por Rodrigo Terra Cambará, torna-se amplamente desenvolvida durante toda a sua trajetória. No início do século, em 1909, quando volta de Porto Alegre, os planos são claros: “Levava na mala um diploma de doutor [...] e podia, ou melhor, devia usar esse diploma como o Capitão Cambará usara sua espada: na defesa dos fracos e oprimidos” (R., p. 52). Ao deparar-se com os subúrbios miseráveis de Santa Fé “prometia a si mesmo tornar-se médico dos pobres, fazer em sua terra a caridade numa proporção até nunca vista. Enchia-se dos mais nobres propósitos [...] levaria àquela gente infeliz medicamentos de boca e dinheiro, além de palavras de conforto” (R., p. 65). Não tardou decidir-se a “conquistar Santa Fé, a submetê-la à sua vontade, a moldá-la de acordo com seus melhores sonhos” (R., p. 118).

Cheio de idéias e contradições chega a influenciar-se por escritores franceses e “escrevera então alguns artigos sobre a igualdade e a fraternidade, chegando a fazer um discurso inflamado e quase revolucionário na União Operária local” ¹⁵³ (R., p. 123).

Mas a diferença entre o que é e o que aparenta ser não demora a apresentar-se. Diante da possibilidade da menina Ondina Caré estar esperando um filho seu, Rodrigo, enchia-se de um

temor mesclado de repugnância. E nessa repugnância descobria, decepcionado, um sentimento de aristocracia, uma consciência de casta. Era-lhe friamente desagradável a idéia de que o sangue dos Cambarás,

¹⁵³ A medida em que surgem indústrias em Santa Fé, surgem operários e suas organizações. Inferimos que a União Operária é uma das organizações que se une a Confederação Operária Brasileira (fundada em 1908) para a luta conjunta dos operários em alguns estados (Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco) e que foi influenciada pelas idéias anarquistas e socialistas (de Bakunin, Proudhon e Saint-Simon, Marx, Engels). Os operários inflamam o discurso de Rodrigo, admirador das idéias que vinham da Europa, especialmente da França.

senhores do Sobrado e do Angico, pudesse misturar-se com o dos Carés (R., p. 175).

Reconhecida a supremacia de sua classe sobre qualquer outra, lhe resta manter a máscara – para esconder a diferença entre o que se diz e o que se pensa, característica imprescindível para a burguesia em desenvolvimento – e destilar, através da atuação política e de seus órgãos de imprensa, tal ideologia:

Surge “A Farpa” à luz da publicidade num dos momentos mais dramáticos da história da nacionalidade brasileira. Diremos sem eufemismo ou meias palavras que este hebdomadário se propõe, antes de mais nada, ser a livre tribuna dos oprimidos contra os opressores, da justiça contra o arbítrio, do direito contra a força, da fraternidade contra o banditismo. Isto vale dizer que “A Farpa” é um jornal de oposição, uma bandarilha colorida e aguçada a espicaçar constantemente os flancos do touro cruel e brutal do situacionismo! (R., p. 198)

Fazendo jus a essa necessidade ideológica, a relação entre opressores e oprimidos e entre justiça e direito transforma-se em algo dependente apenas da capacidade individual de cada um como declara Rodrigo: “Sou liberal, isto é, um partidário da tolerância religiosa, da livre iniciativa, do livre pensamento, do respeito ao indivíduo. Acho que todos os homens nasceram iguais e o que os torna desiguais são as circunstâncias em meio das quais crescem” (R., p. 365).

E assim, à época da Primeira Guerra Mundial, colocando-se ao lado dos Aliados,¹⁵⁴ reafirma seus princípios: “Creio nos Direitos do Homem, na igualdade e na fraternidade. Numa palavra: creio na Democracia” (R., p. 474).

¹⁵⁴ No início do século XX parte da classe proprietária via a guerra como forma de reafirmar seu domínio sobre os povos de outros países e de gerar um mundo mais adaptado às suas idéias e perspectivas. Disputas entre as grandes potências européias geraram alianças que formaram dois grandes blocos: os aliados da Alemanha e os aliados da França. Por ocasião da I Guerra Mundial, quando a Sérvia é invadida pelos austríacos, juntam-se à França mais outras 24 nações que têm o objetivo de evitar uma possível hegemonia alemã, e decidem o confronto. Esse conjunto, reconhecido como Aliados, conta posteriormente com a entrada dos EUA na guerra. A França saiu vitoriosa em 1918. Mas foram os Estados Unidos, depois de assumir o comando das negociações mundiais, que despontaram como centro do poder. BERTONHA, João Fábio. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Saraiva, 2001, p. 5-11.

Em 1922, quando Licurgo e Rodrigo, este como deputado estadual, decidem romper com o Partido Republicano, contra a reeleição de Borges de Medeiros, e compor a Aliança Libertadora, não rompem com os ideais liberais, apenas fazem uma realocização necessária “por reformas políticas e contra a continuação do ‘borguismo’ no estado” para unificar forças e colocar no poder uma outra parcela dos proprietários.

Segundo o historiador Leôncio Basbaum mesmo com um relativo empobrecimento de uma

parte dos senhores de terras e o enriquecimento de outros, não se havia alterado a sua posição de domínio político no país. Apenas mudara a forma de exercê-lo. O fazendeiro se transformava em coronel. Já não ia às Cortes como deputado. Delegava poderes ao filho, ao genro bacharel, enquanto ele se deixava ficar na sua cidadezinha ‘a fazer política’.¹⁵⁵

Na Revolução de 1923, o lema da Coluna Revolucionária de Santa Fé, que tem como comandante supremo o coronel Licurgo e como major-secretário Rodrigo, é “só temos um pensamento: a honra e a felicidade do Rio Grande. Só temos um objetivo: a vitória!” (A.I, p. 238). Esta palavra de ordem resume e justifica, para Rodrigo, a necessidade de uma revolução estadual

havia razões ideológicas. A ditadura borgista era uma vergonha, um ultraje. Que iria o resto do país dizer da hombridade dum povo que suporta um ditador positivista durante vinte e cinco anos? [...] Os males eleitorais só poderiam ser curados com a adoção do voto secreto, como queria Assis Brasil. (A. I, p. 172)

¹⁵⁵ TEIXEIRA, 2000, p. 147- 253.

Até este momento é possível percebermos que a cada passo dado, a família Terra Cambará, alia ao discurso democrático a preocupação com a unidade de sua classe, mas utiliza uma aparente vestimenta de povo.

Com a participação de Toríbio na Coluna Prestes (A. I, p. 403), em 1924, isso ainda se evidencia. Embora os revoltosos – que exigem a saída do presidente Arthur Bernardes, representem a insatisfação das classes médias urbanas contra o sistema oligárquico e condenam as práticas políticas de fraudes eleitorais – apresentem entre as principais reivindicações, a proibição de reeleição do Presidente da República e governadores, voto secreto e a proibição de impostos interestaduais, não demonstram ainda nada que altere diretamente a vida do povo.

Segundo o historiador Leôncio Basbaum “não falam, os documentos, de salários, de como se conseguirá acabar com a carestia da vida, de como se conseguirão homens honestos para dirigir o país.”¹⁵⁶

Estes levantes, importantes para questionarem o governo federal sob estado de sítio,¹⁵⁷ representam também o início de uma ruptura no pacto oligárquico existente entre alguns estados.

Neste período, em Santa Fé, a contradição entre manter as condições de produção no campo e buscar o desenvolvimento industrial na cidade já se faz presente. A instalação de pequenas indústrias – pertencentes às famílias Lunardi, Spielvogel, Schultz, Kern (A. I, p. 433) – possibilita uma maior capacidade de produção de determinados produtos no campo e na cidade, mas não representa ainda uma maior capacidade aquisitiva do povo, ou da classe que vende a *força de trabalho*.

¹⁵⁶ BASBAUM, 1982, p. 231.Vol. 1.

¹⁵⁷ Segundo Francisco M. P. Teixeira, o estado de sítio representa a suspensão temporária dos direitos e garantias constitucionais (liberdade de ir e vir, de reunião, de imprensa, inviolabilidade de domicílio, etc.) com o objetivo de restabelecer a ordem pública e de impedir contestações do regime vigente. *Brasil: História e Sociedade*, 2000, p. 255.

Essa situação que se repete em vários cantos é reforçada com a crise de superprodução do café no Brasil, posteriormente com a crise que paralisou o comércio mundial (A. II, p. 71) e tem sérias conseqüências políticas.¹⁵⁸

Rodrigo participa da formação da Aliança Liberal, que lança a candidatura de Getúlio Vargas à presidência com propostas de “moralidade administrativa, moeda estável, voto secreto, verdade eleitoral, anistia aos presos políticos e um tratamento novo à questão social” (TEIXEIRA, 2000. p. 255). No entanto, com a derrota muda o discurso:

— Pois olha que começo a ter as minhas dúvidas. O homenzinho [Getúlio Vargas] não arrisca nada, só quer jogar na certa. Entrou na corrida presidencial meio empurrado. Até a última hora negociou com o Washington Luís por baixo do poncho, à revelia dos companheiros, na esperança de vir a ser o candidato oficial [...] A solução é marchar contra o Rio, tomar aquela joça a grito e amarrar nossos cavalos no obelisco da Avenida [...] O programa virá depois de vitoriosa a revolução. (A. II, p. 69)

Ainda assim, assume com antigos inimigos políticos, a organização, no estado, de novo levante, que preconiza como uma “revolução civil e popular”, mas que tem como um dos objetivos impedir a posse de Júlio Prestes e impor o governo de Getúlio Vargas:

— E o senhor não poder imaginar que o Dr. Getúlio Vargas, uma vez na presidência da República, vá deixar seu Estado ir à bancarrota. O Brasil precisa dum Rio Grande economicamente sadio. Havemos de sair desta situação difícil. É questão de paciência e coragem. (A. II, p. 131)

¹⁵⁸ A superprodução do café entrou em choque com a crise de 1929, que paralisou o comércio mundial e conseqüentemente as exportações brasileiras. Os cafeicultores já descontentes com o governo de Washington Luís, por não adotar providências para salvar o café, não aceitam apoiar o nome do paulista Júlio Prestes para a sucessão presidencial, pois pelo acordo do “café-com-leite” era a vez de um candidato mineiro. Assim, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba lançam um outro nome para concorrer às eleições. TEIXEIRA, 2000, p. 255.

Nesse período, Toríbio cumpre as tarefas necessárias para que em Santa Fé tudo ocorra dentro do combinado, embora sem acreditar na capacidade política de Getúlio Vargas e mantendo a admiração por Luís Carlos Prestes, mesmo depois de publicado o *Manifesto de Maio* (A. II, p. 87),¹⁵⁹ que o aproxima do programa do Partido Comunista Brasileiro.

Este programa, alardeado durante alguns anos no Sobrado por Stein e Eduardo, traz uma compreensão sobre o sistema capitalista

_ O sistema capitalista reduziu todas as necessidades humanas a uma necessidade única: a do dinheiro, seu valor máximo [...] E qual é a técnica do homem de negócios capitalista senão a de criar necessidades nas outras pessoas a fim de forçá-las a uma nova dependência? Como resultado disso, todo o mundo vive de crédito, no regime inflacionário da prestação, hipoteca o seu futuro, perde a identidade e a liberdade [...] Quando maior for o número de artigos produzidos pela indústria no sistema capitalista, maior será o reino das coisas alheias que escravizam o homem [...] (A. II, p. 43)

E não se apresenta compatível aos interesses dos grandes proprietários – amedrontados com o movimento grevista notadamente em São Paulo e Rio de Janeiro, os resultados da Revolução Russa,¹⁶⁰ a crescente organização de trabalhadores em sindicatos e com a disseminação das idéias comunistas – mas ao

¹⁵⁹ Neste manifesto, de maio de 1930, Luís Carlos Prestes, após o contato com a literatura marxista, apresenta um programa propondo “limitação das horas de trabalho; proteção ao trabalho das mulheres e crianças, seguro contra acidentes [...] com um governo baseado nos conselhos de trabalhadores da cidade e do campo, soldados e marinheiros [...] com a revolução agrária e antiimperialista, realizada e sustentada pelas grandes massas da nossa população”. BASBAUM, 1976, p. 277. Vol. 2.

¹⁶⁰ No início do século XX a Rússia desejosa de expandir-se sobre o oriente entra em guerra com o Japão. Derrotada e com a situação socioeconômica agravada conta com uma série de revoltas envolvendo camponeses, operários e marinheiros. Durante o envolvimento na I Guerra Mundial e com sucessivas derrotas contra a Alemanha desencadeia novamente uma série de revoltas populares e greves que levam a deposição do Czar Nicolau II e dão início a Revolução Russa. Durante o Governo Provisório a situação de miséria levou ao saque de propriedades da nobreza e à organização dos trabalhadores em conselhos. Em outubro de 1917 o Partido Bolchevique juntamente com anarquistas e socialistas depõem o Governo Provisório e delegam o poder governamental ao Conselho dos Comissários do Povo, que propõe a tomada do controle de todas as esferas da economia por parte dos conselhos operários, inclusive com a autogestão das empresas. Estas medidas recebem o apoio de toda a classe trabalhadora e repercutem pelo mundo. Posteriormente o estado, através do Partido Comunista, passa a ser o proprietário dos *meios de produção* com o poder de controlar a produção e distribuição da riqueza. TROTSKY, Leon. 3ª ed. *A história da Revolução Russa*. São Paulo: Paz e Terra, 1980, p. 23-48. Vol. 1

adaptar-se às condições das disputas eleitorais restringe-se basicamente a reivindicações trabalhistas, muito importantes no momento, pois buscam regulamentar o nível de exploração.

No entanto, não atingem o cerne do problema da produção e distribuição da riqueza, imprescindível para a transformação do tipo comunista.

Dessa forma, a chegada de Getúlio Vargas ao governo provisório, em 1930, expressa a aproximação ao governo de dois importantes setores da sociedade – uma parcela dos grandes proprietários e dos trabalhadores urbanos com a conquista de uma legislação trabalhista que incorpora antigas reivindicações – e promove a derrota de dois importantes levantes, a Revolução Constitucionalista e a Intentona Comunista.

O desenvolvimento das idéias fascistas¹⁶¹ no país encontra refúgio no novo governo, possibilita posteriormente instaurar o Estado Novo,¹⁶² em 1937, e transformar Rodrigo em um grande defensor do novo regime opressor

— Vocês só enxergam o lado negativo do Estado Novo. Dizem que ele suprimiu as liberdades civis, fechou a Câmara e o Senado, instituiu a censura, deu força ao DIP, e mais isto e mais aquilo [...] Vocês intelectuais vivem enchendo a boca com a palavra liberdade. Agora eu pergunto: para que as massas hão de querer liberdade? Para que querem imprensa livre os favelados? O que essa pobre gente deseja mesmo é ter o que comer, o que vestir e onde morar. (A. II, p. 168)

Esse discurso que aparentemente contraria os anteriores, revela a essência do regime burguês ao reservar, quando assim o faz, o mínimo para uma parcela da

¹⁶¹ A tentativa de colocar em prática as idéias de inspiração fascista se expressa, em 1932, inicialmente com Plínio Salgado a partir da fundação da Ação Integralista Brasileira, ao combater a democracia burguesa e o comunismo propõe um capitalismo reformado que garanta a prosperidade geral e o retorno de um estado de espiritualidade. BERTONHA, 2001, p. 59-69.

¹⁶² O Estado Novo no Brasil pode ser pensado como um poder centralizado e autoritário em que as liberdades democráticas são suspensas, os partidos políticos são fechados e cada estado da federação passa a ser comandado por um interventor nomeado pelo governo. BASBAUM, 1981, p. 277. Vol. 3.

população arrogando-se no pleno direito de instaurar, quando julga necessário, um regime ditatorial e torturador.

Estas idéias encontram resistência¹⁶³ e para Stein não resta dúvidas, somente as propostas de abolição das classes sociais (A. I, p. 81), a socialização dos *meios de produção* (A. I, p. 90) e o fim da redução de todas as necessidades humanas à necessidade do dinheiro (A. II, p. 42) são condições essenciais para o desenvolvimento pleno da democracia.

Queriam que eu denunciasse meus camaradas [...] Me meteram agulhas debaixo das unhas. Me queimaram o corpo todo com ferros em brasa. Me fizeram outras barbaridades que não posso contar na frente de senhoras. Me atiraram depois completamente nu, numa cela fria e jogaram água gelada em cima de mim. Mas não me arrancaram uma palavra. Mordi os beijos e não falei. (A. II, p. 302)

No entanto, estas possibilidades são colocadas em xeque quando a política adotada é a de conciliação entre essas classes, apresentada por Eduardo e o partido

Existiam poucos comunistas puros no município, mas era apreciável o número de elementos de esquerda ou esquerdizantes capazes de colaborar com o Partido. Podia-se contar também com os liberais e com os chamados progressistas [...] Prestes desconsertava os inimigos com discursos e manifestos. O que convinha para a classe operária – afirmava ele – era liquidar os restos de feudalismo que existiam no país e promover o desenvolvimento do capitalismo. Essa era a razão por que pregava uma ação democrática conjunta do proletariado e da burguesia progressista. (R., p. 12)

Essa posição política adotada no Brasil, que representa também o movimento do Partido Comunista Russo anterior a Segunda Guerra Mundial,¹⁶⁴ de Frentes

¹⁶³ Foi criada, em 1933, a Frente Única Antifascista (entre comunistas, socialista, anarquistas) que se contrapunha aos adeptos do integralismo. Em 1934 há uma violenta luta, conhecida como a *batalha da praça da Sé*, em que a Frente dissolve uma grande manifestação integralista. BERTONHA, 2001, p. 59-69.

¹⁶⁴ Com a intenção da Alemanha de conquistar o mundo e com a resistência de outros países de se deixarem dominar esta guerra, de 1939 a 1945, envolve países de todos os continentes, inclusive o

Populares,¹⁶⁵ mostra-se errada para Stein (A. II, p. 326), – que já havia avaliado suas conseqüências durante a Guerra Civil Espanhola,¹⁶⁶ obrigado a ser moderado no momento em que o fascismo golpeava os trabalhadores e o stalinismo assassinava “centenas de militantes anarquistas [...] e socialistas revolucionários”¹⁶⁷ contrários à aliança.

Inferimos que Stein aproxima-se da posição defendida por León Trotsky de Frente Única Revolucionária,¹⁶⁸ pois com a morte de Vladimir Ílitch Lênin aguarda ansioso a nomeação de Trotsky para secretário geral do Partido Comunista da União Soviética, mas decepção-se com a continuidade de Josef Stálin. Estes motivos justificariam sua perseguição e expulsão do Partido Comunista Brasileiro.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a derrota do nazi-fascismo¹⁶⁹ e a deposição de Getúlio Vargas, em 1945, torna-se necessário para a classe

Brasil, que por volta de 1941 deparava-se com discursos de Getúlio pró-Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Mais tarde integrar-se aos Aliados (França, Reino Unido, EUA, URSS e China). BASBAUM, 1981, p. 115-120. Vol. 3.

¹⁶⁵ A Frente Popular é uma coalizão governamental dos partidos socialistas e comunistas com os partidos burgueses em torno de um programa de capitalismo liberal. Em 1934 o “VII Congresso da Internacional Comunista oficializou a linha da Frente Popular em todo o mundo”. Esta coalizão se efetivou inicialmente em 1936 na França, entre o Partido Socialista, Partido Comunista e Partido Radical contra a ameaça fascista. Desenvolveu-se ainda neste mesmo ano durante a Guerra Civil Espanhola com a unidade entre o Partido Operário de Unificação Marxista, a Confederação Nacional do Trabalho e o Partido Comunista. Permitiu à burguesia espanhola permanecer no poder durante a crise revolucionária e a guerra civil. TROTSKY, Leon. *Aonde vai a França?* São Paulo: Editora Desafio, 1994, p. 13

¹⁶⁶ No início, a Frente Popular, formada antes da Guerra Civil Espanhola, expressava uma política de combate aos grandes proprietários de terra, à influência da Igreja Católica e aos privilégios dos ricos. Era apoiada pela União Soviética e pela esquerda internacional que organizou brigadas de voluntários. Franco era apoiado pelo clero, pelas forças conservadoras e pelas potências fascista e nazista. BERTONHA, 2001, p. 13. No entanto, o governo de Frente Popular desarmou as organizações populares e desautorizou as ações mais radicais a fim de manter as relações diplomáticas com as potências capitalistas.

¹⁶⁷ BRENER, Jayme. *Leste Europeu. A revolução democrática*. São Paulo: Atual, 1990, p. 12.

¹⁶⁸ Esta frente deveria ser composta com todos os setores que estivessem de acordo com a luta para fazer avançar a revolução em vários outros países derrotando suas burguesias. TROTSKY, op. cit., p. 23. Para Trotsky a política de Frente Popular levava a classe que vende a *força de trabalho* a capitular constantemente às exigências da burguesia.

¹⁶⁹ Entendemos que a idéia central que une o fascismo ao nazismo é a da “necessidade de substituição da luta de classes entre patrões e empregados pela luta das nações”. Segundo o historiador João Fábio Bertanha a primeira manifestação fascista, realizada em 1919 na Itália, procura neutralizar as greves com ocupação das fábricas por operários que varriam o país e afastar a ameaça de uma revolução nos moldes da Revolução Russa. Neste mesmo ano a Alemanha desestruturada pelos esforços de guerra também é sacudida por insurreições de grupos *de esquerda* desejosos de

proprietária, a criação de novos partidos que agreguem velhas políticas para uma democratização do país.

Neste momento, Rodrigo e Eduardo passam a defender, mesmo em partidos aparentemente antagônicos, a mesma política em favor do movimento queremista.

Com a derrota, Eduardo empenha-se na campanha eleitoral do PCB, mesmo sem conhecer a trajetória política do então candidato, pois nesse período o partido já havia iniciado a “linha dos conchavos secretos de cúpula, com inteiro desprezo pela opinião da base partidária e dos interesses do povo” (BASBAUM, 1981, p. 147). Decide-se, posteriormente, por transformar a parte que lhe toca da herança em granja coletiva. Rodrigo, mesmo apresentando sérios problemas de saúde, procura contribuir com a formação do PTB para concorrer às próximas eleições, mas não presencia a derrota do partido e a continuidade de sua classe no poder.¹⁷⁰

Ao observarmos as posições políticas da família Terra Cambará, como representantes da burguesia nacional, podemos perceber que apresentam êxitos. Desde meados do século XIX, momento de sua formação, ao apossar-se da propriedade privada da terra e ampliá-la até o ponto de transformá-la em poder político, os princípios liberais estiveram em total acordo com os interesses dos coronéis.¹⁷¹

repetir a experiência russa. Para tanto, Benito Mussolini e Adolf Hitler contam com o apoio das burguesias industriais e dos militares para eliminarem em seus países o Estado democrático, massacrarem seus opositores, suprimirem os demais partidos e a liberdade de imprensa, o que perdurou até 1945 com o fim da Segunda Guerra. *Fascismo, Nazismo, Integralismo*, 2001, p. 5-57.

¹⁷⁰ As eleições ocorridas em 02 de dezembro de 1945 deram vitória ao General Dutra candidato do Partido Social Democrático, “o partido dos senhores de terra e da burguesia agrária”. BASBAUM, 1981, p. 178. Vol. 3

¹⁷¹ Segundo Francisco M. P. Teixeira os coronéis “eram geralmente grandes proprietários de terras, mas entre eles também havia comerciantes, médicos, padres ou bacharéis do lugar. Eles eram a base de sustentação política das oligarquias, representantes e beneficiários do governo estadual nos municípios.” Controlavam a política nas suas localidades com a autoridade recebida do partido republicano. Os métodos de ação eram o clientelismo, as relações de favor e a força bruta. *Brasil: História e Sociedade*, 2000, p. 248.

A partir de 1930, como parte da classe dominante, assume a dúbia posição de manter-se com as propriedades agrárias ou com os rendimentos das sociedades industriais,¹⁷² mas mantém-se fiel ao poder de sua classe mesmo demonstrando-se golpeada pela decadência moral e pelo avanço das idéias socialistas, que impôs a burguesia nacional uma outra forma de fazer frente às reivindicações dos trabalhadores.¹⁷³

A formação da família Mau-Tempo, por volta de 1905, congrega a luta pela sobrevivência e a ausência de idéias políticas. Domingos Mau-Tempo “dentro de si não consegue encontrar paz, é um homem frenético que ainda bem não está sentado, já pensa em levantar-se, ainda bem não chegou a uma terra, já pensa noutra. É um filho do vento, um maltês” (LC., 27). Tem convicção da vida que pretende ter e propiciar à família: “eu bem sei o que faço, na Landeira é boa gente, há trabalho que compense, e eu sou homem de arte não ando agarrado ao rabo da enxada como teu pai e teus irmãos, aprendi ofício e sou capacitado” (LC., p. 29). E nem se dá conta do “clímax da rebelião antimonárquica” (SECCO, 2004, p. 44) que leva ao regicídio¹⁷⁴ e posteriormente à República.

¹⁷² Esta situação expressa algo que ocorria no Brasil neste período: Segundo o historiador Leôncio Basbaum nenhuma das classes e camadas sociais que haviam participado ou dado apoio a Revolução de 1930 conseguira a plenitude de suas ambições “setores da burguesia agrária, cultivadores dos produtos menores, gado, açúcar, algodão, etc que sonhavam em assumir o lugar do café, ficaram onde estavam. A burguesia industrial e os grupos financeiros tiveram de limitar-se a uma modesta participação no governo” [...] BASBAUM, 1981, p. 156. Vol. 3

¹⁷³ Desde 1917/18 o movimento dos trabalhadores recrudesciu – notadamente em São Paulo e Rio, onde havia maior concentração operária. “A luta tomou formas violentas de assalto a casas de gêneros alimentícios e tiroteio com a polícia. Em São Paulo se registra pela primeira vez no país uma greve geral de que participaram praticamente todas as categorias profissionais [...] Durante cerca de 30 dias esteve a cidade à mercê dos comitês de greve” – mas a partir de 1930 troca “sua liberdade e consciência de classe, envolvido a princípio pelo quererismo e depois pelo trabalhismo”, por direitos sociais e trabalhistas (Institutos de Pensões e Aposentadorias, Lei de Férias, estabilidade, dispensa com indenização) restritas apenas para aqueles que estivessem filiados aos sindicatos. BASBAUM, 1981, p. 156. Vol. 3.

¹⁷⁴ No início de 1908 o rei D. Carlos e o príncipe D. Luís Felipe foram assassinados por ativistas ligados ao Partido Republicano, que se opunha a ações violentas. Em 1910 chega ao fim a Monarquia e inicia a República. SARAIVA, 1999, p. 349.

A República reforça os ideais liberais presentes na Revolução de 1820, que se assentam “no direito à propriedade privada, do qual derivavam todas as outras liberdades: liberdade de não ser obrigado a fazer o que a lei não mandasse, nem deixar de fazer o que ela proibisse, [...] igualdade de direitos e de leis para todos [...]” (MARQUES, 1998, p. 471).

Mas o direito não se faz igual para todos, a terra não foi coletivizada e as leis obedecem ao poder de decisão dos proprietários que não favorecem a marginalizada família Mau-Tempo. “Impedir que um vento anárquico e subversivo da ordem social vigente varresse o País foi o grande objetivo dos gabinetes republicanos” (MARQUES, 1998, p. 561). O republicanismo

não podia alargar a cidadania política a essas mesmas populações porque isso significaria a marginalização política da elite de funcionários urbanos que chegavam ao aparato do Estado. Era preciso demonstrar, à direita, que se tinha autoridade para a governação, e, à esquerda, que se pretendia representar os marginalizados desde que esses não quisessem a rebelião social.¹⁷⁵

No entanto, as rebeliões são inevitáveis. Em 1912 eclode a primeira greve geral e o Governo decreta o estado de sítio em Lisboa, fecha a sede do movimento operário e prende centenas de pessoas (MARQUES, 1998, p. 607). O poder económico e político somente circula entre “frações de uma mesma classe social” onde a sociedade civil tem uma legislação eleitoral que restringe o direito do voto e uma política dominada por caciques locais.¹⁷⁶

Desta forma, a família Mau-Tempo, chega à época da Primeira Guerra Mundial se debatendo de um lado para o outro em busca de morada e de alimento.

¹⁷⁵ SECCO, 2004, p. 49.

¹⁷⁶ Segundo Natercia Crisanto cacique é a pessoa que, “devido ao facto de se encontrar numa situação de superioridade (normalmente económica ou pela força), exerce influência (predominantemente a nível político) e controla um grupo de pessoas”. *Nova História*, 1999, p. 284.

Por volta de 1917, “deixaram os Mau-Tempos de pedir às portas” (LC., p. 58) com a esperança de um melhor tempo começar.

Mas a escassez de gêneros, de primeira e de segunda necessidade, e o aumento no custo de vida levam os trabalhadores à greve geral por aumento salarial e redução da jornada de trabalho. “Houve luta armada, prisões e perseguições” (MARQUES, 1998, p. 606).

Essa situação cria uma agitação social que conturba “as grandes cidades e até a província, sobretudo nos meses de verão e outono de 1917, obrigando o Governo a adoptar medidas severas de repressão” (MARQUES, 1998, p. 569) a fim de coibir o desenvolvimento dos ideais comunistas.

Entretanto a repressão não resolve o problema e uma parcela dos trabalhadores sente a necessidade de se unir às organizações “*de esquerda*” que apresentam a proposta de um outro tipo de sociedade e obtém algumas conquistas.

E em 1919, a Federação Maximalista Portuguesa contribui para a expansão dos ideais comunistas que inspirada no primeiro *Manifesto do Partido Comunista*,¹⁷⁷ apresenta o “comunismo caracterizado pela abolição da propriedade burguesa e não pela abolição da propriedade em geral”. Com a pretensão de eliminar “o caráter degradante dessa apropriação que obriga o operário a viver exclusivamente para ampliar o capital e em função dos interesses da classe dominante”. Com a proposta de construir “um novo tipo de sociedade na qual o desenvolvimento social de todos se condiciona ao livre desenvolvimento de cada um”.

No entanto, algumas das reivindicações atendidas nas cidades não se estendem até os trabalhadores do campo:

¹⁷⁷ MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. 3ª ed. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global Editora, 1983, p. 29-36.

Os homens vão trabalhar para longe, onde se pode ganhar mais algum dinheiro. No fundo, são todos malteses, andam por aqui e por ali, e voltam a casa semanas ou meses depois para fazer outro filho [...] e os desgraçados todo o santo dia penando e às vezes de noite, contam-se as horas de trabalho pelos dedos de três mãos, quando não se tem de ir à quarta mão da besta enumerar o que falta, não se lhes enxuga a roupa no corpo durante toda a quinzena. (LC., p. 80)

Embora o programa do Partido Democrático proponha a “organização completa do operariado e a existência de comissões mistas efectivas de patrões e de trabalhadores para a resolução de problemas de salários, horários de trabalho, fixação de preços” (MARQUES, 1998, p. 583) na década seguinte – caracterizada por “situações instáveis e conturbadas” – a corrupção, atentados políticos, crise de autoridade e inflação tornam-se moeda corrente (MARQUES, 1998, p. 574). No campo, a situação é totalmente inversa.

A vida da família Mau-Tempo pouco muda. “Senhor José, fazia-me o favor de aviar, mas olhe que esta semana não lhe posso pagar o avio todo, porque tive uma semana ruim, depois de ganhando melhor ordenado pago-lhe tudo, esteja descansado, que não lhe fico a dever nada” (LC., p. 83).

Conjurando inquietações – dos proprietários, ameaçados pelo aumento dos impostos; da Igreja, que desejava conquistar a influência perdida; dos partidos, não dispostos a sustentar a hegemonia do Partido Democrático; da classe média, “saturada das constantes revoluções, receando o anarquismo e o bolchevismo e ansiando por um governo forte que restaurasse a ordem e a tranquilidade” (MARQUES, 1998, p. 579) – o republicanismo renuncia aos seus ideais e, em 1926, abre caminho para o regime ditatorial. Inspirado na ideia de uma sociedade social-católica, inicialmente simpático ao regime monárquico, apresenta-se contra a corrupção e a degradação da república parlamentar.

Os primeiros anos da ditadura agravam a situação. Com o poder inteiramente nas mãos dos militares, as divergências passam a ser consideradas atentado à ordem pública.

É estabelecida a censura prévia à imprensa, a proibição de funcionamento de partidos políticos, o aumento nos gastos militares e, conseqüentemente, a criação da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, que passou a ser conhecida posteriormente por Polícia Internacional de Defesa do Estado (P.I.D.E). Segundo o historiador A. H. de Oliveira Marques

a P.V.D.E. alcançou, sob o regime de Salazar, em todas as esferas da vida nacional, tais limites de poder e penetração que desafiaram a autoridade do próprio Estado – incluindo as Forças Armadas – e a converteram gradualmente num estado dentro dele. Da mesma forma que a Inquisição, teve de justificar a sua própria existência e os amplos poderes pela ‘invenção’ ou o exagero de ameaças à segurança do regime e pela ‘fabricação’ de comunistas e de outros perigosos opositores do Estado Novo.¹⁷⁸

Com o Estado Novo, em 1933, Salazar rejeita qualquer tipo de acordo com os grupos de oposição e decreta o funcionamento apenas de um único partido, que obtém a “adesão ideológica de muitos monárquicos, católicos, alguns liberais e alguns nacionalistas” (MARQUES, 1998, p. 655).

O controle sobre os trabalhadores se intensifica: “não falta por aí latifúndio que tenha o seu cárcere privado e o seu código penal próprio” (LC., p. 80). Sob ameaças, participam do comício, em 1936, contra os comunistas em luta na Espanha e ouvem o discurso:

¹⁷⁸ *Breve História de Portugal*, 1998, p. 651.

Salazar, o gênio que consagrou a sua vida ao serviço da pátria, contra a barbárie moscovita, contra esses comunistas malditos que ameaçam as nossas famílias, que matariam os vossos pais, que violariam as vossas esposas e filhas, que mandariam os vossos filhos para a Sibéria a trabalhos forçados, e destruiriam a santa madre igreja, pois todos eles são uns ateus, uns sem Deus, sem moral nem vergonha, abaixo o comunismo (LC., p. 93 e 94)

Para João Mau-Tempo o discurso apresentado desperta um outro sentimento – “que tristeza, foi tudo tão triste, e a gente pôs-se para ali a gritar como se nos tivessem pago para isso, e eu nem sei o que teria sido pior, não é justo [...] fomos como carneiros, como carneiros viemos” (LC., p. 96) – que encontra, posteriormente, refúgio na leitura dos papéis que recebe, às escondidas, de Sigismundo Canastro e conclui que “não há justiça se uns têm tudo e os outros nada” (LC, p. 212).

Enquanto alguns países entram na guerra para redefinir a geografia mundial apossando-se ou destruindo a força de trabalho, Portugal mantém-se neutro e amarga a reorganização do Movimento de Unidade Nacional Antifascista.

O fim da Segunda Guerra Mundial, 1945, coincide com o início da colheita de trigo e com o momento da reivindicação coletiva dos trabalhadores, que também amadurecidos não aceitam mais a jornada de trabalho estafante e o baixo salário.

João Mau-Tempo, Sigismundo Canastro (então membros do Partido Comunista) e Manuel Espada passam a organizar os trabalhadores no campo, para reivindicar aumento de valor do dia de trabalho.

Mesmo com a perspectiva de que se estabelecesse em Portugal uma situação democrática com a vitória dos Aliados na guerra, os trabalhadores, após a conquista, são duramente reprimidos, presenciam a morte de um lutador e sofrem constantemente com as ameaças de serem enviados para a África.¹⁷⁹

¹⁷⁹ Nesse período Portugal já contava com vários campos de concentração sendo um deles, Tarrafal, na ilha de Santiago em Cabo Verde. MARQUES, 1998, p. 651.

Neste mesmo ano, o Partido Comunista compõe o Movimento de Unidade Democrática, “uma espécie de Frente Popular contra o Estado Novo” (MARQUES, 1998, p. 632), para concorrer às eleições. Derrotado, sofre uma vasta perseguição daqueles que não aceitam oposição, que manda para a cadeia algumas centenas de pessoas e deixa muitas outras sob vigilância policial.

Seguindo a linha de atuação clandestina, Sigismundo Canastro passa a apresentar as propostas do Partido que vão ao encontro dos interesses expressos por uma parcela de trabalhadores:

Os trabalhadores distribuídos estão a ganhar dezesseis escudos de sol a sol, mas há muitos que não conseguem ser colocados, a fome está a ser igual para todos, nem os dezesseis escudos chegam para coisa nenhuma, os patrões riem-se de nós, têm trabalho para fazer e deixam as herdades no maior dó, não fabricam, o que devíamos fazer era ocupar as terras. (LC., p. 211)

E João Mau-Tempo paga caro por seguir o caminho “esteve seis meses preso, e fez a estátua setenta e duas horas e foi espancado” (LC., p. 261). Durante alguns anos essa situação de prisões dos trabalhadores em luta ou daqueles que expressam idéias contrárias se repete com o aval das classes proprietária e média. Somente no final da década de 1950

as restrições aos direitos políticos, que tinha sido desejadas e a seguir toleradas por uma classe média de raiz agrária em fase da depressão econômica, começaram a ser sentidas como imposições insuportáveis pela nova classe média industrial e mercantil em fase de expansão¹⁸⁰

¹⁸⁰ SARAIVA, 1999, p. 362.

Mesmo assim, em 1958, o sucessor de Salazar, Américo Tomás, mantém a repressão como método de controle sobre os descontentes que se levantam contra a política econômica ou contra o regime (LC., p. 315).

O desejo de liberdade marcou tanto a burguesia favorável, quanto “a burguesia hostil ao regime; à primeira inspirou o projecto da liberalização, à segunda o desejo da revolução, embora uma revolução burguesa que não fosse muito além do regresso às formas do parlamentarismo democrático” (SARAIVA, 1999, p. 363).

Enfrentando a repressão, os trabalhadores do campo insistem em reivindicar o que os trabalhadores da cidade já haviam conquistado: a redução da jornada de trabalho para oito horas, com descanso ao domingo e o aumento do valor do dia de trabalho. A necessidade de amenizar a exploração e garantir trabalho para todos contraria a lógica no latifúndio, expressa pelo narrador

Tendo nascido para trabalhar, seria uma contradição abusarem do descanso. A melhor máquina é sempre a mais capaz de trabalho contínuo, lubrificada que baste para não emperrar, alimentada sem excesso, e se possível no limite econômico da simples manutenção, mas sobretudo de substituição fácil, se avariada está, velha outra, os depósitos desta sucata chamam-se cemitérios, ou então senta-se máquina nos portais, toda ela ferrujosa e gemente a ver passar coisa nenhuma (LC., p. 327)

Estas reivindicações são recebidas de forma escandalosa pelos proprietários

Afinal que querem eles, se dormirem oito horas e trabalharem outras oito, que vão fazer as oito que sobram, o que tudo isso é bem eu sei, é um convite à malandrice, não querem trabalhar, são as idéias modernas, a culpa foi da guerra, perverteram os costumes [...] diga-me cá, e agora as oito horas, esta calamidade, o mal está em não se ter seguido a lei de Deus [...] querem entregar o país a Moscovo (LC., p. 328, 329)

Dessa forma, segue a década de 1960, que ao seu final conta com a posse de Marcello Caetano¹⁸¹ e posteriormente apresenta uma melhoria sensível para o campesinato com a “emigração de contingentes avultados para o estrangeiro [que] fez diminuir consideravelmente a oferta de mão-de-obra e obrigou a um aumento espetacular das jornas no campo” (MARQUES, 1998, p. 669).

Como no sistema capitalista, o aumento ou a diminuição da oferta gera grandes contradições e o equilíbrio não pode ser alcançado sem que alguém saia perdendo, há a necessidade de que os aparatos do Estado (governo, tribunais, constituição, PIDE, entre outros) juntamente com a participação constante da Igreja trabalhem unidos para a contenção dos levantes sociais.

Mas, nem o “humaníssimo” padre Agamedes, onipresente desde a formação da família Mau-Tempo, esperançoso na deuteronomia vingança divina (LC., p. 340) contra as rebeliões no latifúndio, consegue deter a fúria causada por tamanhas injustiças.

Por esse período o Partido Comunista Português – contrariando as resoluções do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, que declaravam a possibilidade de uma via pacífica ao socialismo – se vê obrigado a afirmar a via insurrecional como elemento necessário à derrubada do salazarismo.

Entre a pressão exercida pelos trabalhadores em luta dentro e fora do país,¹⁸² o esforço para controlar a inflação e contornar as tensões entre a grande, média e pequena burguesias, o Estado Novo mostra-se incapaz de sustentar suas estruturas

¹⁸¹ Marcelo Caetano tornou-se primeiro-ministro em 1968 e segundo o historiador Fernando Rosas era “visto como um potencialmente liberal e contava com um amplo leque de apoio político inicial. Até setores à esquerda, como socialistas e comunistas, não negavam na prática uma possível primavera marcelista”. Apud: SECCO, 2004, p. 97.

¹⁸² A partir da década de 1960 surgem os movimentos de libertação nacional em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

A sua célula de base encontrar-se-ia na família, os seus elementos fundamentais nas corporações morais, económicas e intelectuais, onde os interesses de patrões e empregados se harmonizariam com vista a um interesse comum, “nacional”. Seguindo a doutrina integralista, Salazar rejeitava a luta de classes como algo de inevitável, considerando-a antes como opondo-se frontalmente aos princípios do Estado Novo¹⁸³

A ideia de substituir a luta de classes entre patrões e empregados por um estado integral não condiz com a realidade e a dinâmica social existente e não encontra forças suficientes para manter a estrutura de poder.

Em 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas, que agrupa as oposições ao governo de Marcello Caetano, dá vazão e concretude aos desejos e necessidades de derrubada do regime com um programa de democratização do país (SECCO, 2004, p. 119). “Decorrida apenas uma semana, a comemoração do Dia do Trabalhador revelou que a revolução tinha encontrado uma ampla e calorosa adesão nacional” (SARAIVA, 1999, p. 367).

Organizado, no campo, pelos engajados do Partido Comunista, Sigismundo Canastro e Manuel Espada, o Primeiro de Maio Livre contou pela primeira vez com cartazes que traziam o símbolo comunista da foice e do martelo, representando o fim da clandestinidade.

Para a classe proprietária, pequena e média burguesia, as mudanças deveriam seguir no sentido do “restabelecimento de uma democracia pluralista, regresso aos partidos, liberdade de oposição, supressão da censura prévia à imprensa e extinção da polícia política” (SARAIVA, 1999, p. 367), ou seja, o regresso ao anterior regime democrático burguês em que se mantém o ideal liberal.

Para a direção do Partido Comunista Português as mudanças deveriam ser “consolidar as conquistas democráticas; legalizar os partidos políticos; pôr fim à

¹⁸³ MARQUES, 1998, p. 647.

guerra colonial; satisfazer as reivindicações imediatas dos trabalhadores e assegurar a realização de eleições livres” (SECCO, 2004, p. 120).

No entanto, para uma outra parcela do Partido Comunista e alguns grupos de esquerda,¹⁸⁴ “maioria dos intelectuais e grande parte da juventude universitária, a mudança era totalmente outra: colectivização dos meios de produção, instauração da sociedade sem classes, fim da economia de mercado” (SARAIVA, 1999, p. 368), isto é, um novo sistema que colocasse fim à exploração do homem pelo homem.

O poder assumido pela Junta de Salvação Nacional¹⁸⁵ contou desde o início com o projeto da democracia burguesa e teve o auxílio de algumas lideranças do Partido Comunista Português: “Pensam alguns que ser revolucionário é dizer palavras e fazer barulho. Mas nós vemos que ser-se revolucionário, neste caso, é defender os interesses de empresas, impedir que elas caiam” (SECCO, 2004, p. 132).

Este caminho trouxe para os campos do Alentejo grande desilusão: “que libertação foi esta, então já se fala que vai acabar a guerra em África e não acaba esta do latifúndio” (LC., p. 357).¹⁸⁶

No entanto, a conformação não se faz. O 25 de abril suscitou “uma vaga de pedidos e exigências provenientes de baixo, o que as classes dominantes portuguesas consideravam perigoso” (SECCO, 2004, p. 126).

¹⁸⁴ Em meio à repressão e a disposição de luta dos trabalhadores surgiram de 1960 a 1974 diversos grupos à esquerda de oposição ao governo. Segundo o historiador Lincoln Secco entre eles estão: Frente de Ação Popular (dissidente do PCP), Comitê Marxista Leninista, Liga de Unidade de Ação Revolucionária, Movimento Revolucionário do Proletariado, Organização Marxista Leninista Portuguesa e União Democrática Popular. Todos inspirados na Revolução de Outubro de 1917 na Rússia. 2004, p. 98.

¹⁸⁵ A Junta de Salvação Nacional constituída pelo Movimento das Forças Armadas nomeia o primeiro Governo Provisório formado a partir de uma aliança com o Partido Socialista (representado por Mário Soares) e com o Partido Comunista Português (representado por Álvaro Cunhal). Ibid., p. 120-145.

¹⁸⁶ Apenas para complementar a nossa compreensão sobre este processo buscamos conhecer a linha política adotada pelo Governo Provisório em relação aos trabalhadores: “A princípio o governo apoiou as ‘massas populares’ e reconheceu legalmente várias das suas ações” posteriormente a Junta informou que não mais permitiria a ‘ocupações abusivas de casas’ e passou a ser contra a “liberdade de greve” e a favor do “direito de greve”, afim de regulamentar esta conquista. Quanto ao Partido Comunista Português: “estava longe de ser aquele partido radical, que se preparava para a tomada do poder e a instalação de uma ditadura do proletariado”. Ibid., p.120-140.

Com a idéia de necessidade de transformação radical da sociedade, organizam-se Sigismundo Canastro, Manuel Espada, António Mau-Tempo, Maria Adelaide Espada e outros trabalhadores munidos da palavra de ordem *ocupar*. A ação coletiva impulsionada em vários cantos por engajados “*de esquerda*” e que conta com várias outras personagens é a concretização da idéia central de retirar das mãos de poucos os *meios de produção* para que a produção, equilibrada, seja distribuída entre os que trabalham.

Esta insustentável situação que coloca em movimento as *personagens engajadas*, unindo-as a tantas outras personagens anônimas transforma-se radicalmente em uma revolução em que a consciência e a luta dos vivos representam a continuidade da luta dos mortos em busca de transformar a sociedade para que cada um possa dar de si segundo as suas possibilidades e receber como resultado de seu trabalho a satisfação de suas necessidades.

Dessa forma podemos perceber que as posições políticas da família Mau-Tempo, como representante da classe que vende a *força de trabalho*, nem sempre são cheias de êxitos.

Desde a sua formação, quando passa boa parte do tempo a gerar riquezas sem conseguir utilizá-las amplamente em benefício da coletividade, sente toda a pressão da disseminação das idéias e da ação da classe proprietária.

A sua luta por sobrevivência é contraditória, pois ao mesmo tempo em que consome suas energias e pensamentos permite compreender as desigualdades existentes na prática cotidiana.

Assim, aprende a perder o “respeito” à propriedade privada dos *meios de produção* que a induz à ocupação e expropriação. Dota-se da idéia de que tal propriedade diferencia um homem de outro homem de forma injusta e gera as mais

diversificadas formas de violência e opressão. Chega a compreender, num longo trajeto, a crueldade da divisão existente na sociedade.

A negação de tal situação leva as personagens engajadas “*de esquerda*” a vislumbrar um outro tipo de sociedade em que os anseios da maioria, ou seja, dos trabalhadores, se sobreponha à cultura da exploração.

No entanto, ao não assumir o poder econômico e político, a sua classe, é golpeada constantemente por ideologias e ações repressivas para conter sua mobilidade e possível ascensão econômica, política, social e cultural.

Observar o longo tempo histórico e as oposições de idéias em *O Tempo e o Vento* e *Levantado do Chão*, através das famílias Terra Cambará e Mau-Tempo, possibilita-nos compreender como as personagens engajadas se apossam de determinadas teorias, desde o fim da Monarquia até o fim do Estado Novo, para responderem no dia-a-dia aos problemas que julgam importantes em períodos críticos da história que se apresentam nas narrativas.

Em *O Tempo e o Vento* a sucessão dos acontecimentos não segue a ordem cronológico-lógica. Floriano Terra Cambará, narrador-personagem, realiza um retrocesso histórico e alterna histórias para demonstrar a unidade da família que então se apresenta desintegrada. “Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado” (A. II, p. 410). Ainda nesse retrocesso apresenta alguns encaixes, isto é, narrativas que complementam a história da família.

Nesse caminho percorrido pela família Terra Cambará notamos que as idéias predominantes das personagens engajadas são faces de uma mesma moeda, ou seja, são dizeres que se apresentam diferenciados de acordo com cada época, mas

que não diferem em sua essência. Buscam amenizar as contradições existentes através de meios “legais” dispostos pela democracia ou ditadura burguesa para manter a forma ditatorial de conduzir a sociedade.

As idéias republicanas e liberais que se transformam em conservadoras coladas às idéias fascistas e integralistas que sustentam a classe proprietária dos *meios de produção* são direcionadas para a manutenção da ordem e do poder. São transmitidas como verdades incontestáveis e transformam as mais duras formas de violência em algo natural, aceito pelo Estado, Igreja e por uma parcela dos próprios trabalhadores.

Em *Levantado do Chão*, a sucessão de acontecimentos segue uma ordem cronológica, embora o narrador realize alguma antecipação. “Domingos Mau-Tempo não chegará a velho. Um dia, quando já tiver feito cinco filhos à mulher, mas não por razão tão comum, passará a corda pelo ramo duma árvore, num descampado quase à vista de Monte Lavre, e enforcar-se-á.” (LC., p. 23).

A família Mau-Tempo segue outro caminho e as personagens engajadas apossam-se das idéias comunistas. Buscam uma transformação radical na estrutura social e econômica, a fim de possibilitar que as relações humanas se desenvolvam sem a mediação da exploração.

Para tanto procura fortalecer o poder da classe que vende a *força de trabalho* e resiste às diversas formas de violência. No entanto, suas idéias são tidas como cruéis e vários instrumentos de repressão são utilizados contra a possibilidade de sua disseminação e fortalecimento entre aqueles que compõem a classe.

6.1. Encontros e Desencontros na trajetória histórica.

Notamos que o encontro no tempo histórico revela um desencontro nas idéias das personagens, que expressa valores estratégicos opostos entre as classes sociais presentes nas narrativas e modelos antagônicos de sociedade.

Enquanto alguns lutam pelo próprio enriquecimento e sua manutenção, outros lutam pelo fim da exploração a qual estão submetidos. No entanto, a exploração que se apresenta a partir da posse privada dos *meios de produção* e da distribuição injusta da riqueza produzida em nenhum momento deixou de predominar mundialmente durante o século XX.

Esta situação possibilitou o encontro de muitas personagens engajadas, estabeleceu uma profunda diferença no engajamento e despertou a ira em muitas personagens engajadas “*de esquerda*”. Mas, suas tentativas de transformação foram sempre sufocadas, às vezes, pelas forças opositoras, às vezes, pelas forças de atuação conjunta.

Em contrapartida a persistência do engajamento “*de direita*”, que tem predominado por toda a história, agrega as mais diversas forças para motivar o bom funcionamento do sistema de exploração, que pressupõe a acumulação para uns em detrimento da supressão da vida para outros.

Retomando a acepção de ideologia, apresentada por István Mészáros, como a consciência prática inevitável das sociedades de classe, relacionada com a articulação de valores rivais que tentam controlar o metabolismo social em todos os seus principais aspectos, podemos concluir que este desencontro nas idéias, expresso na comparação entre *O Tempo e o Vento* e *Levantado do Chão*, apresenta esta rivalidade às vezes de forma velada, outras vezes de forma transparente mas que indica o *engajamento* das personagens na disputa entre as classes sociais.

Conclusão: a impossibilidade do fim

O conceito de *engajamento político* reapropriado nas páginas precedentes, especialmente no capítulo 3, que conduziu este estudo comparado de *O Tempo e o Vento* e *Levantado do Chão* possibilitou-nos compreender que o estabelecimento de uma oposição entre a literatura “ocupada em participar da edificação [de um] mundo novo” e a “defensora de valores universais” não condiz com a justificada liberdade de criação artística, embora se tente resguardá-la a todo o momento.

O escritor como “porta voz de um patrimônio cultural coletivo”, o que pressupõe uma articulação entre tempo, espaço e contexto com suas continuidades e rupturas, ao unir sensibilidade e responsabilidade, embute na sua criação uma forma de posicionamento. Propor que sua produção seja isto ou aquilo é não se diferenciar, tentando uma diferenciação, do muito criticado realismo socialista.

Entendemos que a idéia de edificação de um mundo novo traz em si os valores universais, mas com o propósito de emancipar o homem em todas as suas dimensões vitais.

Em *O Tempo e o Vento* e *Levantado do Chão* podemos observar a descrição de uma sociedade, mantida ao longo do século, repleta de ilusões e conflitos. Deparamo-nos com personagens que *posicionam-se* politicamente assumindo os valores e as lutas de sua classe social expondo o funcionamento não democrático do sistema de exploração globalmente presente em ambas as sociedades.

Em *O Tempo e o Vento* encontramos, predominantemente, os engajados “*de direita*”, representados pelas famílias Amaral e Terra Cambará. O posicionamento pela manutenção da ordem faz com que a dimensão da política seja destacada do conjunto das relações sociais pelas quais reproduzem sua existência, ou seja, as personagens que assumem o poder político, econômico e impõe suas idéias não

são as mesmas que produzem a riqueza. Isso é evidente desde o início da formação dessas famílias.

Em *Levantado do Chão* temos os engajados “*de esquerda*” em plena atividade política com os membros da família Mau-Tempo. As relações que os envolvem possibilitam o desenvolvimento de um outro tipo de indivíduo capaz de agregar a dimensão política, econômica e cultural e um outro tipo de sociedade. Essas personagens que produzem a riqueza são as mesmas que assumem o controle sobre o produto do trabalho e rompem com a separação entre poder político e econômico, evidenciado com o processo revolucionário do 25 de abril.

Ao considerarmos o estudo realizado sobre o *engajamento político* e ressaltarmos essas questões, podemos compreender ambas as obras como exemplos de literaturas engajadas.

No entanto, ao observarmos a trajetória de Érico Veríssimo e de José Saramago, também a partir deste prisma, podemos pensar Érico como um escritor atuante e Saramago como um escritor engajado. Entendemos que do ponto de vista da literatura esta diferenciação não enaltece e nem diminui nenhum escritor. Mas como o sistema literário é formado também pelo público leitor, esta diferenciação torna-se relevante aos olhos e aos corações dos leitores engajados se considerarmos, principalmente, o tempo histórico.

O *engajamento político* presente nessas obras deixa transparecer um tempo em que o processo revolucionário, ocorrido na URSS em 1917, representava a ameaça de expansão da Revolução Socialista para os demais países do mundo, mesmo que tardiamente como em Portugal e países africanos.

São notáveis as referências feitas por ambos os narradores a essa ameaça: “Reconheço também que devemos à presença da Rússia no mundo, e ao trabalho

dos comunistas através de todos os outros países, essas mudanças que estão por assim dizer esquerdizando o capitalismo, obrigando-o a revisar sua política” (A. II, p. 50) / “o domínio dos mares é indispensável, revolução na Rússia, bolchevismo” (LC., p. 57).

Com o fim do Leste Europeu, em 1989, sem que o movimento revolucionário tenha atingido o objetivo da revolução mundial, o posicionamento do engajamento ligado a uma parcela dos engajados, obviamente a “derrotada”, foi confinado à posição de inferioridade¹⁸⁷ já que ficava “fora de moda” se manter engajado num momento em que não haveria mais a alternativa do projeto socialista.

Uma outra tentativa de barrar essa possível experiência pelo mundo foi a disseminação da idéia de dicotomia entre países democráticos e totalitários, desenvolvida desde a Primeira Guerra Mundial, enquadrando a experiência russa, em sua totalidade, no segundo caso.

Essas idéias que tentavam remodelar o pensar encontraram bases objetivas, após a Segunda Guerra Mundial e obstáculos a partir da década de 1970, quando o aumento da capacidade produtiva da sociedade já demonstrava que não encontraria mercados suficientes por onde escoar os capitais e a produção de forma lucrativa e continuada.

No entanto, esses obstáculos fizeram com que uma parcela dos engajados, a classe proprietária, passasse a ter maiores preocupações com o investimento no

¹⁸⁷ As tentativas de eliminação ou guetização dos ideais comunistas se estenderam por toda a história do século XX e chegaram aos dias atuais. Os aparatos burgueses – instituições, imprensa e igreja – utilizaram desde a eliminação física de seus partidários até formulações de sentenças contrárias à razão (“comunistas devoram crianças”; “comunistas são ateus e estabelecem pactos com o demônio”; “os comunistas tomarão as nossas casas”; “os ideais de transformação social ficaram no passado”; “a forma atual de organização social é a única possível”; etc.) para criar um perfil absolutamente negativo do comunismo e para tentar eliminar suas idéias. Essa prática busca concretizar o ideário necessário para a burguesia tentar impor sua utopia de eterna classe dominante contrariando, inclusive, a dinâmica histórica.

mercado de ações¹⁸⁸ e com a aprovação de “organismos supranacionais” que definissem políticas a serem adotadas para facilitar que o poder totalitário norte-americano, com aparência de democrático, se estendesse sobre os outros países do globo.

É a partir desse contexto que a reapropriação do termo *engajamento político* se fez necessário para esse estudo comparado. Não se trata de banalizar a sua existência, o que propomos foi trabalhar com o conceito transcrevendo um significado distinto que possibilita visualizar igualdades e diferenças entre o engajamento “*de direita*”, “*de centro*” e o engajamento “*de esquerda*” encobertos, ainda hoje, com as máscaras necessárias para disfarçar a dinâmica existente entre as classes sociais.

Acompanhamos através da trajetória das personagens engajadas que a relação de exploração estabelecida entre as classes sociais, isto é, entre as personagens-proprietárias e as personagens-trabalhadoras, necessária para a ordem capitalista, perpetua o *engajamento*. Num sistema voltado para a manutenção da propriedade privada dos *meios de produção* com vistas à acumulação individual da riqueza produzida, conseqüentemente haverá aqueles que lutarão pela sua permanência como haverá aqueles que lutarão pelo seu fim.

Essa luta que se expressa de forma coletiva, a partir da participação dessas personagens em organizações políticas, fez-nos pensar no papel desempenhado por essas organizações ao longo da trajetória do engajamento presente nas obras.

Observamos que os partidos considerados “*de direita*”, vários ao longo das narrativas, mantiveram-se coerentes aos objetivos centrais da classe proprietária, “a reação da direita respondeu não ao bolchevismo como tal, mas a todos os

¹⁸⁸ JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro. Ensaio sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 143-172.

movimentos que ameaçavam a ordem existente da sociedade ou podiam ser culpados pelo seu colapso”,¹⁸⁹ mesmo que para isso tivessem que implantar modelos fascistas ou nazistas como o mais longo de todos, em Portugal.

No entanto, o partido “*de esquerda*”, isto é, o Partido Comunista, o único efetivamente presente em ambas as obras, reconhecidamente o reprodutor, no Brasil e em Portugal, da política definida pelo Partido Comunista da União Soviética, não se manteve alinhado aos princípios comunistas – de extinção da propriedade privada dos *meios de produção* com o equacionamento do tempo de trabalho necessário para o atendimento das necessidades humanas e a realização do indivíduo.

Segundo Eric Hobsbawm com a Revolução de Outubro a Rússia via o capitalismo mundial como o inimigo a ser derrubado pela revolução mundial, essa revolução não se deu. O comunismo de base soviética passou, então, a ser um programa voltado para transformar os países atrasados em avançados. Conseqüentemente buscando alianças com as burguesias nacionais. Já em 1920 “o que governava o país era um mato rasteiro de pequenos e grandes burocratas”. Entre 1927 e 1931, o sistema totalitário se consolidou na URSS com o culto exaltado do líder, imputação de crime a qualquer oposição e ampla influência da polícia secreta, o que buscava impor o controle total sobre todos os aspectos da vida e do pensamento.¹⁹⁰

A impossibilidade do atendimento das necessidades humanas levou os membros do partido que estavam no poder a subsumir a continuidade do sistema de exploração, deixando de lado a luta pela revolução mundial e o objetivo primeiro do comunismo, a realização plena do indivíduo.

¹⁸⁹ HOBBSAWN, 1998, p. 128.

¹⁹⁰ HOBBSAWN, 1998, p. 223-363.

O Partido Comunista Brasileiro e o Partido Comunista Português absorveram drasticamente esses impactos da era stalinista.

No Brasil, segundo Leôncio Basbaum, a Intentona Comunista, em 1935, frente entre PCB e a ANL por liberdades democráticas e um governo popular, buscou atrair a pequena-burguesia descontente com o governo de Getúlio e mesmo sem atrair os trabalhadores, foram para esse embate.¹⁹¹

Em *O Tempo e o Vento* observamos a irradiação dessa posição, Stein e Eduardo são filiados ao partido. O primeiro, trotskista não aceita as tendências totalitárias da direção nacional e sofre as perseguições. O segundo, stalinista não questiona e cumpre as diretrizes partidárias com o comodismo de filho da burguesia.

Segundo Lincoln Secco, em Portugal, os comunistas ansiavam por um braço militar-revolucionário que os conduzisse ao poder e desde o VI Congresso do Partido, em 1965, definira a insurreição como caminho para a superação do salazarismo e rejeitava a política pacifista de outros comunistas europeus. No entanto, após esse momento o partido tornou-se moderado para atrair um setor importante dos capitães e suprimiu a expressão “ditadura do proletariado” do programa, comprometendo-se com a democratização formal do país.¹⁹²

Em *Levantado do Chão* notamos que a iniciativa de reorganização das personagens, no momento subsequente ao 25 de abril, para ocupação das fazendas e posse dos *meios de produção* coube a Manuel Espada, integrante mais recente da organização partidária, que não tomara conhecimento das últimas decisões do Partido.

Assim, com este estudo comparado, chegamos a compreensão de que o *ambiente do engajamento* é amplo e comporta as mais diversas posições políticas.

¹⁹¹ BASBAUM, 1981, p. 66-87. Vol. 3.

¹⁹² SECCO, 2004, p. 124.

No entanto, o engajar é muito mais do que a tomada de posição sobre um determinado assunto. Engloba a busca por desvendar as aparências e compreender a essência do funcionamento da sociedade; a compreensão de que a história da humanidade tem sido pautada por desigualdades que levam a lutas ou disputas. Compartilha as propostas programáticas de uma organização política a fim de fomentar idéias e ações.

Enfim, essa compreensão nos fez observar a personagem engajada “*de direita*” disposta a conservar e/ou aprimorar os mecanismos de exploração em benefício da classe proprietária, o “*de centro*” a aceitar mudanças na distribuição da riqueza como forma de amenizar os problemas e de humanizar ou democratizar o sistema de exploração e finalmente a “*de esquerda*” a agir em favor da classe que vende a *força de trabalho* para pôr fim à exploração de uma classe sobre a outra a fim de construir uma sociedade justa.

O posicionamento de Saramago, vinte anos após a experiência revolucionária portuguesa e cinco anos após a queda do muro de Berlim, de que se faz necessário lutar pela humanidade socialista sem acreditar no “capitalismo de rosto humano, que tanto se falou nas tais décadas atrás”; sua crítica de que a “funesta prática dos países ditos do “socialismo real, foi uma caricatura trágica do ideal socialista”; e a certeza de o ideal socialista “apesar de tão espezinhado e escarnecido, não morreu, perdura, continua a resistir”¹⁹³ contribuiu para que chegássemos ao século XXI com a conclusão de que a própria realidade injusta, representada nas obras, conduz ao engajamento e à impossibilidade de seu fim no sistema de exploração e conseqüentemente na literatura.

¹⁹³ SARAMAGO, 1998, p. 421.

Referências Bibliográficas:

Érico Veríssimo:

Veríssimo, Érico. *O Tempo e o Vento – O Continente*. São Paulo: Circulo do Livro, 1984.

_____. *O Tempo e o Vento – O Retrato*. São Paulo: Circulo do Livro, 1984.

_____. *O Tempo e o Vento – O Arquipélago*. São Paulo: Circulo do Livro, 1984.

_____. *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Editora Globo, 1935.

_____. *Clarissa*. São Paulo: Editora Globo, 1933.

_____. *Incidente em Antares*. São Paulo: Editora Globo, 1971.

_____. *Música ao Longe*. São Paulo: Editora Globo, 1935.

_____. *Olhai os Lírios do Campo*. São Paulo: Editora Globo, 1938.

_____. *O Prisioneiro*. São Paulo: Editora Globo, 1967.

_____. *O Resto é Silêncio*. São Paulo: Editora Globo, 1942.

_____. *O Senhor Embaixador*. São Paulo: Editora Globo, 1965.

_____. *Solo de Clarineta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Vol. 2

_____. *Saga*. São Paulo: Editora Globo, 1940.

_____. *Um lugar ao Sol*. São Paulo: Editora Globo, 1936.

José Saramago:

SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *A jangada de Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

_____. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Cadernos de Lanzarote II*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- _____. *Ensaio sobre a Lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *Manual de Pintura e Caligrafia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.
- _____. *Memorial do Convento*. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2003.
- _____. *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.
- _____. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *O Homem Duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *Todos os Nomes*. São Paulo: Planeta D'agostini, 2003.
- _____. *As Intermittências da Morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Sobre Érico Veríssimo:

- BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Érico Veríssimo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- _____. (org.). *A liberdade de Escrever - Érico Veríssimo. Entrevista sobre literatura e Política*. São Paulo: Editora Globo, 1999.
- _____ e ZILBERMAN, Regina. *O Tempo e o Vento: História, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: PUC Rio Grande do Sul, 2004.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Érico Veríssimo – realismo e sociedade*. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.
- FAURI, Ana Letícia. *O pensamento político de Érico Veríssimo. Questões de identidade e ideologia*. Porto Alegre, 2005. Tese de Doutorado apresentada à área de Teoria Literária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- FRESNOT, Daniel. *O pensamento político de Érico Veríssimo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. *Érico Veríssimo O Romance da História*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

Sobre José Saramago:

ARIAS, Juan. *José Saramago: O amor possível*. Rio de Janeiro: Manati, 2003.

COSTA, Horácio. *José Saramago: o despertar da palavra*. In: *CULT – Revista Brasileira de Literatura*, nº 17, ano II. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

MARTIN, Vima Lia de Rossi. *Trajetória do discurso utópico – Uma leitura comparativa entre Levantado do Chão, de José Saramago e Yaka, de Pepetela*. São Paulo, 1998. Dissertação de Mestrado apresentada à Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo.

SARAMAGO, José. *História e ficção*. In: *JL – Jornal de Letras, Artes e idéias*, nº 400, ano X, período 06 a 12/03/90. Lisboa: Publicações Projornal, 1990.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *José Saramago: entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

VENTURA, Susanna Ramos. *Escritores visitam escritores. A leitura de Fernando Pessoa – Ricardo Reis, por José Saramago e de Graciliano Ramos e Cláudio Manuel da Costa, por Silviano Santiago*. São Paulo, 2001. Dissertação de Mestrado apresentada à Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo.

Bibliografia Geral:

ABDALA, Benjamin Jr. *A escrita neo-realista*. São Paulo: Ática, 1981.

_____. *De Vãos e Ilhas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Fronteiras Múltiplas, Identidades Plurais*. São Paulo: Senac, 2002

_____. “Globalização e identidade: a bacia cultural ibero-afro-americana em perspectiva” In: *Literaturas em Movimento*. CHAVES, Rita e MACÊDO, Tânia. (orgs.). São Paulo: Arte & Ciência, 2003. p. 127 a 146.

_____ e PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História Social da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982.

_____. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo: Scipione, 2004.

_____. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1989.

_____ e CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ática, 2004.

AGUIAR, Flávio e CHIAPPINI, Ligia. *Civilização e exclusão*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

ANDERSON, Perry. *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. *O fim da História: De Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1992.

ARISTÓTELES, *Poética*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

BASBAUM, Leôncio. 4ª Ed. *Historia Sincera da República*. São Paulo: Alfa-Omega, 1982. Vol. 1.

_____. 4ª Ed. *Historia Sincera da República*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. Vol. 2.

_____. 4ª Ed. *Historia Sincera da República*. São Paulo: Alfa-Omega, 1981. Vol. 3.

_____. 2ª Ed. *Historia Sincera da República*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977. Vol. 4.

BECKERMAN, Olinto. (trad.) *Sobre Literatura e Arte. Marx – Engels*. São Paulo: Global, 1986.

BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). *Rio Grande do Sul – Aspectos da Cultura*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENOIT, Denis. *Literatura e Engajamento de Pascal a Sartre*. Bauru: Edusc, 2002.

BERTONHA, João Fábio. *Fascismo, nazismo, integralismo*. São Paulo: Ática, 2001.

_____. 2ª ed. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Saraiva, 2001.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURNNEUF, Roland e OUELLET, Rêal. *O universo do Romance*. Coimbra: Almedina, 1976.

BRENER, Jayme. *Leste Europeu*. São Paulo: Atual, 1990.

CÂNDIDO, Antônio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Edusp, 1975 .

_____. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

_____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARVALHAL, Tânia Franco e COTINHO, Eduardo F. *Literatura Comparada: textos fundadores*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

CHASIN, J. (org.). *Crônicas da Comuna*. São Paulo: Ensaio, 1992.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.

CHIAVENATO, Júlio José. *As lutas do povo brasileiro*. São Paulo: Editora Moderna: 1989.

CRISANTO, Natercia et al. *Nova História*. Porto: Porto Editora, 1999.

ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FACIOLI, Valentin. *Breton e Trotski. Por uma Arte Revolucionária Independente*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

FAGUNDES, Antonio Augusto. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1998.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.

FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1990.

FROMM, Eric. 7ª ed. *Conceito Marxista do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

GALEANO, Eduardo. 26ª ed. *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A voz itinerante: Ensaio sobre o romance português contemporâneo*. São Paulo: EDUSP, 1993.

- HARNECKER, Marta. 2ª ed. *Os conceitos elementares do materialismo histórico*. São Paulo: Global, 1983.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSBAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. 2ª. Ed. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOWE, Irving. *A política e o romance*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- IASI, Mauro Luis. *Processo de Consciência*. São Paulo: CPV, 1999.
- _____. *As metamorfoses da consciência de classe*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- _____. *O inconsciente político*. São Paulo: Ática, 1992.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. 10ª ed. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 2005.
- LUKÁCS, G. *Teoria do romance*. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Editorial Presença, s/d.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. (coord.) *História de Portugal Contemporâneo. Economia e Sociedade*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. 3ª ed. *Breve História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- MARX, Karl e ENGELS, Friederich. *Manifesto do Partido Comunista*, São Paulo: Global Editora, 1983.
- _____. *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*. Lisboa: Editorial Avante, 1982.
- MATTOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. 7º vol.
- MÉSZÁROS, István. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- _____. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MORAES, Dênis. *O imaginário vigiado*. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1994.
- NETO, Simões Lopes. *Contos Gauchescos & Lendas do Sul*. Porto Alegre: Editores L&PM, 1995.
- NOVAES, Adauto (org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- NUNES, Benedito. *O Tempo na Narrativa*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- REIS, Carlos. *Textos teóricos do Neo-realismo português*. Lisboa: Seara Nova, 1981.
- REUTER, Yves. *Introdução à Análise do Romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTILLI, Maria Aparecida de Campos Brando. *Arte e representação da realidade no romance português contemporâneo*. São Paulo: Quíron, 1979.
- SARAIVA, José Hermano. 20ª ed. *História Concisa de Portugal*. Portugal: Europa-América, 1999.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a Literatura?* São Paulo: Editora Ática, 2004.
- SCHÜLER, Donaldo. *Teoria do Romance*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 2002
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos*. São Paulo: Ed. Alameda, 2004.
- SINGER, Paul. *O Capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica*. São Paulo: Moderna, 2001
- TEIXEIRA, Francisco M. P. *Brasil: História e Sociedade*. São Paulo: Ática, 2000.
- TENGARRINHA, José. *História de Portugal*. São Paulo: Edusc, 2000.
- TEXTOS. *Karl Marx e Friedrich Engels*. São Paulo: Edições Sociais, 1976. Vol. II
- TROTSKY, Leon. *Aonde vai a França?* São Paulo: Desafio, 1994.
- _____. 2ª ed. *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánches. *As idéias estéticas de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- _____. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968
- VERÍSSIMO, Érico. *Breve história da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Globo, 1995.
- ZILBERMAN, Regina. *Literatura Gaúcha. Temas e Figuras da Ficção e da Poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editores L&PM, 1985.

Endereço eletrônico:

Revista *Carta Capital*: www.cartacapital.com.br

Revista *Carta Maior*: www.cartamaior.com.br

Revista *Primavera Vermelha*: www.espacosocialista.kit.net

Revista *Crioula*: www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula

Revista Marxista: www.marxists.org

Partido Comunista Português: www.pcp.pt

Apêndice B - LEVANTADO DO CHÃO

PRESIDENTES 1ª REPÚBLICA 1889/1930

- 1889/91 - 1º PRES. DEODORO DA FONSECA
- 1891/94 - FLORIANO PEIXOTO
- 1894/98 - PRUDENTE DE MORAIS
- 1898/02 - CAMPO SALES
- 1902/06 - FRANS. RODRIGUES ALVES
- 1906/09 - AFONSO PENNA
- 1910/14 - HERMES DA FONSECA
- 1914/18 - VENCESLAU BRÁS
- 1918/19 - DELFIM MOREIRA
- 1919/22 - EPITÁCIO PESSOA
- 1922/26 - ARTUR BERNARDES
- 1926/30 - WASHINGTON LUÍS
- 1930 - JÚLIO PRESTES/GOLPE

Apêndice C - Linha do Tempo I - O TEMPO E O VENTO

Apêndice D - Linha do tempo II - O TEMPO E O VENTO

PRESIDENTES 1ª REPÚBLICA 1889/1930

- 1889/91 - 1º PRES. DEODORO DA FONSECA
- 1891/94 - FLORIANO PEIXOTO
- 1894/98 - PRUDENTE DE MORAIS
- 1898/02 - CAMPO SALES
- 1902/06 - FRANS. RODRIGUES ALVES
- 1906/09 - AFONSO PENNA
- 1910/14 - HERMES DA FONSECA
- 1914/18 - VENCESLAU BRÁS
- 1918/19 - DELFIM MOREIRA
- 1919/22 - EPITÁCIO PESSOA
- 1922/26 - ARTUR BERNARDES
- 1926/30 - WASHINGTON LUÍS
- 1930 - JÚLIO PRESTES/GOLPE

Apêndice C - Linha do Tempo I - O TEMPO E O VENTO

Apêndice D - Linha do tempo II - O TEMPO E O VENTO

Apêndice E - Linha do tempo - LEVANTADO DO CHÃO